



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANTÓNIO DUARTE PINTO

Educar para a Paz na adolescência

Contributo para a lecionação da Unidade Letiva 4 - *Paz Universal* - do 7º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2018

“E preciso saber o que se procura para saber o que se encontra”

Ditado popular

RESUMO

O ser humano continua à procura da Paz e da felicidade. Atualmente fala-se tanto de Paz e esta continua tão distante. Paz, uma das palavras mais repetidas frente à inclemência de guerras, violência, desunião familiar e étnica.

Um dos caminhos que conduz à felicidade é sem dúvida a Paz, um bem muito almejado e tantas vezes pouco possuído. O presente trabalho tem por objetivo encontrar caminhos onde também as sensações ajudem a conduzir à Paz, para que este anseio profundo da humanidade possa ser alcançado. Centramo-nos na adolescência, uma fase de (re)adaptações e por ser o alvo das aulas de Educação Moral Religiosa Católica.

A condição humana poderá colocar-se sob as regras naturais e as dos meios culturais de gestão da vida. As respostas a situações que os seres humanos vão inventando por vezes traduzem conflitos. São apresentadas cada vez mais propostas inovadoras, variando entre as solidárias e as egoístas. Nos países mais desenvolvidos do mundo, grupo das quais Portugal faz parte, parece não haver tanta preocupação com a questão do *ser* mas, sobretudo com o *ter*. Curiosamente parece haver um declínio discrepante quando nos questionamos e aos alunos sobre a Paz consigo próprio.

A Paz individual é caminho para a felicidade. Neste contexto, vamos explorar algumas propostas tendo por base sensações que se traduzem em emoções propostas pelo cristianismo.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica apresenta-se pois como caminho educativo para que a partir também das sensações se possa encorajar, treinar e praticar o comportamento altruísta. Partindo do coração, lugar da intervenção de Deus, alicerçamos a construção da Paz.

O enquadramento criado leva-nos a apresentar uma proposta de lecionação para a Unidade Letiva quatro do 7.º ano do programa de Educação Moral e Religiosa Católica – A Paz universal.

PALAVRAS-CHAVE: Paz, felicidade, justiça, responsabilidade, liberdade, dignidade, amor, homeostasia, diálogo, perdão e sensação.

ABSTRACT

The human being continues to seek peace and happiness. There is so much talk about peace today and it continues so far. Peace, one of the most repeated words in the face of the inclemency of wars, violence, family and ethnic disunity.

One of the paths that leads to happiness is undoubtedly peace, a very longed for and often so little possessed. The aim of the present work is to find ways in which sensations also help lead to peace, so that this deep yearning for humanity can be achieved. We focus on adolescence, a phase of (re) adaptation and for being the target of the EMRC (Catholic Religious Moral Education) classes.

The human condition may be placed under the natural rules and those of the cultural means of managing life. The responses to situations that humans are inventing sometimes translate into conflict. More and more innovative proposals are presented, ranging from solidarity to selfish. In the most developed countries of the world, a group of which Portugal is a part, there seems to be less concern for the question of being, but especially about having. Curiously, there seems to be a discrepant decline when we question the students about peace with themselves.

The Individual peace is the way to happiness. In this context, we will explore some proposals based on feelings that translate into emotions proposed by Christianity.

The discipline of EMRC (Moral and Catholic Religious Education) is therefore an educational path so that from the sensations, it is possible to encourage, train and practice altruistic behavior. Starting from the heart, place of the intervention of God, we base the construction of peace.

The framework created leads us to present a teaching proposal for the Letiva Unit four of the 7th year of the Catholic Moral and Religious Education program- Universal Peace.

KEYWORDS: peace, happiness, justice, responsibility, freedom, dignity, love, homeostasis, dialogue, forgiveness and sensation

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - A PAZ NUMA DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA E CRISTÃ.....	2
1. A Paz	2
1.1. <i>Conceptualização de Paz</i>	3
1.2. <i>O modelo de Ulisses e a formação social do ser humano</i>	4
1.3. <i>Apelo ao prazer e o controlo racional</i>	9
1.4. <i>Apelo ao dever com fundamentação ética</i>	11
1.5. <i>Policromia Sentimental colaboradora da homeostasia</i>	12
1.6. <i>A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a busca da justiça</i> ...	13
2. A adolescência e a procura da ordem	17
2.1. <i>Uma época de mudanças e desafios à educação</i>	18
2.2. <i>Sociedade de consumo e a prática da cidadania</i>	23
2.3. <i>Pseudo cultura erotizada e o entendimento da realidade</i>	26
2.4. <i>Declaração Universal dos Direitos Humanos e a igualdade</i>	28
3. A Paz como dom de Deus	30
1.1. <i>A Paz como fruto do Espírito</i>	32
1.2. <i>A Paz fruto da Caridade</i>	36
1.3. <i>A Paz fruto da Justiça</i>	42
1.4. <i>A Paz terrena como imagem de Cristo</i>	48
CAPÍTULO II- PAZ UNIVERSAL: PEDAGOGIA E DIDÁTICA	52
1. Caracterização da escola e comunidade educativa	52
1.1. <i>Identificação do local de Estágio</i>	52
1.2. <i>A escola Dr. Francisco Sanches</i>	52
1.3. <i>Caracterização da turma</i>	53
1.4. <i>Caracterização psicológica dos alunos do 3º ciclo quanto às</i> <i>Dimensões Pedagógicas que referenciam o programa de EMRC</i>	53
1.5. <i>As finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica</i>	55

2. O enquadramento da Unidade Letiva	56
3. Proposta de planificação e descrição da Unidade Letiva	57
3.1. Aula n.º 1 – <i>Introdução a conceitos de Paz e sentimentos associados.....</i>	57
3.2. Aula n.º 2 – <i>Tentativa de definição de Paz e símbolos a partir da visão</i>	59
3.3. Aula n.º 3 – <i>Saber ver e escutar. Promoção do Bem comum (diálogo, perdão e reconciliação).....</i>	60
3.4. Aula n.º 4 – <i>Instituições de promoção do bem comum. O Perfume da Paz...</i>	62
3.5. Aula n.º 5 – <i>Prémios Nobel da Paz. Saborear a gratidão</i>	64
3.6. Aula n.º 6 – <i>Educar para uma sociedade pacífica. O tato do cuidar do outro.....</i>	65
4. Avaliação e reflexão da Unidade Letiva	66
CONCLUSÃO	71
BIBLIOGRAFIA	73
ANEXOS	82



INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete um pouco daquilo que somos e do que procuramos aperfeiçoar. Um dos desejos mais relevantes da humanidade é a Paz. Vamos tentar clarificar um pouco deste tema tão complexo.

Iniciamos este relatório, pois Educação Moral Religiosa católica, a partir daqui designada EMRC, é uma disciplina que nos fascina. Partimos com sentimentos de entusiasmo e desafio sem nunca deixar de prever algumas apreensões.

A execução de um trabalho desta envergadura relembra a fragilidade e o medo de quem se coloca nesta tarefa, pois “dissecar” uma unidade letiva como é o caso da *Paz Universal* é tomar consciência da pequenez daquele que se aventura nessa tarefa.

A razão que nos levou a desenvolver a Unidade Letiva 4- *Paz Universal* parte do contacto com adolescentes que se encontram numa busca desmedida de Paz intrínseca e social.

A disciplina de EMRC poderá pois dar o seu contributo para uma reflexão que provoque a descoberta do indivíduo e das suas finalidades pessoais e sociais.

Este relatório é composto por dois capítulos. Parte-se da dimensão antropológica e cristã da Paz e avançamos para uma possível proposta de lecionação da Unidade letiva 4- Paz Universal.

É este o contexto: o de educação de adolescentes, onde nos colocamos num permanente desafio de empatia e provocação, que promova uma reflexão que certamente conduzirá ao desenvolvimento de competências de cada um e de todos. Vamos pois lançar pontes para o futuro, partindo do que somos e avançando para o que queremos ser, onde cada um projete e ajude os membros da sociedade.

Na sua estrutura, o Relatório segue a norma Chicago 16 A e, no seu conteúdo, rege-se de acordo com a nova norma ortográfica da Língua Portuguesa.



CAPITULO I - A PAZ NUMA DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA E CRISTÃ

Neste capítulo vamos apresentar algumas das possibilidades de concetualização de Paz. Começamos pelo período clássico e num (re)olhar para a justiça, reapropriamo-nos de um património herdado incomensurável. Neste contexto terminamos abordando a Declaração Universal dos Direitos Humanos que se apresenta como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e nações.

1. A Paz

Vamos abordar a Paz nas perspetivas individual e social. Esta busca inicia-se na antiguidade clássica, derivado entre o prazer e o dever, numa policromia sentimental que também é regulada não só pela razão como pela vontade e sensibilidades.

Vamos centrar-nos na adolescência, pois é correspondente ao público-alvo em que é lecionada esta unidade letiva. Nesta fase da vida há a tomada de autoconsciência e introspeção. Valoriza-se mais a diferença que a semelhança. Este é portanto um momento para se compreender que as diferenças são a evidência que todos temos diferentes qualidades, daí necessitamos uns dos outros. Os adolescentes partem em busca de novas sensações, em descobrir o mundo à sua volta, afastando-se do mundo e das sensações que tiveram na infância. Portanto, o adolescente à procura da identidade. Este será um momento favorável para, através das sensações o fazer refletir sobre o mundo da qual faz parte. As atividades que partem das sensações serão motores para encorajar a um comportamento de Paz a partir do interior da humanidade. O dom da Paz é posto a germinar no coração de cada aluno e, assim irá desenvolver-se nos diferentes cantos do globo. Uma Paz que é para ser cultivada à imagem da Paz de Cristo, ou seja, que reflita dons de humanidade.



1.1. *Conceptualização de Paz*

Quando se fala em Paz, são várias as definições que nos podem vir ao pensamento: pode-se associar a Paz à Paz interna, sendo esta a Paz interior do indivíduo, ou seja um indivíduo que não se encontra em conflito consigo mesmo e a Paz externa, que é relativa ao estado de não conflituosidade entre os indivíduos ou grupos de indivíduos. Normalmente, a Paz é apresentada num sentido negativo, sendo que o sentido positivo é atribuído à guerra, ou seja, a Paz é vista como o estado de não guerra, o que faz com que, todas as situações sejam abrangidas num momento ou noutro. No entanto esta é uma definição demasiado restrita de Paz.¹ Os sinónimos mais comuns para a palavra “Paz” incluem “amizade”, “harmonia”, “concórdia”, “tranquilidade”, “repouso”, “quietude”, “trégua”, “pacificação” e “neutralidade”². No entanto, as descrições do conceito da Paz ainda são bastante limitadas. Qualquer tentativa de articular a natureza da Paz e da pacificação deve abordar as condições que são favoráveis ao seu aparecimento, sendo que a liberdade, os direitos humanos e a justiça estão entre os pré-requisitos. Também estão incluídas estratégias pró-ativas, como a resolução de conflitos, a ação não violenta, a construção do sentido de comunidade e a democratização da autoridade.

O processo de Paz deve reconhecer e combater a sua alternativa, a guerra, por causa do seu grande potencial de violência e de desrespeito pelos direitos mais fundamentais da vida humana. A Paz é a ausência de violência em todas as suas formas – física, social, psicológica e estrutural.³ Existem pois, vários tipos de Paz e guerra. Assim, pode existir guerra, a designada guerra fria⁴, Paz fria e Paz calorosa. Na guerra verifica-se uma condição de hostilidade grave e envolvimento físico através de formas militares como é o caso de artilharia, mísseis, bombas, armas pequenas, fogo, lança-chamas, minas terrestres e marítimas, sendo o principal objetivo a destruição do inimigo, ou seja, a vitória sobre o perdedor. Já na guerra fria existe hostilidade mútua sem o envolvimento real, ou seja, sem o envolvimento violento físico efetivo, não chegando à guerra. Esta

¹ Cf. Jorge Viera da Silva, *A Verdadeira Paz: Desafio do Estado Democrático* (São Paulo: Sielo, 2002).

Acedido a 5 de março de 2018. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000200005.

² Cf. Paz in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Acedido a 5 de março de 2018, disponível em : <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Paz>.

³ Cf. Filipe Lopes, *Os conceitos de Paz e violência cultural: Contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos Athenea Digital*, Universidade de São Paulo, 16 de março de 2013, 169-177. Acedido a 5 de março de 2018, disponível em www.raco.cat/index.php/Athenea/article/download/291660/38014.6

⁴ Significado de guerra fria, acedido a 5 de janeiro de 2018, disponível em <https://www.significados.com.br/guerra-fria/>.



condição é caracterizada por propaganda, preparativos de guerra, e corrida ao armamento. Durante uma guerra fria o nacionalismo prevalece e o objetivo é que se verifique um impasse onde nenhum dos lados irá iniciar a agressão com receio de uma retaliação destrutiva, seja ela convencional ou nuclear. No que concerne à Paz fria, verifica-se que existe uma visão neutra acerca de um antigo inimigo. A hostilidade existente é muito pouca, mas existe também falta de interações mutuamente benéficas destinadas a desenvolver confiança, interdependência e colaboração. Pode haver o receio de um inimigo, sendo este encarado como uma preocupação nacional, promovendo o nacionalismo, mas também o isolacionismo, não existindo um objetivo claro porque não existe nenhum objetivo bem definido. Em contraste, a Paz calorosa envolve esforços colaborativos ativos projetados para "construir pontes" entre inimigos passados e presentes. Isso envolve a busca de um terreno comum e o desenvolvimento de inimigos não-humanos, ou seja, ameaças à saúde ou ao bem-estar da humanidade e do planeta. Estes novos inimigos incluem abusos dos direitos humanos, poluição do ar e da água, diminuição dos recursos energéticos, destruição de a camada de ozono, a fome, a pobreza e a falta de acesso à educação. A Paz calorosa promove a interdependência, os direitos humanos, democratização e uma Organização das Nações Unidas eficazes. O objetivo é a proliferação de relações de cooperação e resultados mutuamente benéficos.

1.2. O Modelo de Ulisses e a formação social do ser humano

No início desta aventura de redação de um relatório de prática de ensino supervisionado, revisitamos as memórias. Num singelo “olhar” para a herança que recebemos da nossa literatura deparamo-nos com o que de mais belo se produziu. Uma verdadeira Odisseia. Cantos antigos e milenários, na sua profunda humanidade comovem os homens e mulheres de todos os tempos. Estas foram leituras preferidas da juventude grega e ajudaram sempre as novas gerações a ser verdadeiramente helénicas.

Ao longo da história que nos é narrada por Homero deparamo-nos com situações claras de falta de liberdade. O selvagem primitivo que é perseguido pelas necessidades básicas, comparável a um veículo que deve utilizar o seu escasso combustível para conseguir mais combustível. O escravo que dispõe de combustível, mas tem a direção bloqueada e os povos que vivem na miséria que carecem da liberdade real como os



primitivos. Há ainda os que vivem sob um regime totalitário, que tem a “direção bloqueada”, trata-se de uma versão moderna da antiga escravidão.⁵ Estou a recordar a passagem da Odisseia onde refere “lá explicámos, como pudemos, quem éramos e donde vínhamos. Pedíamos só - dissemos - a hospitalidade piedosa que nunca se recusa aos viajantes de boas intenções e que os deuses mandam não negar... Não o comoveram estas palavras humildes. Começou logo a clamar, em altos berros, que não conhecia leis de hospitalidade, que os Ciclopes eram mais fortes do que os deuses, e que bem escusávamos de lhe rogar piedade, que esta só dependia das disposições em que estivesse...”⁶.

Em todos estes casos, o Homem não é dono de si, não forja a sua personalidade e não pode desfrutar da vida. O Grego é pois o primeiro povo que se pode chamar Homem, no sentido de ser livre e está disposto a tirar dela o máximo partido. Do ponto de vista social, em vez de ser um a pensar por todos, pensam todos por si mesmos e em vez de trabalharem todos para um, trabalham para si mesmos. Começam pois a colocar-se questões como: o que quero fazer? O que posso fazer? O que devo fazer? O que é melhor?

No tempo presente não nos questionamos muito sobre o que é a justiça, pois temos um vastíssimo património herdado que nos permite compreendê-la.

Hoje ficamos assombrados ao ver-nos ao espelho dos modelos dos personagens homéricos. Estes são cultos e ignorantes, educados e grosseiros, pacientes e irritados, valentes e cobardes, astutos e simples, rudes e ternos. Basta reler esta passagem: “Ulisses, imperturbável, sempre sereno, que fez então? Contentou-se em avisar o petulante, com mansas palavras de censura, de que não é honesto perseguir os pobres, de que os ricos de hoje são os pobres de amanhã, e que só valem as riquezas da alma, que são eternas e não precípuas como as outras...”⁷.

Descobrimos que são como nós, mas na realidade é o inverso, nós é que somos como eles, estamos configurados pela sua herança.⁸ Ulisses constitui um ensaio do extraordinário microscópio humano com a sua infinita variedade de ações, paixões e sentimentos.

⁵ Cf. Homero, *Odisseia*, capítulo 7, 45. Acedido em 12 de janeiro de 2018, disponível em <https://www.livros-digitais.com/homero/odisseia/45>.

⁶ *Ibidem*, capítulo 7, 47.

⁷ *Ibidem*, capítulo 16, 120.

⁸ Cf. José Ramón Ayllón, *Desfile de Modelos: Análise de la conducta ética* (Madrid: Editions RIALP, SA, 2010), 36.



Ulisses é a mais significativa resposta de Homero à pergunta: o que significa ser Homem? Ulisses é a melhor resposta possível, a mais humana.

O que é próprio da liberdade inteligente é lançar pontes para o futuro. Ponte entre o que eu sou e o que quero ser. Está evidente que o que quero ser ainda não o é. Daí que teremos que prever. Prever significa antecipar. É neste antecipar que encontramos as raízes latinas para a prudência. A prudência é pois a arte de dar os passos oportunos para conseguir o que ainda não tenho. De outro modo podemos pensar que é a forma inteligente do homem e mulher, senhores de si se conduzirem retamente e escolherem o melhor.

Ulisses é uma demonstração perfeita da inteligência prática. Chega a uma ilha desconhecida, vê fumo, escuta o vagido de ovelhas e cabras e decide descobrir o terreno: vou aproximar-me desses homens para saber quem são. Quando descobre o ciclope na sua gruta, toma as precauções oportunas. Aqui Ulisses evidencia a prudência, mas outras qualidades fundamentais são a conduta justa e esforçada. Ulisses trazia experiência assimilada. Um desses exemplos é o vinho forte e delicioso que costumava beber em Itaca. Esta experiência permite-lhe salvar a vida. “Ulisses foi então dando os odres de vinho ao Ciclope, que se deliciou com ele e, em reconhecimento pelo saboroso presente, prometeu ao herói que o devoraria em último lugar. De caminho, perguntou a Ulisses como se chamava, ao que ele lhe respondeu: ‘Ninguém’. Bebido o vinho até à última gota, Polifemo adormeceu, altura em que Ulisses e os companheiros que ainda não tinham sido comidos aproveitaram para lhe furar o único olho e o cegar. Aos gritos de pedido de ajuda do gigante, acorreram os outros Ciclopes, que lhe perguntavam quem lhe estava a fazer mal. Mas, como Polifemo respondia: ‘Ninguém’, foram-se embora convencidos de que ele não estava no seu perfeito juízo”⁹.

Até aqui vimos a prudência, sendo a arte para dar os passos para conseguir o que ainda não se alcançou. Como a sociedade está prevista para que cada um proteja e ajude os seus membros, é condição necessária que cada um respeite os direitos dos outros, isto é a justiça. Se a perfeição da liberdade é a prudência a da sociabilidade é a justiça. A justiça é pois a qualidade da conduta que permite a convivência. A justiça é o que define o Homem, daí que Polifemo é considerado selvagem, desconhecedor da justiça e das leis. Ulisses quando chega a uma terra pergunta: que tipo de homens é a terra onde cheguei?

⁹ A História de Ulisses, acessado em 24 de janeiro de 2018, disponível em <http://www.olimpvs.net/index.php/mitologia/a-historia-de-ulisses/>.



São soberbos, selvagens e faltos de justiça ou amigos dos forasteiros e com sentimentos de piedade para com os deuses?

A vida humana não se realiza com facilidade, é necessário um esforço inteligente. Para se poder chamar Homem, tem que se superar muitas debilidades. Homero apresenta-nos um Ulisses paciente, resignado, esforçado e magnânimo. Perante o infortúnio, Ulisses diz: “Imagina outro naufrágio, mais uma vez o fim e o recomeço de tudo”¹⁰, Indicando o ânimo paciente, capaz de suportar muitas contrariedades. A maior fortaleza é a que nutre a maior esperança. A sua mulher e a sua pátria alimentam a heroicidade do rei de Itaca, porque não há nada mais doce que a terra de um Homem e de seus pais, por mais rica que seja a casa onde habita em terra estrangeira e longe dos seus. Que lições retirar de Ulisses? Na sua vida só alcança a Paz depois de repor a ordem no palácio e no reino. “Mas há quem diga que a sua sede de aventuras não cessou e que foram muitas as viagens que empreendeu e as cidades que fundou. Lisboa teria sido uma delas”¹¹.

Na Grécia há pois preocupação com a educação ou paideia. Inicialmente, a palavra referia-se à educação familiar, aos bons modos e princípios morais. Será na mesma Grécia que se inicia um modelo de educação com um sentido relativamente semelhante ao que se utiliza hoje. Os gregos são os primeiros a colocar a educação como problema: na literatura grega surgem esses sinais de questionamento do conceito. Assim, na sociedade ateniense, "paideia" passa a referir-se a um processo de educação às quais os “estudantes” eram submetidos. Um programa que procurava atender a todos os aspetos da vida do homem e mulher. Entre as matérias abordadas estavam a geografia, história natural, gramática, matemática, retórica, filosofia, música e ginástica. Antes disso, o conceito que originalmente exprimia o ideal de formação social grego estava contido em outro termo, "aretê" (em grego, adaptação perfeita, excelência, virtude)¹². Formulado e explicitado nos poemas homéricos, a “aretê” era entendida como um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais, atributo próprio da natureza (como por exemplo, a bravura, coragem, força, destreza, eloquência, capacidade de persuasão, enfim a heroicidade). A partir do século V a. C., o conceito de aperfeiçoamento do ser humano para o bem da sociedade como um todo vai evoluindo. A noção agora vigente é que, para além de formar o ser humano, a educação deve ainda formar o cidadão, deixando de ser

¹⁰ Maria Alberta Meneses, *Ulisses* (Porto: Porto Editora, 2016), 70.

¹¹ Cf. A História de Ulisses, acedido em 24 de janeiro de 2018, disponível em <http://www.olimpvs.net/index.php/mitologia/a-historia-de-ulisses/>

¹² Cf. Aretê, acedido a 16 de fevereiro de 2018, disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/virtude.htm>



suficiente a simples e antiga educação baseada na ginástica, música e gramática. O conceito acabado da paideia torna-se o ideal educativo da Grécia clássica. Com o tempo passou a designar o resultado do processo educativo que se prolonga por toda vida, muito para além da escola. Até à atualidade os seus ideais são imitados em praticamente todo o mundo, como um perfeito entendimento de formação social do ser humano.¹³

Não vamos dissertar sobre a evolução histórica da educação mas ressaltar que “o educando progride no processo educativo na medida em que toma consciência da sua dignidade e da dignidade dos outros, em que se concilia, a pouco e pouco, com o seu meio humano e com o próprio ambiente e em que aprende a própria relação com o divino, a qual permite perceber todos os contornos da sua existência pessoal e social”¹⁴. Este é pois um horizonte a ter presente pois o “Ao educador, promotor da maturação humana, cabe um árduo trabalho, expresso em variadas vertentes: descobrir e orientar as capacidades de cada um dos educandos; alimentar adequadamente, pela proposta de conhecimentos e atitudes, a sua real existência, a fim de que ele se compreenda e se tome a sério como ser em construção e como membro de um corpo em crescimento, que é a sociedade”¹⁵. É aqui que colocamos o papel relevante de EMRC “além de *ajudar a conhecer* e a interpretar a nossa cultura, marcada nas suas expressões literárias e artísticas pelo cristianismo, torna-se também uma disciplina de grande importância para aprender a viver juntos e para aprender a ser”¹⁶. Vamos pois e tentar encontrar algumas propostas educativas para contextos onde a globalização e a consequente mobilidade das populações geram novas perspetivas educativas e criam novos desafios à educação. A par da multiplicidade de talentos individuais, surge a pluralidade das expressões culturais. A educação, para além de ter necessariamente em conta a construção da harmonia pessoal com o grupo de pertença, é chamada a integrar toda riqueza multicultural. Este é o desafio que se coloca no contexto da Escola Dr. Francisco Sanches. A “autoridade em educação passa mais pelo que se vive e faz e não só pelo que diz”¹⁷.

Como sabemos é à família que em primeiro lugar cabe a tarefa de educar, mas esta precisa da colaboração da sociedade. O Estado presta um serviço à comunidade no

¹³ Cf. Conceito de Paideia, acedido a 16 de fevereiro de 2018, disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/paideia/conceitodepaideia.htm>

¹⁴ Carta Pastoral sobre a Educação: “Direito e Dever – Missão nobre ao serviço de todos” (2002), EDUCRIS, acedido a 3 de julho de 2018, disponível em <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>.

¹⁵ *Ibidem*, 3.

¹⁶ *Ibidem*, 3.

¹⁷ *Ibidem*, 14.



campo da educação. Aos pais cabe também a tarefa de apoiar as instituições que os auxiliam na responsabilidade da educação. Cabe-nos a todos garantir o acesso a uma participação ativa e consciente na riqueza cultural e na vida cívica. Para isso temos que promover um desenvolvimento equilibrado de todas as vertentes da pessoa, sem exclusão de nenhuma, ou seja, incluindo a religiosa, como às vezes acontece. “A educação integral é o corolário legítimo da dignidade humana”¹⁸.

As aulas de EMRC privilegiam uma educação para a cidadania integral. Esta será a fundamentação de uma formação para a Paz. Entre os seus princípios estão a educação para a transcendência, comum a todas as civilizações e culturas, que dota os seres humanos da possibilidade de entender o outro, bondade, verdade, beleza e os mistérios da fé. Neste contexto, torna-se fácil a promoção de um espaço e de um tempo de descoberta onde os adolescentes são convidados ao exercício mútuo da compreensão, da cooperação e da entreatajuda, alicerçando valores na sua personalidade que farão deles, no futuro, o sustentáculo da Paz e da difusão do amor de Cristo.

1.3. *Apelo ao prazer e o controlo racional*

Na atualidade o culto do prazer não é exclusivo de minorias, mas estende-se a sociedades inteiras que o legitimam, diversificam e incentivam. A sociedade não se dedica a vencer o desejo mas a exacerbá-lo. Este é o tempo do eu, do corpo e do bem-estar. Parece-nos que neste contexto é apropriado ao educador abordar a questão do apelo do prazer. Há a tendência de viver conforme os apetites e correr atrás do agradável. Estes desejos, como será de esperar, não se orientam nem submetem a uma autoridade. Será por isso que, por exemplo o negócio das drogas é tão rentável?

Neste momento surge-nos a questão de como usar a temperança (o equilíbrio). Para o ser humano torna-se indispensável o bom uso da razão e não apenas a orientação pelo prazer. Hoje torna-se muito difícil abordar este assunto uma vez que há muito apelo ao cognitivo em determinadas situações desligadas da ética.

Em conversa com os adolescentes chegamos a diálogos que nos levam a refletir sobre uma panóplia de situações de vida. Os jovens regem-se pelo prazer sempre com o intuito da busca da felicidade. Os modelos impostos pelos meios de comunicação e pela

¹⁸ *Ibidem*, 28.



sociedade fazem-nos por vezes “andar na superficialidade”. Quantas crianças, adolescentes e jovens, não nos interpelam com as suas angústias? Rapidamente nos apercebemos, que para os cristãos, não são apenas o prazer físico, dinheiro ou vida sumptuosa que trazem a felicidade, mas sim uma consideração correta dos desejos em função da saúde do corpo e da tranquilidade do espírito. Esta será perspectiva será apresentada ao aluno para que desenvolva linhas intelectivas de raciocínio sobre a vontade. O Papa Francisco aponta que “O princípio da maximização do lucro, que tende a isolar-se de todas as outras considerações, é uma distorção conceptual da economia: desde que aumente a produção, pouco interessa que isso se consiga à custa dos recursos futuros ou da saúde do meio ambiente; se o derrube duma floresta aumenta a produção, ninguém insere no respetivo cálculo a perda que implica desertificar um território, destruir a biodiversidade ou aumentar a poluição”¹⁹.

Fica sempre a questão: como controlar os desejos?

O controlo racional seguindo orientações anteriormente referidas dos desejos, poderão pois contribuir para a Paz individual e social.

Aqui lembramos a necessidade de uma educação da emotividade e do instinto. Neste sentido torna-se indispensável refletir sobre a importância de limites. “O excesso, o descontrole, a obsessão por um único tipo de prazeres acabam por debilitar e combalir o próprio prazer, e prejudicam a vida da família. Na verdade, pode-se fazer um belo caminho com as paixões, o que significa orientá-las cada vez mais num projeto de auto doação e plena realização própria que enriquece as relações interpessoais no seio da família. Isto não implica renunciar a momentos de intenso prazer, mas assumi-los de certo modo entrelaçados com outros momentos de dedicação generosa, espera paciente, inevitável fadiga, esforço por um ideal. A vida em família é tudo isto e merece ser vivida inteiramente”²⁰.

Neste caminho e nesta fase da vida da adolescência, os alunos estão já em condições de aprofundar conhecimentos e experimentar os valores assimilados nas suas vidas concretas, nas experiências que desenvolvem com os pares, com os pais e com os professores. Diz o Santo Padre: “Desejo propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se

¹⁹ Papa Francisco, *Laudato Si* (Prior Velho: Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 29 de junho 2009), n°195.

²⁰ Papa Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, (Braga, Diário do Minho, Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março de 2016), n°148.



trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem ‘uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária’²¹. É a partir das emoções dos alunos que vamos criar reflexões e a partir desta motivações para uma ação pessoal e comunitária do cuidar e do responsabilizar-se. Este é o princípio da Paz que poderá concretizar-se através de um pensamento apresentado na encíclica *Laudato Si*, onde se diz “A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante: a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza”²².

Estes princípios são encarados com entusiasmo pelos alunos, tantas vezes ávidos de conhecer e estabelecer uma relação entre a ciência e a fé, que deverão ser motivos de um desenvolvimento de competências essenciais à construção de um mundo a que aspiramos.

1.4 *Apelo ao Dever com fundamentação ética*

Neste momento, vamos abordar a questão do dever, uma vez que nos parece estar a ser progressivamente substituído pelo *individualismo*²³. Teremos que refletir sobre o Homem que não se limita aos instintos. O que sabemos impõe-se com elegância de uma obrigação livre. O que sabemos é pois o compromisso que todos assumimos de sair da “selva” para nos estabelecermos no domínio da dignidade.²⁴ Isto significa sair da força bruta pelo respeito mútuo, num compromisso recíproco. Este princípio converte-nos a todos em credores e devedores, ou seja, devo e devem respeitar-me. Partindo sempre do direito à vida²⁵, da qual derivam os direitos à integridade física, à propriedade privada e à

²¹ Papa Francisco, *Laudato Si, Si* (Prior Velho: Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 29 de junho 2009), n° 216.

²² *Ibidem*, n° 155.

²³ tendência para se libertar de toda a obrigação de solidariedade, para só pensar em si. Cf. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Acedido a 2 de abril de 2018. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/individualismo>

²⁴ Doutrina segundo a qual o princípio ético fundamental é o respeito da pessoa humana em si mesma e nos outros. cf. in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Acedido a 2 de março de 2018, disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dignidade>.

²⁵ http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf cf Artigo 3.



liberdade. Há traços da vida humana que são necessários a qualquer sociedade. Trata-se de formas básicas de verdade e justiça que desenvolvem uma sociedade civilizada. Assim, hoje a ética²⁶ baseada no dever, pode ser entendida como um fundamentalismo, no entanto sem esta, dificilmente a vida humana poderá ser reconhecida como tal. Fundamentando-nos na ética, estaremos a trilhar caminhos para a Paz.

1.5 *Policromia Sentimental colaboradora da homeostasia*

O comportamento humano apresenta uma raiz que não se identifica com o conhecer nem com o querer, mas com sensações que se concretizam em sentimentos de agrado e desagradado. O sentimento nem é instinto nem pura razão. “Os sentimentos são os motivos para reagirmos a um problema e monitorizam o êxito da resposta ou a falta dele.”²⁷

Ao longo do tempo, o ser humano desenvolveu religiões, princípios morais, modos de governação, economia, filosofia, artes, ciência e tecnologia... sempre com o fim de melhorar a sua vida. Apesar deste desenvolvimento em cada momento vão surgindo situações de sofrimento e ausência de Paz. Será sempre necessário defender a vida e a dignidade da pessoa, pois estes são os alicerces da humanidade. Diz-nos António Damásio que “uma vida sentida, mas não analisada não seria curável”²⁸. Isto leva-nos a pensar que as “feridas” poderão encontrar a cura nos sentimentos, sendo estes colaboradores da homeostasia²⁹ individual e social. Uma homeostasia que contribui para a ordem, sendo esta fundamento da Paz.

Defrontamo-nos na Escola com uma sociedade de grandes fragilidades sociais, económicas e culturais. Há um apelo em cada rosto para reconhecer Jesus nos pobres e

²⁶ disciplina que procura determinar a finalidade da vida humana e os meios de a alcançar, preconizando juízos de valor que permitem distinguir entre o bem e o mal. Cf. in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Acedido a 2 de abril de 2018, disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ética>.

²⁷ António Damásio, *A Estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*, (Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2017), 31.

²⁸ *Ibidem*, 315.

²⁹ Propriedade de determinados seres vivos de manterem em equilíbrio todas as suas funções e a própria constituição química dos seus tecidos, apesar das variações do meio ambiente. Cf. *homeostasia* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Acedido a 4 de abril de 2018, disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/homeostasia>.



atribulados. Consideramos a empatia³⁰ a chave do sucesso educativo. Esta será o local onde se “revela o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, com os quais se procura configurar todo o santo”³¹.

1.6. A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a busca da justiça

Antes de se falar especificamente sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, é importante refletir sobre o que é a Dignidade da Pessoa Humana, onde se baseia esta importante declaração.

A palavra dignidade aparece como sendo um dos principais fundamentos das sociedades democráticas, como sendo um conceito onde reina a autonomia da pessoa e o seu poder de determinar o sentido e o teor da sua própria dignidade.

O princípio da dignidade humana assume-se como o valor de que se cobre tudo aquilo que não tem preço, ou seja, não é passível de ser trocado por um equivalente. Dessa forma, a dignidade é uma qualidade inerente aos seres humanos enquanto entidades morais na medida em que exercem de forma autónoma a sua razão prática, os seres humanos constroem personalidades humanas distintas, cada uma delas absolutamente individual e insubstituível. Consequentemente, a dignidade é totalmente inseparável da autonomia para o exercício da razão prática, e é por esse motivo que apenas os seres humanos possuem dignidade.³²

O princípio da dignidade humana aparece como um princípio jurídico que pode ser utilizado na execução e também na circunscrição do conteúdo dos direitos fundamentais que estão consagrados constitucionalmente ou na divulgação de direitos fundamentais não escritos.³³ Mas em que consiste o princípio da dignidade humana? Este princípio consiste na elevação da pessoa a um fim supremo do Direito e também do

³⁰ Identificação emocional com o eu de outro. Cf *empatia* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Acedido a 5 de julho de 2018, disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/empatia>.

³¹ Papa Francisco, Exortação apostólica *Gaudete et exultate* (Prior Velho: Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março 2018), nº 96.

³² Cf. Lucas Mateus Dalsotto in *Theoria*, Revista Eletrônica de Filosofia da Faculdade Católica de Porto Alegre, Volume V, nº14, 2013, 129-141. Disponível em: http://www.theoria.com.br/edicao14/dignidade_humana_em_kant.pdf

³³ Jorge Reis Novais, *A dignidade da pessoa humana* (Lisboa: Almedina, 2015).



Estado³⁴. A pessoa humana consciente da sua dignidade toma cada vez mais parte ativa na vida pública do Estado, exigindo que os direitos inalienáveis e invioláveis sejam afirmados e fundamentando a Paz. Assim, a pessoa humana não pode ser instrumentalizada nem dirigida a uma outra dimensão além da que ocupa, ou seja, a de valor supremo que deve nortear o mundo jurídico sendo por isso invocável como fonte direta dos direitos fundamentais no artigo vigésimo quarto da Constituição da República Portuguesa declara-se que “a vida humana é inviolável e que em caso algum haverá pena de morte”³⁵.

O primeiro artigo da Constituição da República Portuguesa consagra que “Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade humana...”³⁶. Ou seja, a pessoa humana ocupa um lugar central no que respeita a Ordem Jurídica, sendo o âmago de todos os princípios e valores que a Constituição da República Portuguesa refere, sendo a dignidade da pessoa a principal razão de coesão da República Portuguesa como Estado.

O reconhecimento, a proclamação e a institucionalização da dignidade da pessoa humana não foram concretizados num curto espaço de tempo. A ideia de que os direitos de alguns deveriam ser os direitos de todos demorou muitos séculos para ser interiorizada e aceite pelas sociedades politicamente organizadas, até se tornar um princípio constitucional. Com efeito, em resposta a um conjunto de fatores de ordem social, moral e política e, principalmente, devido aos horrores praticados durante a 2ª Guerra Mundial, em 1948 a dignidade da pessoa humana veio a ser proclamada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.³⁷

A ideia de dignidade humana, então, é tão antiga quanto a história da humanidade e existe de variadas formas, em todas as culturas e religiões. A regra segundo a qual “devemos tratar os outros como gostaríamos de ser tratados” existe em todas as grandes religiões e tradições culturais. Preocupações idênticas existiram quanto à responsabilidade da sociedade de cuidar dos desprotegidos, denotando noções fundamentais de justiça social. Contudo, a ideia de “direitos humanos” é o resultado do

³⁴ entidade responsável pela estrutura e pela organização política e administrativa (governo, tribunais, forças armadas e de segurança, etc.) de um território e sua população, ou conjunto de populações, garantindo a existência de um país soberano, reconhecido internacionalmente pelos seus pares, Cf. *estado* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018) acedido a 10 de abril de 2018, disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estado>.

³⁵ Cf Constituição da República Portuguesa, artigo 24, acedido em 10 de abril de 2018, disponível em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

³⁶ *Ibidem*, artigo 1.

³⁷ Cf. Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo 1 acedido em 3 de abril de 2018, disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.



pensamento filosófico dos tempos modernos, com fundamento na filosofia do racionalismo e do iluminismo, no liberalismo, no socialismo e na democracia. Ainda que o conceito moderno de direitos humanos tenha sido formalizado sobretudo da Europa, as noções de liberdade e de justiça social fazem parte de todas as culturas.³⁸ Falar de direitos humanos hoje é lidar com um assunto cotidiano, cujas implicações atingem as mais diversas partes do mundo. Reivindicar direitos é a reação mais comum especialmente quando se sofre algum tipo de opressão. Eis o motivo de surgimento desses direitos: a proteção da dignidade humana, qualidade moral intrínseca a todos os homens e mulheres. Assim a ideia central do movimento dos direitos humanos é que todos os seres humanos têm o direito de serem respeitados pelo simples facto de serem seres humanos, independentemente do género, etnia, raça ou religião.

A dimensão internacional dos direitos humanos é um fenómeno recente na história mundial consolidando-se a partir da II Grande Guerra. A sucessão de tragédias humanas ocorridas a partir da segunda metade do século XX impõe uma consciencialização permanente sobre a capacidade de destruição do ser humano. Instiga, por isso mesmo e de igual modo, uma revisão das lições do passado além de modéstia em relação ao progresso e aos avanços materiais e tecnológicos da humanidade.³⁹

Vindo de um longo caminho histórico de busca de construção de um organismo mediador do entendimento entre diferentes países, a criação da Organização das Nações Unidas, em 1945, expressou, com a Carta de São Francisco⁴⁰, acordo através do qual se formou a ONU após a II Guerra Mundial e que veio substituir a Liga das Nações. A Organização das Nações Unidas passa a ser a entidade máxima de discussão do direito internacional e fórum de relações e entendimentos supranacionais. O reconhecimento da dependência mútua e da necessidade de uma ação conjunta de diferentes povos. Neste seguimento a proclamação, em 10 de dezembro de 1948, pela Assembleia Geral da ONU, em Nova York, da Declaração Universal dos Direitos Humanos foi mais um passo nessa direção. Desde então foram aprovadas um conjunto de convenções que defendem questões mais específicas, apresenta-se o resumo das convenções mais importantes de

³⁸ Coordenação de Vital Moreira e Carla de Marcelino Gomes, *Compreender os Direitos Humanos: Manual de Educação para os Direitos Humanos*, versão original de WOLFGANG BENEDEK (Graz:2012), disponível em <http://www.igc.fd.uc.pt/manual/pdfs/Indices.pdf>.

³⁹ Cf. Flávio Maria Leite Pinheiro, *THEMIS* - Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará, A Teoria dos Direitos Humanos V6, nº2 (Ceará: 2016), 111-120. Acedido a 3de julho de 2018, disponível em <http://revistathemis.tjce.jus.br/index.php/THEMIS/article/viewFile/198/188>.

⁴⁰ Cf. Carta das Nações Unidas, acedido a 3 de julho de 2018, disponível em <https://nacoesunidas.org/carta/>.



direitos humanos da ONU, entre outras a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Convenção internacional sobre a proteção de direitos de todos os migrantes trabalhadores e membros de suas famílias.⁴¹

Atualmente, o conceito de direitos humanos é reconhecido como universal, de acordo com a Declaração adotada pela Conferência Mundial de Viena sobre Direitos Humanos, em 1993: “...A natureza universal destes direitos e liberdades é inquestionável”⁴².

Consideram-se direitos humanos, todos aqueles direitos reconhecidos no Direito Internacional, isto é, que estejam consagrados em algum tratado ou declaração internacional de direitos humanos.

Embora haja uma intenção clara de quase todos os países do mundo, que são parte de distintas convenções de direitos humanos, de privilegiar esses direitos, à hora de estabelecer um diálogo sobre a sua prática não se pode abrir mão da sua justificação.

É exatamente a questão fundamento dos direitos humanos que passa a ser objeto de discussão quando o que está em debate é a aplicação dos direitos humanos nas mais diversas culturas.

Com a Declaração dos Direitos Humanos, é criado um sistema de valores universal.

“Somente depois da Declaração podemos estar certos de que toda a humanidade partilha alguns valores comuns”⁴³.

A Declaração dos direitos humanos dá pois início a uma fase da humanidade na qual a afirmação dos direitos humanos é universal, pois os destinatários dos princípios nela contidos são todos os homens e mulheres e não apenas os de um determinado Estado.

Com frequência caímos na injustiça, pois as utopias salvadoras não bastam. A busca da justiça nas antigas civilizações culminou na lei escrita.⁴⁴

⁴¹ Cf. Ricardo Torques, *Convenções específicas da ONU*, 2016, acessado a 10 de abril de 2018. Disponível em <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/convencoespecificasp2/>

⁴² Erasto Fortes Mendonça, *Educação, Pobreza e Desigualdade Social*, acessado a 10 de abril de 2018. Disponível em <http://sgmd.nute.ufsc.br/content/secadi-formacao-continuada-pbf/mod-2/capitulo2-1.html>.

⁴³ Cf. Boaventura Sousa Santos, *Para uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos* (Editora PUC Rio, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2001) 16. Acessado a 3 de julho de 2018. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44219/1/Para%20uma%20Concep%20a7%20a3o%20Multicultural%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>.

⁴⁴ Cf. Fábio Konder Comparato, *A afirmação Histórica dos Direitos Humanos* (São Paulo: Câmara Brasileira do Livro:2003) 10. Acessado a 3 de julho de 2018, disponível em



Com o direito escrito surge a correspondência por todos. A lei passa a ser o critério do justo e do injusto. O Estado converte-se em lei e pelo respeito desta, deve garantir-se o bem de todos. O desenvolvimento de uma sociedade exige pois como condições a Paz e a ordem que se conseguem com as leis e autoridades capazes de garantir o seu cumprimento.⁴⁵

Uma lei sábia educa e protege, ou seja, permite que as pessoas individuais e coletivamente convivam em harmonia, deem o melhor de si e rentabilizem ao máximo as suas possibilidades. Quando há justiça há um ambiente de liberdade, oportunidade e educação para todos. A Escola é pois excelência o local de apresentar desde a mais tenra idade valores éticos e morais de defesa da vida, fraternidade, igualdade, dignidade e tantos outros que, embora consagrados universalmente tendem a ser esquecidos ou ignorados a nível local e global.

2. A Adolescência e a procura da ordem

Neste ponto, vamos abordar a questão da adolescência, sendo esta o “período final do desenvolvimento humano entre o início da puberdade e o estado adulto”⁴⁶. Este é o grupo etário dos alunos onde é lecionada a presente unidade letiva. Trata-se de um momento da vida onde há uma complexidade de readaptações físicas e intelectuais, com vista à construção da identidade e autonomia. O autodomínio exige um grande esforço educacional, sobretudo na infância e adolescência, mas é “uma obra de grande fôlego. Nunca poderá considerar-se total e definitivamente adquirido. Implica um esforço constantemente retomado, em todas as idades da vida”⁴⁷. Vamos abordar algumas destas alterações, numa época de rápidas mudanças individuais e sociais em que os apelos são inúmeros e como diz Santo Agostinho, “Ninguém ama o que lhe custa, ainda quando

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42943139/A_Afirmacao_Historica_Dos_Direitos_Humanos_-_Fabio_Comparato.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1530635082&Signature=V0Viz0KNkGUXWBp2409PRpw9HFE%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_AFIRMACAO_HISTORICA_DOS_DIREITOS_HUMAN.pdf.

⁴⁵ Cf. Carla Ferreira Lopes da Silva Queiroz, Direitos Humanos e Cidadania, *Revista de Direito* (Goiás: 2009). Disponível em <http://www.pge.go.gov.br/revista/index.php/revistapge/article/view/55/44>

⁴⁶ Cf. in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Acedido em 9 de Abril de 2018, disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/adolescencia>.

⁴⁷ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005), nº2342.



goste de o suportar, porque apesar de se alegrar com o sofrimento, prefere não o ter”⁴⁸. Assim, suportar o sofrimento poderá associar-se a benefícios que se poderão ter. Claro que fazer um relatório é exigente, mas partindo do princípio que se obterá uma retribuição, este passa a ser um esforço para uma meta a atingir, ou seja, há uma finalidade. Como estamos no campo da Educação, cabe-nos estruturar perguntas na tentativa de encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade. Numa sociedade onde há grandes mudanças, entre as “componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e de outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade. São alguns sinais, entre outros, que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspetos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns destes sinais são ao mesmo tempo sintomas duma verdadeira degradação social, duma silenciosa rutura dos vínculos de integração e comunhão social”⁴⁹. Os adolescentes que nos aparecem nas salas de aula refletem estas vivências. Há uma vontade, por vezes não manifestada, de serem escutados e orientados.

As relações humanas são muitas vezes dominadas pelos “mass-media e pelo mundo digital, que, quando se tornam omnipresentes, não favorecem o desenvolvimento duma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade”⁵⁰. Há neste contexto um apelo para que a tranquilidade, capacidade de escutar e sorrir seja mais aperfeiçoada para que se possa progredir na construção de uma Paz individual e social. Um olhar face-a-face poderá fazer sentir e compreender as alegrias ou apelos do outro.

2.1. Uma época de mudanças e desafios à educação

A adolescência corresponde a um período da vida humana que marca a transição entre a infância e a idade adulta, tendo muita importância no desenvolvimento do

⁴⁸ Santo Agostinho, *Confissões*, Livro X, 28.

⁴⁹ Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si* (Prior Velho: Paulinas. Secretariado Geral do Episcopado, 24 de maio 2015), nº 46.

⁵⁰ *Ibidem*, 47.



indivíduo. Neste período têm lugar muitas adaptações. Muitos indivíduos, mercê de apoio familiar e comunitário, circunstâncias facilitadoras de um desenvolvimento ordenado, atravessam este período sem grandes perturbações. Alguns fenômenos adaptativos estarão relacionados com alterações da própria família “frente à passagem de um modelo tradicional para um modelo considerado moderno, oriundo de um processo de transformação socioeconômica que contribuiu – e ainda contribui – para a mudança do sistema de valores dos indivíduos”⁵¹. As alterações consistem também em enfrentar uma nova vida social, com novas responsabilidades que poderão estar relacionadas com a vocação ou com o desejo de compreender qual o significado da vida e do mundo e o tentar atingir o máximo das suas capacidades pessoais. Estas circunstâncias poderão trazer um conjunto de problemas, uma vez que o lar é importante e dele poderá depender a maior ou menor dificuldade das tarefas de adaptação. Se por um lado os adolescentes pretendem maior liberdade, os educadores, consideram que é necessário maior vigilância e controle⁵². Há pois aqui o “momento de identificação com o grupo, de aquisição de hábitos de confronto emocional e intelectual com os iguais”⁵³.

A adolescência é pois um período de tomada de autoconsciência e introspecção. Nesta fase, as “diferenças são mais importantes que as semelhanças”⁵⁴. “A palavra adolescência tem dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando a condição ou processo de crescimento, em resumo o indivíduo apto a crescer. Adolescência também deriva de *adolescere*, origem da palavra adoecer. Adolescente do latim *adolescere*, significa adoecer, enfermar. Temos assim, nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa de vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa de vida)”⁵⁵.

⁵¹ Elisângela Maria Machado Pratta e Manoel Antonio dos Santos, Família e adolescência a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico dos seus membros, *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 2 (Maringá:, 2007) 249. Acedido em 3 de julho de 2018, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>.

⁵² *Ibidem*, 249.

⁵³ Gerardo Castillo, *Educar para a amizade* (São Paulo: Quadrante, 1999)127.

⁵⁴ Adolescência, Cf. In *Grande Dicionário Enciclopédico*, Volume 1 (Madrid:S.A.P.E, 1998), 102.

⁵⁵ Léa Michaan, Cf. in *Psicóloga Responde: como lidar com o adolescente* acedido a 12 de abril de 2018, disponível em <https://psicologaresponde.wordpress.com/2010/04/15/como-lidar-com-o-adolescente/>.



A adolescência é caracterizada por grandes transformações quer físicas que psicológicas, o que potencia o aparecimento de comportamentos irreverentes e de questões aos modelos e padrões vigentes que são inerentes ao próprio crescimento.

De acordo com Evelyn Eisenstein, a adolescência diz respeito ao período compreendido entre os 11 e os 19 anos de idade, onde se verificam várias mudanças corporais e fisiológicas provenientes da maturação fisiológica. Apesar de ser uma etapa característica a todos os seres humanos, cada indivíduo vivencia este período de modo diferente, dependendo da sua maturidade física, emocional e cognitiva, assim como de outras razões, como por exemplo o contexto onde vive.⁵⁶ A “Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida o seu crescimento e a sua personalidade, obtendo progressivamente independência económica, além da integração no seu grupo social”.⁵⁷ Assim sendo, os adolescentes partem em busca de novas sensações, em descobrir o mundo à sua volta, afastando-se do mundo e das sensações que tiveram na infância. Portanto, o adolescente procura a identidade no seu grupo de pares, sendo que é com o grupo que o jovem se interessa, com condutas que envolvam o risco, pois os elementos constituintes pensam de modo análogo. “O adolescente na escola, ou em casa, quer provocar as autoridades, seja o professor, orientador, bedel, diretor ou os pais. Ele precisa disto para se testar e também para provar aos colegas que ele ‘é o Bom’. – Se as autoridades entrarem no mesmo jogo e também quiserem provocar o adolescente, devolvendo na mesma moeda, como por exemplo, ‘mostrar quem é que manda aqui’, não haverá benefício algum para nenhum dos lados. Isto seria o equivalente a uma guerra de braço. A maneira de lidar com a presunção do adolescente é: não retribuindo com a mesma moeda, pois isto só reafirmaria esta sua maneira infantil de ser”⁵⁸.

Como se sabe, não é fácil apresentar a liberdade a uma criança e a um adolescente. A educação familiar consiste em mostrar a liberdade. Para os cristãos, Deus,

⁵⁶ Cf. Evelyn Eisenstein . Adolescência Cf. In *definições, conceitos e critérios* . Adolesc Saude. 2005, 6-7. Acedido em 10 de abril de 2018. Disponível em http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167.

⁵⁷ *Ibidem*, 6-7.

⁵⁸ Léa Michaan. in *Psicóloga Responde: como lidar com o adolescente*, acedido a 12 de abril de 2018. Disponível em <https://psicologaresponde.wordpress.com/2010/04/15/como-lidar-com-o-adolescente/>.



ao criar o ser humano “à sua imagem”, fê-lo livre, capaz de se determinar e, portanto, capaz de amar a Deus e toda a criação. A liberdade é pois a opção por praticar o bem, ou seja, ser cuidador, à semelhança de Jesus Cristo que passou a vida “a fazer o bem” (Act 10, 38).

Neste momento recordamos que quando um filho cai na bicicleta e rasga uma sobancelha, não se lhe dá apenas um analgésico, leva-se ao hospital para que seja suturado. Há hoje a tentativa de dar tudo aos educandos, para não “curar” para não fazer sofrer. Apetece-nos questionar como conseguem administrar-lhes uma vacina, se esta provoca uma sensação repugnante, mas certamente benéfica. Perante uma corrente social tão forte, a família sente-se arrastada e passa a ter um papel passivo ou há pela certa discussões no seio das famílias. “O modo de vida — especialmente nas nações mais industrializadas — leva muitas vezes as famílias a eximir-se de suas responsabilidades educativas, encontrando na facilidade de evasão (representada, em casa, especialmente pela televisão e por certas publicações) o modo de manter ocupado o tempo e as atividades das crianças e dos jovens.”⁵⁹.

Não podemos imaginar que só o dinheiro é que pode “obrigar” o educando a cumprir regras, pois neste caso há uma confusão entre o princípio de autoridade, que é um serviço, com o de autoritarismo, que é arbitrário.

Educar, não é impossível, mas não é fácil. Cada família tem que ter a sua “farmácia” com vários remédios, para cada caso, onde o diálogo é uma das receitas fundamentais. Numa decisão, é importante que os educadores se façam compreender para que se entenda que é para o seu bem e não um mero capricho. É bom que se tente colocar o jovem na posição dos pais face aos problemas da atualidade e de uma apreciação realista.

A independência é a meta natural da personalidade em desenvolvimento, assim os educadores devem motivar a pensar, a ter preocupação social, a intervenções altruístas, a defender os direitos humanos... atividades que ajudam a amadurecer e servir. Sabemos que se influencia a sociedade a partir da família. “Um dos desafios fundamentais, entre aqueles que se apresentam às famílias hoje em dia, é seguramente o da educação, que se tornou mais exigente e complexo devido à realidade cultural atual e à grande influência dos meios de comunicação”⁶⁰. Como se pode verificar, os meios de comunicação

⁵⁹ João Paulo II, *Mensagem para a XV Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 1981, nº 5.

⁶⁰ Sínodo dos Bispos, XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo RELATÓRIO FINAL DO SÍNODO DOS BISPOS O SANTO



privilegiam em grande parte as violências, no entanto “Os pacíficos são fonte de Paz, constroem Paz e amizade social.

Àqueles que cuidam de semear a Paz por todo o lado, Jesus faz-lhes uma promessa maravilhosa: ‘serão chamados filhos de Deus’ (Mt 5, 9). O desafio educativo, difícil e complexo, deve-se à realidade cultural atual e à forte influência dos meios de comunicação.⁶¹

A família contribui para o bem comum e constitui a primeira escola das virtudes sociais. É a partir da família que por exemplo, “quando as crianças ou os adolescentes não são educados para aceitar que algumas coisas devem esperar, tornam-se prepotentes, submetem tudo à satisfação das suas necessidades imediatas e crescem com o vício do ‘tudo e súbito’. Este é um grande engano que não favorece a liberdade; antes, intoxica-a. Ao contrário, quando se educa para aprender a adiar algumas coisas e esperar o momento oportuno, ensina-se o que significa ser senhor de si mesmo, autónomo face aos seus próprios impulsos. Assim, quando a criança experimenta que pode cuidar de si mesma, enriquece a própria autoestima”⁶². O ambiente onde a criança se desenvolve é muito importante, assim, “as relações familiares explicam também a predisposição para uma personalidade violenta. As famílias que influem nesta direção são aquelas em que há uma comunicação deficiente; aquelas em que predominam as atitudes defensivas e os seus membros não se apoiam entre si; onde não há atividades familiares que favoreçam a participação; as famílias onde as relações entre os pais costumam ser conflituosas e violentas, e as relações pais-filhos se caracterizam por atitudes hostis. A violência no seio da família é escola de ressentimento e ódio nas relações humanas básicas”⁶³.

Na Educação “Quando se propõe os valores, é preciso fazê-lo pouco a pouco, avançar de maneira diferente segundo a idade e as possibilidades concretas das pessoas, sem pretender aplicar metodologias rígidas e imutáveis. A psicologia e as ciências da educação, com suas valiosas contribuições, mostram que é necessário um processo gradual para se conseguir mudanças de comportamento e também que a liberdade precisa de ser orientada e estimulada, porque, abandonando-a a si mesma, não se garante a sua

PADRE FRANCISCO, 24 de outubro de 2015, nº 66. Acedido a 10 de abril de 2018, disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151024_sinodo-conclusionione-lavori.html.

⁶¹ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (Secretariado Geral do Episcopado, Paulinas, 19 de março de 2018), nº84.

⁶² *Ibidem*, 275.

⁶³ *Ibidem*, 51.



maturação”⁶⁴. Cada um de nós, através do exemplo é um educador pois o modo de nos relacionarmos é “uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom”⁶⁵. Estas são bases de princípios de justiça e de Paz.

Na educação há também a necessidade que se esclareça muito bem o que é a liberdade, uma vez que há decisões que são voluntárias mas não livres como é o caso das dependências.

Para os docentes todas as ocasiões são aproveitadas como momentos privilegiados para instruir, sensibilizar e mobilizar para a necessidade de perceber a importância de viver em comunidade onde se privilegiam relações de humanidade que todos somos desafiados a preservar.

2.2. *Sociedade de Consumo e a prática da cidadania*

Do ponto de vista histórico, o surgimento da Revolução Industrial e os problemas de mecanização mostraram a necessidade de se subtrair tempo ao trabalho. O entretenimento surgiu e a sociedade de produção evoluiu para uma sociedade de consumo, no entanto, a nova situação trouxe um enriquecimento dos conteúdos que faz fronteira com a saturação. Deste modo, o consumo tem evoluído, principalmente devido à inovação tecnológica, levando a novas *medias* e a novas formas de ócio, de onde surgem novos problemas.

Uma dimensão de qualquer cultura é a socialização e aculturação, sendo esta a “adaptação de um indivíduo a uma cultura estrangeira, com a qual está em contacto permanente”⁶⁶.

A sociedade atual massificada poderá levar à “despersonalização do Homem, que progressivamente deixa de agir como um ser singular, livre e criativo, e perde a capacidade - o hábito- de relacionar-se de maneira pessoal, íntima, tanto no âmbito

⁶⁴ *Ibidem*, 273.

⁶⁵ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (Prior Velho: Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 24 de novembro de 2013), nº 92.

⁶⁶ Cf. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* (Porto: Porto Editora, 2003-2018). Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aculturação>



familiar como no da amizade”⁶⁷. Da mesma forma, uma dimensão da globalização é o conflito aparente entre a mudança do lado de fora e conservação do interior, especialmente no que se refere aos padrões de evolução do consumismo. Neste contexto “O apoio da rede familiar é ainda mais necessário onde mobilidade laboral, migrações, catástrofes e fuga da própria terra comprometem a estabilidade do núcleo parental”⁶⁸.

Muitas das transformações atuais têm uma grande representação no computador. Em geral, podemos distinguir três grandes funções do mesmo: como uma ferramenta de trabalho, como uma ferramenta de aprendizagem e como uma ferramenta de diversão. Há uma ligação direta no uso do computador entre lazer e trabalho, sendo que as crianças e adolescentes tendem a fundir estas atividades de jogo e de trabalho e visualizam o computador como um brinquedo.

A televisão tem sido a base da publicidade dirigida às crianças e aos jovens. Através da televisão visualizam inúmeros anúncios por ano. Atualmente a publicidade *online* tem-se tornado o principal objetivo. Embora os tipos de produtos comercializados para crianças se mantenham semelhantes, a verdade é que o poder de compra das crianças e adolescentes têm aumentado exponencialmente ao longo tempo. “A afluência das crianças de hoje e adolescentes alimentaram um mercado eminentemente digno de perseguição por parte das empresas”⁶⁹. São vários os estudos que apontam para o facto de as crianças e adolescentes serem consideradas importantes para se chegar ao mercado dos adultos. “A propaganda, a publicidade, as reportagens, acompanham um mercado que atende aos desejos dos mais novos, afetando a sua saúde física e mental, tornando-as vítimas de *media*’s manipulativos”⁷⁰. Há pois a criação de necessidades e por vezes de superficialidades onde “o consumismo só atravanca o coração; pode proporcionar prazeres ocasionais e passageiros, mas não alegria. Refiro-me, antes, àquela alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, porque «a felicidade está mais em dar do que em receber» (At 20, 35) e ‘Deus ama quem dá com alegria’ (2 Cor 9, 7)”⁷¹.

⁶⁷ Gerardo Castilho, *La Educacion de la amistad en la familia* (Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1999), 21.

⁶⁸ Sínodo dos Bispos, *a vocação e a missão da família no mundo contemporâneo*, 2015. Acedido a 3 de julho de 2018, disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html.

⁶⁹ Sandra Calvert, “Children as consumers: advertising and marketing” *The Future of Children* 18 (2008), 227.

⁷⁰ David Buckingham, “Repensando a Criança-Consumidora: Novas Práticas, Novos Paradigmas” *Comunicação, Mídia e Consumo* 9 (2012), 53.

⁷¹ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate* (Paulinas: Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março de 2018), nº128.



Para que se entenda “a real dimensão do consumo nas crianças e adolescentes, em 2002, nos EUA, registou-se um gasto de 30 bilhões de dólares em crianças entre os 4 e os 12 anos, sendo superado pelos adolescentes (12-19 anos) com um consumo situado nos 112,5 bilhões de dólares, cerca de 103 dólares gastos por cada adolescente numa semana”⁷². Neste sentido, apontam-se valores que sugerem que as “crianças entre 8 e 14 anos nos Estados Unidos gastam cerca de 150 bilhões de dólares por ano e influenciam os gastos familiares em até 600 bilhões por ano, refletindo o efeito de “influência” que as crianças exercem sobre os pais”⁷³.

Nas nossas escolas a realidade mostra-nos adolescentes que formam grupos muitas vezes tendo por base o padrão de consumo. Os que não tem os mesmos produtos são excluídos. As estratégias de marketing, cada vez mais incisivas são essenciais para difundir um produto e estimular o público pretendido. O que importa é comercializar, mesmo coisas que não são necessárias pois o objetivo das empresas é a obtenção de lucros.

Esta capacidade de persuasão dos *mass-media* cativa os adolescentes durante demasiado tempo. “Parece razoável afirmar que o peso atribuído à atividade de assistir televisão, dentre as outras atividades de uma criança de hoje, está relacionado com a redução das oportunidades de brincadeiras ao ar livre que hoje não são mais possíveis para a grande maioria de crianças que mora na cidade grande.”⁷⁴ Para além de assistirem à televisão, uma atividade que capta o interesse dos mais novos são os videojogos. Vários são os estudos que mostram que muitas crianças começam os videojogos através do computador. Um estudo feito na Suécia revelou que, “pelo menos, um quarto das crianças passa cerca de uma hora por dia para brincar com estes últimos, sendo os jogos de vídeo e o computador mais do que um brinquedo”⁷⁵. As habitações, espaços públicos e escolas, transformam-se em locais onde se perde o diálogo, a capacidade de um olhar, um escutar e um perceber a pessoa na sua totalidade.

⁷² Sandra Calvert, “Children as consumers: advertising and marketing” *The Future of Children* 18 (2008), 229.

⁷³ David Buckingham, “Repensando a Criança-Consumidora: Novas Práticas, Novos Paradigmas” *Comunicação, Mídia e Consumo* 9 (2012), 47.

⁷⁴ Lucia Rabello de Castro, *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo* (1998) 10. Acedido a 5 de março de 2018, disponível em https://kupdf.com/download/infancia-e-adolescencia-na-cultura-do-consumo_59ab29bedc0d60c364568ede_pdf.

⁷⁵ Frederic Munné and Núria Codina, *El tiempo libre en el ámbito de la infancia* (Madrid: Ministerio de Asuntos sociales, 1992), 156.



Neste momento, importa perceber a “relação entre o consumo das crianças e jovens e a sua formação enquanto futuros cidadãos”⁷⁶ na medida em que o excesso ou seja, o consumismo deverá ser suplantado pelo consumerismo⁷⁷, alicerce para um ambiente sustentável.

A não satisfação de necessidades básicas, como por exemplo a alimentação, por vezes é relegada para segundo plano devido à necessidade de evidenciar uma certa opulência. A “imagem” une o grupo, e tantas vezes está na origem de ausência de Paz individual e coletiva pois exige orçamentos avultados. Com a sustentabilidade individual e coletiva abaladas, também está em causa o bem-comum.

2.3. Pseudo cultura erotizada e o entendimento da realidade

No seguimento da abordagem ao surgimento das novas tecnologias e ao consumo elevado pelos mais jovens, verifica-se que surge por vezes propostas e modelos nos diferentes meios de comunicação e publicidade de erotização das crianças e jovens. Há que estar atentos para que não ocorra uma erotização precoce. Por vezes não estamos atentos para explicar determinados padrões. Há um modelo precoce “quando acontece antes da fase em que a criança estaria dentro da faixa etária correta para determinado estímulo (...). Se algo que é sugerido ou estimulado e esteja fora dessa faixa etária, pode trazer problemas. Esse tipo de atitude é prejudicial e deixa a criança perdida, pois são informações de difícil compreensão que podem ter impactos negativos para ela”⁷⁸. Na verdade, esta estimulação precoce está muito associada ao consumo televisivo e tecnológico que se abordou anteriormente. A sociedade está diante de uma realidade em que “os meios de comunicação utilizam alguns argumentos de erotização que costumam estar sempre além da idade indicada ao seu público infantil, ou seja, crianças não são

⁷⁶David Buckingham, *Repensando a Criança-Consumidora: Novas Práticas, Novos Paradigmas, Comunicação, Mídia e Consumo* 9 (2012), 47.

⁷⁷Movimento social que visa a renovação dos valores associados ao consumo, promovendo escolhas mais racionais que contribuam para a melhoria da qualidade de vida. Cf. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 2003-2018. Acedido a 5 de julho de 2018, disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/consumerismo>.

⁷⁸Ivone Maria dos Santos “A cultura do consumo e a erotização na infância” *Extraprensa – Cultura e Comunicação na América Latina* 2 (2009), 7.



mais apenas alvo do consumismo inconsciente, mas estão a ser inseridas de maneira precoce ao mundo adulto”⁷⁹.

Na escola, como por vezes não estamos prevenidos, somos confrontados com situações de adolescentes que poderão até ser alvo de abusos porque são expostos a riscos não esclarecidos junto dos próprios.

Os adolescentes partem em busca de novas sensações, em descobrir o mundo à sua volta, afastando-se do mundo e das sensações que tiveram na infância. Portanto, o adolescente procura a identidade no seu grupo de pares, sendo que é com o grupo que o jovem se interessa, com até com condutas que envolvem o risco, pois os elementos constituintes pensam de modo análogo.

A velocidade das mudanças e transformações são características das sociedades e culturas contemporâneas.⁸⁰ A combinação entre elevada complexidade e rápida mudança faz com que nos encontremos num contexto de fluidez e de incerteza jamais experimentado precedentemente: é uma realidade que devemos aceitar sem julgar *a priori*, se se trata de um problema ou de uma oportunidade” (Sínodo dos Bispos)⁸¹. O essencial é que mesmo atendendo a todas estas rápidas mudanças, se protejam as crianças e jovens. Pode haver vários procedimentos, passando pela regulamentação publicitária, mas acima de tudo deve passar pela educação das crianças e jovens, como a educação e transmissão de valores orientados pelo Direito Natural. Não podemos esquecer que “Quem é jovem hoje, vive a própria condição num mundo diferente daquele da geração dos seus pais e dos seus educadores” (Sínodo dos Bispos)⁸², no entanto há orientações e princípios que são perenes, como o princípio de cuidar de toda a criação, que compete a todos e a cada um.

Ao conjugar o esforço das famílias e dos Estados, tendo por base princípios de subsidiariedade, solidariedade, diálogo e de criação de consensos, encontraremos caminhos de desenvolvimento integral de todos que formarão autênticas raízes promotoras de Paz.

⁷⁹ *Ibidem*, 7.

⁸⁰ Cf. Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*, Sobre o cuidado da nossa casa comum (24 de maio de 2015), disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html, acedida em 29 de março, de 2017.

⁸¹ Sínodo dos Bispos. Acedido a 10 de janeiro de 2018, disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html#1._Um_mundo_que_se_transforma_rapidamente.

⁸² Sínodo dos Bispos. Acedido a 10 de janeiro de 2018, disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html#1._Um_mundo_que_se_transforma_rapidamente.



2.4. A Declaração Universal dos Direitos Humanos e a igualdade

A identidade constrói-se nas interações sociais. Neste sentido a adolescência pode ser compreendida como uma etapa sociocultural que começa com os modelos culturais dos ritos de iniciação e encerra com a chegada à idade adulta, ou como o período situado depois da infância até à maioridade, ou ainda como um período do crescimento e desenvolvimento do ser humano⁸³.

No que diz respeito aos hábitos ligados à adolescência, temos o facto de passarem muitas horas isolados frente a um computador, *tablet* ou telemóvel. Perde-se muito o convívio “olhos-nos-olhos” com consequentes fragilidades no relacionamento interpessoal.

A socialização com os grupos de pares quando presencial, muito baseada na imagem, apoia-se por vezes no materialismo. Entre vários aspetos, a formação de grupos de amigos passa a estar associada a diversos comportamentos e motivações de consumo. A publicidade que influencia comportamentos poderá ter a vantagem de aumentar a consciência de marca e de preço.⁸⁴

Na sociedade ocidental, o adolescente continua a quer fazer parte de um determinado grupo mesmo que não estabeleça grandes diálogos, uma vez que utiliza plataformas, onde comunica. O grupo continua a ter princípios identitários, entre os quais o vestuário ou o telemóvel. Estes adolescentes podem entrar em conflito, primeiro consigo próprios por não conseguirem integrar o grupo e por quererem adquirir bens que podem ser difíceis de comportar em termos orçamentais, tudo para ser igual.

Na escola deparamo-nos com alunos que se sentem diminuídos e marginalizados pelo facto de não terem bens equiparados aos demais. É o momento de necessidade de aprovação, o ser aceite, pois o ser diferente dos outros é o juízo mais temido.

Este momento da adolescência poderá ser oportuno para a experiência relacional de grupo, onde se evidenciem as características boas de cada um e se aceitem as diferenças. A pessoa não se pode reduzir à aparência do ter. A educação é um espaço de escuta, solidariedade, estar presente e caminhar junto, minimizando tensões. Qualquer

⁸³ Cf. Cristiane Santos and Daniel Fernandes “Socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes” *Revista de Administração Mackenzie* 12 (2001),174.

⁸⁴ Cf. Cristiane Santos and Daniel Fernandes “Socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes” *Revista de Administração Mackenzie* 12 (2001), 179.



relação tem por objetivo o promover o outro, e antes de atribuir um rótulo, precisamos de silêncio e reflexões.

A educação visa promover o desenvolvimento da humanidade e travar a ocorrência de novos confrontos entre civilizações. Este princípio foi afirmado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, um documento que deverá ser refletido e discutido. O conceito de *educare*, associado à ideia da educação vinculada a três objetivos principais: pleno desenvolvimento da personalidade humana, fortalecimento do respeito aos direitos do ser humano e às liberdades fundamentais. Outros princípios consagrados e caracterizadores da educação são a promoção da compreensão, da tolerância e da amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais e religiosos. A educação é pois um instrumento de incentivo à manutenção da Paz⁸⁵.

A Declaração Universal dos direitos Humanos destaca o valor do ser humano, pois “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”⁸⁶.

Numa leitura mais consensual, partimos de categorias filosóficas para não resvalar para o positivismo onde vigora a lei do mais forte. O “valor” da pessoa está na *potência* e não nos *atos*.

Há múltiplas situações onde está patente a discriminação, base para a formação de grupos. A discriminação pertence à ordem positiva, no entanto há uma interceção entre a ordem normativa natural e a ordem normativa positiva, que é a vida corporal. O cosmos precede o Ser humano e o corpo a consciência. Deste modo, o que nos torna humanos não é o que fazemos mas o que podemos fazer (potência) o que nos torna radicalmente iguais. A atualização da potência de cada Ser é da categoria do *acidente* e não da *essência*⁸⁷. A afirmação leva-nos a concluir que a pessoa é alguém que é responsável pelo cuidar do outro e por toda a obra criada, base para a justiça e Paz. A igualdade é natural quando falamos da essência “característica ou conjunto de características permanentes e invariáveis que conferem uma identidade a um ser”⁸⁸. Aqui encontramos fundamento para o diálogo entre povos e culturas, base para a Paz universal.

⁸⁵ UNESCO. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Organização das Nações Unidas para a Educação a ciência e a cultura. Consultado a 3 de julho de 2018, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ Cf. Aristóteles, *Metafísica*, Livro VII, 1029b.

⁸⁸ Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/essência>.



O “lugar central da corporeidade humana – entendida no sentido de ser humano integral, na inseparável conjugação de dimensões ‘espirituais’ e ‘materiais’ – constitui uma das características fundamentais da identidade – e talvez especificidade – cristã”⁸⁹. No ponto seguinte vamos avançar para a dimensão sobrenatural. A adolescência corresponde ao desenvolvimento e manifestação do pensamento abstrato, momento oportuno, para se formularem questões. O educador deverá estar próximo sem ser invasivo, alicerçando a construção de caminhos de paz intrínseca e extrínseca.

3. A Paz como dom de Deus

A Paz está mais do que nunca no centro das preocupações cristãs e de todos os seres humanos que desejam o estabelecimento de uma nova ordem internacional onde a justiça e os direitos humanos têm uma posição de destaque.

A maior parte das pessoas no mundo não entende o conceito de Paz como positivo, considerando sempre o aspeto negativo de Paz que é, meramente, a ausência de problemas, de guerra. O conceito bíblico de Paz, porém, não se foca nesta ausência. A Paz não se encontra relacionada com as circunstâncias, mas é, sobretudo, a bondade relacionada com a vida que não acontece apenas quando é tocada por situações exteriores, o que faz com que um indivíduo possa estar a passar por grandes provações, como por exemplo estar a viver uma situação de conflito no seu país e ser possuidor de Paz interior, ou seja, ser intrinsecamente bom para si e para o outro. Como dizem as Sagradas Escrituras “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9).

Paz (*shalom*) significa totalidade, inteireza, a imperturbável liberdade de vida e movimento, o crescimento descontrolado e a expansão do eu. A Paz diz respeito ao estado que prevalece naqueles que estão unidos agindo em conjunto para um bem comum. Representa também a conceção hebraica da história para caracterizar uma comunidade harmoniosa. “A Paz não é ausência de guerra; nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas, nem resulta duma dominação despótica. Com toda a exatidão e propriedade ela é chamada ‘obra da justiça’ (Is 32,7). É

⁸⁹ Cf. João Manuel Duque, *Pós-modernidade e religião*, disponível em http://www.academia.edu/10575730/P%C3%B3s-modernidade_e_religi%C3%A3o.



um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana, e que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça”⁹⁰.

A Paz é portanto um dom de Deus, dom que todos os indivíduos são convidados a cultivar, transformando-se assim numa importante tarefa pessoal e também para a sociedade.⁹¹ É importante por isso desdobrar o dom da Paz, fazendo-o crescer no interior da humanidade, assim como em todos os cantos do globo, devendo essa Paz ser cultivada à imagem da Paz de Cristo, uma “Paz terrena, nascida do amor ao próximo, é imagem e efeito da Paz de Cristo, vinda do Pai. Pois o próprio Filho encarnado, príncipe da Paz, reconciliou com Deus, pela cruz, todos os homens; restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só corpo, extinguiu o ódio”.⁹² Por outras palavras, para a Igreja Católica a Paz é uma dádiva de Deus, sendo a salvação oferecida por Deus a todas as criaturas. “Um homem e mulher na Paz de Deus e com Deus também encontra a Paz consigo mesmo...”⁹³.

Podemos afirmar que a Paz é o principal fruto do projeto de Deus relativamente à humanidade, que implica o fim da guerra e a reconciliação verdadeira e profunda entre os diferentes povos, tendo como principal base e fundamento o amor, indo por isso além da justiça humana.⁹⁴

Antes de enfrentar a paixão, Jesus promete aos seus discípulos o dom da Paz com as palavras “Deixo-vos a Paz, dou-vos a minha Paz” (Jo 14, 27) de forma a comunicar a alegre certeza da sua eterna presença no mundo. Depois da sua ressurreição, o Senhor leva ao termo sua promessa apresentando-se no meio deles, dizendo: “A Paz esteja convosco!” (Lc 24, 36). A Paz, como dom de Deus deriva então da Redenção de Cristo, sendo o dom que o Ressuscitado continua a oferecer sempre até hoje na sua Igreja, quando esta se encontra reunida para a celebração da Eucaristia de modo a que todos os crentes possam testemunhá-la e senti-la nas suas vidas.

⁹⁰ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998), n.º 78.

⁹¹ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998), n.º 77.

⁹² *Ibidem*, 78.

⁹³ Michel Schooyans, *La paix, don de Dieu confié aux hommes* (1982). Acedido em 23 de abril de 2018, disponível em: <http://www.nrt.be/docs/articles/1982/104-3/942-La+paix%2C+don+de+Dieu+confi%C3%A9+aux+hommes.+En+marge+du+message+de+Jean-Paul+II%0Bsur+la+paix%0B.pdf>.

⁹⁴ Cf. Concílio Vaticano II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998), n.º 78.



A Paz e a construção de Paz como um dom de Deus são dimensões de extrema importância da vida na Casa de Deus, ou seja, na Igreja. Todos devem participar no processo da construção da Paz, no seu fortalecimento espiritual e na sua edificação.

O Papa Bento XVI na sua mensagem para o dia mundial da Paz referiu a importância de educar “para se construir a Paz a partir de opções clarividentes a nível pessoal, familiar, comunitário e político. Todos somos responsáveis pela proteção e cuidado da criação. Tal responsabilidade não conhece fronteiras. Segundo *o princípio de subsidiariedade*, é importante que cada um, no nível que lhe corresponde, se comprometa a trabalhar para que deixem de prevalecer os interesses particulares”⁹⁵. Nestas palavras o Papa refere que uma sociedade que se encontra reconciliada com Deus está mais perto da Paz. Esta ideia corrobora a ideia de Santo Agostinho que afirma que a “Paz é um dom de Deus para o ser humano e que este está sempre a construí-la no cotidiano da sua existência”⁹⁶.

1.1. A Paz como fruto do Espírito

O fruto do Espírito é considerado a verdadeira essência da vida cristã. O apóstolo São Paulo apresenta sete dons diferentes do Espírito Santo, que devem ser vistos de maneira conjunta e integral. Os doze frutos do Espírito Santo não revelam ao ser humano o que este deve ser capaz de fazer para Deus por meio de dons espirituais e outros talentos, mas sim, mostra de que modo uma pessoa consegue viver para Deus. Mas na prática, qual é o fruto do Espírito? São Paulo responde o seguinte: “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, Paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (G 15, 22). Todas estas virtudes estão presentes em Jesus Cristo. Portanto, o fruto do Espírito é a vida de Cristo no ser humano, tornada possível graças ao poder do Espírito Santo.

O fruto do Espírito não é algo que o ser humano consiga alcançar única e exclusivamente pelos esforços humanos. É possível produzir e mostrar algumas dessas mesmas virtudes através do exercício da vontade própria, mas isso não é o mesmo do que

⁹⁵ Bento XVI, *XLIV Mensagem para dia mundial da Paz*, 8 de dezembro de 2010, 11, disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20101208_xliv-world-day-peace.html, consultado a 11 de maio de 2018.

⁹⁶ *De Civitei Dei*, 1, XIX, c. 11.



o Espírito Santo pratica nos homens. Quando o Espírito liga os homens a Jesus através da Sua Palavra escrita, as suas características começam a ser reveladas na vida de cada um⁹⁷.

A esperança cristã pressupõe uma avaliação positiva da matéria e do corpo. A teologia da criação é suficiente para confirmar esta avaliação. O corpo é um elemento imprescindível para uma vida plena e íntegra. A debilidade, doença, velhice e sobretudo a morte são agressões a uma vida íntegra e plena. “Viver em plenitude significa viver como pessoa plena, o que não pode acontecer sem a perfeita harmonia entre o corpo e o espírito”⁹⁸. O corpo é o meio essencial da expressão pessoal e de comunicação interpessoal. “É nesta comunicação ou comunhão que consiste essencialmente, a qualidade e a plenitude da vida”⁹⁹.

Ao olhar, escutar, saborear, falar... estamos a entrar em comunicação ou comunhão com os outros. “O corpo não nos distancia apenas dos outros, também é capaz de nos aproximar das outras pessoas”¹⁰⁰. Pode exprimir afeto, amor, solidariedade, comunhão, ou seja, é imprescindível para a plenitude da vida.

Não podemos esquecer que “o macrocosmos é o grande lar do ser humano”¹⁰¹. Teremos que considerar a harmonia entre o microcosmos e o macrocosmos, entre o ser humano e o mundo, garantia de uma vida em plenitude. A obra da criação é para ser contemplada, usufruída e respeitada. Esta suscita no ser humano sentimentos de beleza, bondade, agradecimento, admiração, contemplação.¹⁰²

O fruto do Espírito é então o carácter formado de modo a identificar-se com o carácter de Cristo: um carácter que revela como é Jesus. É a expressão externa da santa natureza de Deus no crente. É, na realidade, o desenvolvimento da vida de Cristo no crente. Quando alguém aceita Jesus como salvador, o Espírito Santo transforma a sua vida. A Paz de Deus não existe para assegurar que o mundo será “cor-de-rosa” e sem provações. No entanto, esta tranquiliza os homens uma vez que esta assegura a liberdade da morte eterna, e, devido ao sacrifício de Jesus, o acesso ao trono de Deus.

Num dos derradeiros diálogos de Jesus com os seus discípulos, Este referiu-se à importância da criação de um fruto espiritual. Jesus disse então “Eu sou a videira

⁹⁷ (S/A), *El Espíritu Santo y el Fruto del Espíritu* (2017) 47. Acedido a 23 de abril de 2018, disponível em: <http://www.delanceysda.com/sabbathschool/es07.pdf> .

⁹⁸ Felicísimo Martínez Díez, *Creer en Jesucristo Vivir en Cristiano, cristologia e seguimiento* (Navarra: Editorial Verbo Divino, S/D),793.

⁹⁹ *Ibidem*,794.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 794.

¹⁰¹ *Ibidem*, 794.

¹⁰² *Ibidem*, 794.



verdadeira, e meu Pai é o lavrador... Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 1-5). Esta analogia foi utilizada de modo a mostrar a relação que deve haver entre o Espírito Santo e o crente, de modo a que o carácter de Cristo possa ser produzido por este. É o Espírito Santo que vai produzir nos homens fruto espiritual, à medida que cada vez encarnamos Cristo.

A Paz é considerada o primeiro fruto do Espírito Santo que o ser humano nota em si, consequência lógica do relacionamento com Deus. A Paz faz parte da vida quando se tem a certeza que se está a realizar a Vontade de Deus na forma da ressurreição de Cristo. A Paz de Cristo é sentida no coração da humanidade que vem da plenitude da vida com Deus, da aceitação primária do amor de Jesus, considerando-se por isso que a Paz é o fruto do amor que Jesus tem pela humanidade. Quando estamos em Paz com Deus, o Espírito Santo guia-nos para sermos pacíficos e também pacientes com os outros.

A Paz de Deus está na humanidade por meio do Espírito Santo. A humanidade não é ser vingativa nem conflituosa. A desumanidade é que se apresenta como vingativa e conflituosa.

A Paz é então o fruto do espírito que nasce dentro do cada crente, que se encontra nele e que se expande através dele, significando que a Paz é tanto para o individuo como para quem está perto dele. A Paz é então a “tranquilidade íntima e perfeita, independente das circunstâncias. A Paz que guarda nossos corações e os nossos sentimentos em Cristo Jesus” (Fl 4, 7). Em suma, a Paz enquanto fruto de Espírito é uma Paz interior que se manifesta fora, e diante de situações mais difíceis. É essa Paz que permite continuar a sorrir, devido à firme convicção de que Deus se encontra ao seu lado. Esta Paz também é evidente na vida daqueles que rodeiam o crente.

Quando as vidas dos nossos próximos se encontram complicadas, aqueles que sentem a Paz de Deus no seu coração apresentam-se como bons conselheiros e bons amigos.

Pela confrontação com a realidade, deparamo-nos com responder à violência com a violência leva a migrações forçadas e a sofrimentos. Este é um mundo onde grandes quantidades de recursos são destinadas a fins militares e subtraídas às exigências do dia-a-dia dos jovens, das famílias em dificuldade, de idosos, doentes e de uma grande maioria



dos habitantes da terra. “No pior dos casos, pode levar à morte física e espiritual de muitos, se não mesmo de todos”¹⁰³.

Foi prometido ao ser humano que a Paz de Deus o acompanhará sempre, sendo que a Sua Paz transcende todo o entendimento, guardado nos seus corações e mentes o espírito de Jesus Cristo. A humanidade irá experimentar calma, força, uma garantia que tudo ficará bem, focando assim a segurança no amor e na Paz de Cristo. Quando se sente a Paz de Cristo, a humanidade encontram-se munida de todos os recursos para enfrentar todos os desafios de forma humildemente confiante de que nada pode ou será separado do amor de Deus em Cristo, o Salvador.

É importante referir que, na nossa interpretação, por vezes quando se busca a verdadeira Paz, a Paz de Deus, significa que se entra numa situação de conflito, pois há sempre a procura do bem (vontade de Deus) e o combate ao mal.

Existem muitas situações de tensão no dia-a-dia, que seriam mais fáceis ser ignoradas, esperando o seu desvanecer, em vez de envolvê-las na esperança de conciliação e de um melhor entendimento, enfrentando assim a hostilidade em prol da reconciliação, uma vez que não há Paz sem reconciliação. Tal tarefa é desconfortável e emocionalmente desgastante, uma vez que vai significar ouvir coisas que são duras de ouvir e não virar costas. Muitas vezes a reconciliação parece uma tarefa impossível. Mas embora a procura da perfeita harmonia e da reconciliação possa ser difícil esta está longe de ser impossível. Na realidade é exatamente o oposto uma vez que a Paz nos é prometida por Deus.¹⁰⁴ Assim, confiar em Deus permite atingir a Paz interior, um dos frutos do Espírito oferecidos por Deus no corpo do seu filho feito à Sua imagem, Jesus. E é Este que diz que os homens podem também viver em Paz com todos que os rodeiam: “Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em Paz com todos” (Ro 12, 18).

Existem dois modos para viver em Paz com os outros: a maneira como alguém age em relação aos outros e a maneira como reage em relação aos dons e frutos do Espírito Santo.

Em primeiro lugar, os homens e mulheres devem agir gentilmente com os outros, ou seja, tratar os outros bem, não lhes fazer coisas prejudiciais. Só assim o Espírito de Deus irá viver no ser humano: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, Paz, paciência,

¹⁰³ Papa Francisco, *Mensagem para 50º Dia Mundial da Paz*, 2017. Acedido a 4 de julho de 2018, disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html.

¹⁰⁴ Cf. Willie Krischke, *The Fruit of Spirit: Peace* (2015). Acedido a 21 de abril, 2018, disponível em <https://intervarsity.org/blog/fruit-spirit-peace>.



amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra tais coisas não há lei” (Gl 5, 22-23).

O ser humano não deve reagir mal quando alguém está a ser rude ou indelicado. A Paz de Deus, como fruto do Seu Espírito vive em cada um, dando o poder de manter a calma e a dignidade nas alturas de maior provação. Quando o ser humano age e reage bem, a sua vida pacificará todos aqueles que se encontram à sua volta.

A Paz como fruto de Espírito, tendo em conta que o Espírito é a manifestação de Deus e Cristo dentro da humanidade, é bem explicada por Santo Agostinho, que refere que a “Paz interior é uma adesão à vontade de Deus. Quando minha vida está unida ao querer de Deus, certamente que a minha alma encontra a Paz. Por maior que sejam os meios desafios, tenho a certeza de que Deus está comigo e não me abandona”¹⁰⁵. Para Santo Agostinho, para que seja possível obter a verdadeira Paz, a humanidade tem de se sujeitar a Deus, uma vez que Este é eterno, pelo que o ser humano lhe deve obediência de forma a recolher o fruto do espírito. A Paz apenas é atingida quando existe a entrega total a Deus.

1.2. A Paz fruto da Caridade

Um dos principais princípios do Cristianismo é a caridade que é caminho de santidade. São Paulo diz que o que conta verdadeiramente é “a fé que atua pelo amor” (Gl 5,6). Somos chamados a cuidar solícitamente da caridade: “quem ama o próximo cumpre plenamente a Lei. (...) Assim, é no amor que está o pleno cumprimento da lei” (Rm 13,8-10). ‘É que toda a Lei se resume neste único preceito: “Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5, 14)”¹⁰⁶.

A educação passa pelo exemplo e depois pelas palavras, sendo que estas devem ter orientações que edifiquem uma vez que por exemplo “o mundo das murmurações, feito por pessoas que se dedicam a criticar e destruir, não constrói a Paz. Pelo contrário, tais pessoas são inimigas da Paz”¹⁰⁷. Estas são orientações que nos levam a refletir sobre uma complexidade de situações como a comunicação que fazemos individual e

¹⁰⁵ Santo Agostinho, *A verdadeira religião*, (São Paulo, 1987), 63.

¹⁰⁶ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* (Prior Velho: Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março de 2018), nº 60.

¹⁰⁷ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* (Prior Velho: Paulinas, Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março de 2018), nº 87.



socialmente. Há por vezes a tendência do educador pouco reflexivo, de apenas apontar o que está incorreto. A missão de educar é uma tarefa complexa, permanente e englobante que diz respeito a uma multiplicidade de aspetos da pessoa e que tem por principal objetivo “suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, é a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual”¹⁰⁸.

O diálogo entre pessoas e nações assegura a construção das soberanias e do respeito pelas identidades multiculturais que tantas vezes estão na origem de conflitos armados devastadores e até mesmo do grande flagelo que atualmente nos aflige, como o terrorismo islâmico.

“Não é fácil construir esta Paz evangélica que não exclui ninguém; antes, integra mesmo aqueles que são um pouco estranhos, as pessoas difíceis e complicadas, os que reclamam atenção, aqueles que são diferentes, aqueles que são muito fustigados pela vida, aqueles que cultivam outros interesses. É difícil, requerendo uma grande abertura da mente e do coração, uma vez que não se trata de um consenso de escritório ou uma Paz efémera para uma minoria feliz”¹⁰⁹.

Necessitamos de estar também muito atentos para com a “violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital”¹¹⁰. Na Escola fazem-se alertas no sentido de que não faça parte da nossa maneira de estar, e dando assim mais um contributo para a Paz. A ausência de palavras acalma o furor e como nos lembra o Papa Francisco “Não nos faz bem olhar com altivez, assumir o papel de juizes sem piedade, considerar os outros como indignos e pretender continuamente dar lições. Esta é uma forma subtil de violência”¹¹¹. Aos cristãos, cumpre dar bons exemplos e ajudar o seu próximo, usando sempre a virtude da prudência para que não ser considerada uma intromissão.

Para que o exercício de caridade seja verdadeiramente irrepreensível é necessário:

- Que se veja no próximo a imagem de Deus, segundo a qual foi criado, e a Cristo Senhor, a quem se oferece na realidade ao que o necessitado se dá;
- Respeitar a liberdade e a dignidade da pessoa que necessita de ajuda;

¹⁰⁸ Carta Pastoral sobre a Educação: *Direito e Dever – Missão nobre ao serviço de todos*, EDUCRIS (2002), disponível em <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos>, acedido em 4 de julho de 2018.

¹⁰⁹ *Ibidem*, 89.

¹¹⁰ *Ibidem*, 115.

¹¹¹ *Ibidem*, 117.



- Não manchar a pureza da intenção com qualquer interesse egoísta ou com a vontade de dominar;
- Cumprir em primeiro lugar as exigências da justiça para não dar de ajuda a caridade o que já é devido a razão de justiça;
- Suprimir as causas e não apenas os efeitos dos males;
- Organizar a ajuda de tal forma que aqueles que a recebem sejam libertados progressivamente da dependência externa, sendo eles suficientes por si mesmos.¹¹²

Como já foi visto anteriormente, a Paz é considerada um dom de Deus, ou seja, uma dádiva divina oferecida pelo Senhor a todos os homens e que estes têm que a saber cultivar e preservar, uma vez que esta é uma Paz que vem do interior do ser humano para fora e não o contrário, ou seja, esta não é circunstancial nem contextual.

A justiça, liberdade e a solidariedade deverão orientar as nossas opções, até na hora de escolhermos os nossos líderes sociais. Esta ideia resplandece da leitura do decreto sobre a atividade missionária da Igreja que resultou do Concílio Vaticano II e ficou registado com o nome *Ad gentes Divinitus*. Neste documento expressa-se com firmeza que a “caridade cristã a todos se estende sem discriminação de raça, condição social ou religião; não espera qualquer lucro ou agradecimento. Portanto, assim como Deus nos amou com um amor gratuito, assim também os fiéis, pela sua caridade, sejam solícitos pelos homens, amando-os com o mesmo zelo com que Deus veio procurá-los”.¹¹³

No sermão “A fé, a esperança e a caridade, dons de Deus”, Santo Agostinho afirma que, para que o ser humano consiga saborear aquilo que lhe é dado, como é o caso da Paz como dádiva de Deus, este tem de ter caridade, tem de ter fé e tem de ter esperança.¹¹⁴ Santo Agostinho diz que as estas três virtudes teológicas, um tanto diferentes entre si, são todas um dom de Deus. A fé, esperança e a caridade, mas a maior delas e a que permanece é a caridade.¹¹⁵ Para Santo Agostinho um dos principais problemas dos homens e mulheres é o apego às coisas materiais e a busca desmedida da riqueza, uma vez que, por se preocuparem apenas com os chamados bens terrenos, estes começam a preocupar-se só consigo próprios, tendo por isso atitudes individuais, isolando-se do todo

¹¹² Cf. Conferencia Episcopal Española, *La Caridad en la Vida de la Iglesia* (s/d) 2. Acedido a 24 de abril de 2018, disponível em <http://www.conferenciaepiscopal.es/documentos/Conferencia/pdf/LIBRO17.PDF>.

¹¹³ Concilio Ecueménico Vaticano II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (Ad Gentes Divinitus)*, (Braga: Editorial A. O, 1983), 12.

¹¹⁴ Cf. Santo Agostinho, *O Se Excdio Vrbis e Outros Sermões sobre a Queda de Roma* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013), 90.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*, 91.



que constitui a sociedade. Devido a esta realidade, Santo Agostinho propôs que o ser humano fosse caritativo entre si, despojando-se dos seus bens terrenos para que fosse possível preservar a sociedade. Na sua época, as leis romanas já não tinham efeito e, especialmente os ricos agiam de acordo com os seus interesses individuais.¹¹⁶ Uma realidade que não tendo comparação com a atualidade, deverá estar sempre nas nossas orientações. Há que realçar que na época de Santo Agostinho, era um contexto em que a força prevalecia sobre as leis e sobre os sentimentos de pertença social, sendo por isso necessário estimular a sensibilidade e os sentimentos humanos para que os homens pudessem ver a si mesmos e aos outros como iguais e pertencentes a uma mesma sociedade, onde cada um tem um papel específico em prol do bem comum. Logo, a caridade em Agostinho implica bondade, sendo esta que possibilita o convívio. O despojamento dos bens materiais é uma forma de valorizar o espiritual em detrimento do material. Afinal, em qualquer tempo histórico, a essência da humanidade reside no fato de esta assentar no intelecto, que lhe permite ser racional e sensível.¹¹⁷

Ao amor aos bens terrenos, um falso amor por se prender ao que é terreno, Santo Agostinho deu o nome de cobiça (*cupiditas*) enquanto que o verdadeiro amor, puro, que aspira à felicidade eterna chamava de caridade (*charitas*).

Já para São Tomás de Aquino é a caridade o principal elemento que faz com que o ser humano aja tendo em vista o bem. Este autor medieval afiança que, acima de tudo, a caridade é amizade. Tendo em conta o pensamento de Aristóteles, Tomás de Aquino diz o seguinte sobre a caridade:

(...) não é qualquer amor que realiza a noção de amizade, mas somente o amor da benevolência, pelo qual queremos o bem daquilo que amamos e, antes, queremos para nós o bem que há neles, quando, por exemplo, dizemos amar o vinho ou o cavalo etc. não há o amor de amizade, mas um amor de concupiscência. Pois seria ridículo dizer que alguém tinha amizade pelo vinho ou pelo cavalo. Entretanto a benevolência não é suficiente para se constituir em amizade; é preciso que haja reciprocidade

¹¹⁶ Cf. Terezinha Oliveira, O Ensino da Caridade: Uma Virtude para o Bem Comum sob o Olhar de Tomás de Aquino (s/d). Acedido a 24 de abril de 2018, disponível em <http://www.hottopos.com/notand18/ensincarid.pdf>.

¹¹⁷ Cf. Santo Agostinho, *O Se Excdio Vrbis e Outros Sermões sobre a Queda de Roma* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013), 90.



de amor, pois um amigo é amigo de seu amigo. Ora, essa mútua benevolência é fundada em alguma comunhão. Logo, já que há uma certa comunhão do Homem com Deus, pelo fato que ele nos torna participantes de sua bem-aventurança, é preciso que uma certa amizade se funde sobre esta comunhão. É a respeito dela que se diz na primeira Carta aos Coríntios: “É fiel o Deus que vos chamou a comunhão com o seu Filho”. O amor fundado sobre esta comunhão é a caridade. É, pois, evidente que a caridade é uma amizade do Homem para com Deus.¹¹⁸

Hannah Arendt abordou este tema e diferenciou caridade e cobiça da seguinte forma:

Caridade e cobiça diferenciam-se pelo objeto que visam e não pelo como de o próprio visar. Descrevem desde logo a pertença a qualquer coisa e não à atitude, o habitus. O Homem é aquilo que se esforça por atingir. O amor é a mediação entre o que ama e aquilo que ama; o que ama nunca está isolado daquilo que ama, isso lhe pertence. O desejo daquilo que é a ordem do mundo é mundano, pertence ao mundo. O que cobiça decidiu ele próprio, através da sua cobiça, a sua corruptibilidade, enquanto a caridade, visto que tende para a eternidade, tornasse ela própria eterna. Se é verdade que todo o Homem particular vive isolado, ele tenta, no entanto, ultrapassar sempre este isolamento através do amor; mas também não é menos verdade que a cobiça faça dele um habitante deste mundo ou que a caridade o obrigue a viver num futuro absoluto, mundo que ele habitará¹¹⁹.

A partir destas distinções e colocando-nos na perspectiva de educar, partimos do intrínseco, de cada aluno e passamos da cobiça para a de solidariedade, aliada a princípios e valores cristãos. Deste modo favorecemos o enternecimento e a compaixão pela dor alheia. Os nossos alunos nesta fase da vida, pelo que vimos parecem estar afastados do olhar e sentir o outro, num quotidiano apressado.

¹¹⁸ Cf. Terezinha Oliveira, *O Ensino da Caridade: Uma Virtude para o Bem Comum sob o Olhar de Tomás de Aquino* (s/d). Acedido a 24 de abril de 2018, disponível em <http://www.hottopos.com/notand18/ensincarid.pdf>. p.9.

¹¹⁹ Hannah Arendt, *O conceito de amor em Santo Agostinho* (Lisboa: Instituto Piaget, 1997), 25.



A solidariedade estimula os valores da caridade e da justiça e empurra todos os que se sintam impelidos no amor de Cristo a saírem da letargia quase apática e a contrariarem a norma que prevalece atualmente, que leva indivíduos a pensar que a solidariedade é função exclusiva dos governos, que apenas aos Estados compete zelar pelo bem dos pobres e dos mais desprotegidos.

Olhando para estas palavras na atualidade, mais do que em qualquer outro tempo, os alunos são confrontados dentro das escolas com a pressão dos resultados escolares, deparando-se muitas vezes com professores empenhados em conseguir boas notas. Na ânsia da prossecução desse objetivo, por vezes esquecessem-se da empatia, do sorriso amigável, que tanta importância tem na motivação.

Na mesma escola e no mesmo tempo, os alunos estão lado a lado com colegas oriundos de todas as partes e alguns pouco dispostos à amizade e à ajuda verdadeira.

Alguns dos alunos, mesmo na escola, e da mesma turma, não podem por força das circunstâncias esquecer os problemas que existem na sua casa. Quantas vezes os pais estão desempregados. Outras vezes faltam os mais elementares bens como os alimentos ou o vestuário para si e para os irmãos e estão em contexto de violências de várias ordens. A toda esta conjuntura ao professor de EMRC cabe apresentar-se como um contributo para minimizar a dor e promover esperança num futuro mais fraterno, onde possa ser compreendido o sentido do sofrimento e explicada a importância das dificuldades que nos são colocadas enquanto oportunidades para o crescimento em comunidade.

A caridade é um fruto do Espírito único, com muitas facetas, que se refere, principalmente às relações interpessoais. Os homens e mulheres são capazes de praticar o bem, no entanto, é a presença do Espírito que confere ao atuar bem uma nota de prazer nas relações. A Paz é um desejo indelével no coração de cada pessoa, acima de identidades culturais específicas. Devido a tal facto, cada um deve sentir-se comprometido com o serviço de um bem tão precioso, tentando que nenhum tipo de falsidade contamine estas relações, das quais a caridade é um elemento essencial. Todos os homens pertencem à mesma e única família. A exaltação exacerbada das próprias diferenças contrasta com esta verdade de fundo. Há, então, que recuperar a consciência do amor ao próximo já que somos todos unidos por um mesmo destino, sendo possível a



avaliação das possíveis diferenças culturais e históricas, procurando a cooperação e a coordenação em vez da oposição relativamente ao outro.

Estas verdades tão simples são o que tornam possível a Paz, através da caridade, sendo facilmente compreensíveis quando cada um ouve o próprio coração com a pureza de intenção. A Paz não é uma simples ausência de guerra mais sim a coexistência da humanidade numa sociedade governada pela justiça, na qual, tanto quanto possível, o bem é feito por cada um. A caridade fomenta relacionamentos fecundos e sinceros, encorajando a construir caminhos de perdão e reconciliação, atingindo deste modo a Paz de Cristo.

1.3. A Paz fruto da Justiça

A Paz é um valor e um dever universal que encontra a sua base na ordem racional e moral da sociedade cujas raízes são O próprio Deus. A Paz não é simplesmente a ausência de guerra ou mesmo um equilíbrio estável entre forças opostas, mas ela se baseia em uma conceção correta da pessoa humana e requer a construção de uma ordem segundo a justiça. Mas afinal o que é a justiça?

A justiça insere-se dentro das categorias do pensamento que apenas podem ser atingidas pelo espírito, uma vez que é só pelo pensamento que o ser humano tem a possibilidade conhecer e contemplar a realidade de tudo o que é eterno. Assim, é através da alma, sendo esta sede da vida moral do ser humano e também como atributo humano privilegiado em que se processa a abstração das realidades inteligíveis que se é possível definir o que é ser justo.¹²⁰ Na sua obra *De Trinitate*, Santo Agostinho afirma que “é justa a alma que segundo os ditames da ciência e da razão dá a cada um o que a cada um pertence, na vida e nos costumes”¹²¹. Verifica-se na conceção sobre a justiça de Santo Agostinho a ideia de que existe um equilíbrio entre a vida exterior e a vida interior dos homens, ou seja, antes de ser uma característica social, a justiça deve se realizar do interior dos homens para fora, sempre numa relação de obediência e submissão à vontade de Deus.

¹²⁰ Cf. José Roberto de Abreu Mattos, *O Conceito de em Santo Agostinho: Algumas Reflexões*”, *Coletânea* 29 (2016), 105-112.

¹²¹ Santo Agostinho, *A Trindade (De Trinitate)*, (São Paulo: Paulus, 1994), 276.



Para compreender a justiça, José Mattos diz-nos que “Santo Agostinho inspirou-se nas cartas de São Paulo em que o apóstolo encoraja todos os homens a serem submissos à autoridade e as ordens de Deus: “(...) não somente por temor da cólera (divina), mas também por motivo de consciência (...) dai a cada um o que lhe é devido, o imposto, as taxas, o temor, o respeito, a cada um o que lhe deveis, não tenhais nenhuma dívida para com quem quer que seja, a não ser a de vos amardes uns aos outros, pois aquele que ama o seu próximo cumpriu plenamente a lei”¹²². Há aqui uma referência ao resumo dos preceitos que é “ama o teu próximo como a ti mesmo” (Rom 13,8). A justiça é pois um apelo a um amor a Deus que nos dá tudo e a toda a criação. Seguindo a orientação de Deus que nos amou com um amor gratuito, assim também os fiéis, pela sua caridade, terão uma resposta à solicitação do cuidar, amando com o mesmo zelo.

Para São Tomás de Aquino a Bíblia é o elemento principal quando define a justiça, sendo que, o justo tem como exemplo o divino. Nas Sagradas Escrituras a justiça encontra-se definida através de três substantivos hebraicos equivalentes:

- Sedeq: a justiça enquanto ordem criada, num todo bem integrado e harmonioso entre as suas diferente componentes, sendo quem ordena as relações justas entre os homens;
- Sedaqar: a justiça enquanto comportamento reto de acordo com essa ordem enquanto ação salvadora;
- Mispat: o juízo como sendo uma sentença, uma lei enquanto um direito objetivo, um veredito, uma ordem, podendo também significar como “Direito” no que se refere a exigências de relação.¹²³

Tendo, então, como fundamento as Sagradas Escrituras e também o pensamento aristotélico, São Tomás de Aquino afirma que a noção justiça deve envolver, em primeiro lugar a assunção dos deveres que cabe a quem invoca a igualdade no tratamento e também o respeito pelos direitos materiais e imateriais, o que, em sentido lato, é a própria postulação da ética jurídica. Quem pede por justiça deve ser capaz de reconhecer o seu dever de a preservar, cumprindo assim os deveres que também para com o próximo e para com a sociedade onde se encontra inserido. Assim, o ditado segundo o qual se deve dar a cada um o que lhe pertence é inerente à justiça no sentido ativo (quem a invoca) e

¹²² José Roberto Abreu Mattos, O Conceito de em Santo Agostinho: Algumas Reflexões, *Coletânea* 29 (2016), 105-112.

¹²³ Cf. Altamir (D. Rafael) Francisco Silva, A em Tomás de Aquino, *Revista Duc In Altum Cadernos de Direito* 8 (2016),129-145.



passivo (quem a deve observar). Sem isso, a justiça é vista segundo uma perspectiva defeituosa por suprimir a sua natureza de bilateralidade ou mesmo multilateralidade.¹²⁴

O fruto da justiça será a Paz, dito de outro modo “a justiça produzirá a Paz e o direito assegurará a tranquilidade” (Is 32, 17). Há que referir que o profeta Isaías falava num contexto onde reinava a injustiça e a opressão. Naquele tempo as classes dominantes tinham-se tornado corruptas, recorrendo ao seu poder para explorar os mais pobres. Muitos dos chamados pobres eram considerados rebeldes, companheiros de ladrões e eram extremamente vulneráveis ao suborno. Foi dada a Isaías a tarefa de perseguir a justiça, encorajando os oprimidos a defender as suas causas, especialmente as dos órfãos e das viúvas. No entanto estas pessoas encontravam-se ocupadas a cuidar e a perseguir os seus próprios interesses egoístas. A justiça tinha sido substituída pela violência e pelo derramamento de sangue, sendo que os poderosos publicavam leis e decretos extremamente opressores e injustos onde os pobres eram privados dos seus direitos, as viúvas exploradas e os órfãos roubados. Em suma, a injustiça era a ordem do dia, onde se recorria a lei e à ordem para obedecer aos interesses de alguns e não aos interesses de toda a sociedade, numa ótica de respeito pela dignidade do ser humano.¹²⁵

A Paz é um fruto indissociável da justiça, entendido em sentido amplo, como respeito pelo equilíbrio de todas as dimensões da pessoa humana. A Paz corre perigo quando se nega ao ser humano o que lhe é devido, quando a sua dignidade não é respeitada e quando a coexistência não é orientada para o bem comum. Para a construção de uma sociedade pacífica e para o desenvolvimento integral dos indivíduos, povos e nações, a defesa e promoção dos direitos humanos são essenciais.¹²⁶

Dois dos maiores desejos da humanidade, na sua globalidade, são viver em Paz e que haja justiça, sendo muito importante o equilíbrio entre estes dois termos para o bem-estar geral. O ser humano é naturalmente justo, visto que este foi criado a imagem e semelhança de Deus, num estado de santidade e justiça original.

A noção de justiça relaciona-se com vários conceitos como por exemplo a veracidade, a lealdade, a compaixão, a misericórdia, a bondade entre muitos outros, sendo que estas apenas se mostram como verdadeiramente justas quando existe uma atitude de

¹²⁴ Cf. Cláudio Pedrosa Nunes, *Uma Reflexão Conceitual-Jurídico-Cristã de em Tomás de Aquino* (Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra 2011).

¹²⁵ Cf. René Padilla, *The Fruit of Justice will be Peace* (1985). Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/026537888500200103> .

¹²⁶ Cf. João Paulo II, *Mensagem para a Jornada Mundial da Paz* (1999), 9. Acedido a 27 de abril de 28, disponível em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_14121998_xxxii-world-day-for-peace.html .



submissão voluntária, já referida anteriormente a Deus, em total obediência a Ele.¹²⁷ Para Santo Agostinho qualquer ação que esteja em harmonia com a vontade de Deus deve ter como principal motivação o amor ao próximo e ele próprio como principal condição para que seja uma ação considerada justa, sendo efetivada no âmbito do cristianismo quando estão a ser vivenciadas as práticas do amor e da caridade.¹²⁸

A ideia da justiça como *caritas* (caridade) ou *agápe* (amor) é vista como a realização do preceito cristão fundamental “ama o próximo como a ti mesmo” que é também a tradução da Paz Cristã, em que quando um indivíduo se encontra em Paz como fruto do Espírito, todos aqueles que lhes estão próximos sentem e são influenciados por essa Paz.¹²⁹

No Antigo Testamento encontra-se bem patente a relação entre a Paz e a justiça, o livro do profeta Zacarias, exorta “Eis o que deveis fazer: falai a verdade uns aos outros; julgai às portas das cidades segundo a justiça e a sinceridade. Não maquineis o mal nos vossos corações contra o próximo; não jureis falso, porque aborreço tudo isso” (Zc 8,16-17). As portas da cidade de Israel serviam como tribunais onde era reivindicada a justiça, sendo que eram envolvidas testemunhas de ambas as partes que contavam a verdade dos factos sobre juramento, sendo que depois o caso era decidido pelos anciãos. Podemos então afirmar que o teste de Zacarias avança as seguintes ideias:

- ninguém deve maquinar o mal no coração contra o outro;
- não se deve mentir contra o próximo, causando-lhe injustiça;
- as testemunhas não devem favorecer a injustiça por meio de um juramento falso;
- todo o julgamento seja em favor da Paz.

Para evitar conflitos e violência, é absolutamente necessário que a Paz seja primeiro experimentada como um valor profundo na privacidade de cada ser humano, sendo que só assim, esta se pode espalhar nas famílias e nas várias formas de agregação social, a ponto de envolver toda a comunidade política. Num clima geral de concórdia e

¹²⁷ Cf. Emir Maluf, *A coerência entre o sentido cristão de e o proposto por Agostinho de Hippona* (s/d). Acedido a 27 de abril de 2018, disponível em <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/25510-25512-1-PB.pdf>.

¹²⁸ Cf. António Carlos Wolkmer, *O Pensamento Político Medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino*, *Revista Crítica Jurídica*, 19 (2001), 3.

¹²⁹ Cf. Emir Maluf, *A coerência entre o sentido cristão de e o proposto por Agostinho de Hippona*. (s/d). Acedido a 27 de abril de 2018, disponível em <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/25510-25512-1-PB.pdf>.



respeito à justiça, pode amadurecer uma genuína cultura de Paz, capaz de se difundir também na comunidade internacional.¹³⁰

Há que referir que muitas vezes, homens e mulheres encaram a violência como forma de justiça, mas esta é completamente oposta à Paz e à justiça, sendo esta um fruto da Paz. Quantas vezes encontramos alunos a agredir colegas, justificando-se com o “ele fez-me isto”.

A violência nunca é a resposta nem a escolha correta.

A Igreja Católica, convicta da sua fé em Cristo e consciente da sua missão, proclama que a “violência é um mal, que a violência é inaceitável como solução para os problemas, que a violência não é digna do ser humano. A violência é uma mentira porque vai contra a verdade da nossa fé, a verdade da nossa humanidade. A violência destrói o que pretende defender: a dignidade, a vida, a liberdade dos seres humanos”¹³¹. Ainda de acordo com São João Paulo II “Aqueles que renunciam à ação violenta e sangrenta e recorrem à defesa dos direitos humanos às defesas ao alcance dos mais fracos testemunham a caridade evangélica, desde que isso seja feito sem prejudicar os direitos e obrigações de outros homens e sociedades.

Pode-se dizer que todos os atos injustos são uma grande fonte de violências, sendo que esta aparece sempre quando é negado à pessoa aquilo que lhe é de direito a partir da sua dignidade.

A violência nega, então, a ordem querida por Deus.¹³² Podemos dizer que, para que se tenha a Paz e se lute contra a violência há que trabalhar pela justiça : “a Paz será obra da justiça” (Is 32, 17).

Este é um trabalho com muitas dificuldades inerentes ao que toca a praticar a justiça: para a “definir, num primeiro momento e para atuar de seguida, que nunca será possível se não existirem sacrifícios no que toca aos próprios interesses e ao próprio prestígio”¹³³. Para tal é necessária uma generosidade maior, para ceder perante as razões

¹³⁰ João Paulo II, Discurso ao Corpo Diplomático Acreditado junto da Santa Sé (1997). Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/january/documents/hf_jp-ii_spe_19970113_corpo-diplomatico.html.

¹³¹ Cf. João Paulo II, *Santa Missa na Cidade de Drogheda, Irlanda* (1979). Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790929_irlanda-dublino-drogheda.html.

¹³² Márcio Looz, “Fraternidade e segurança pública”, *Encontros Teológicos*, 24 (2009), 11-20. Acedido a 27 de abril, disponível em: <https://revista.facasc.edu.br/ret/article/view/316/303>.

¹³³ Cf. Paulo VI, *Mensagem para a celebração do V Dia Mundial da Paz* (1972). Acedido a 29 de abril de 2018, disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19711208_v-world-day-for-peace.html.



da justiça e da Paz. As nossas preocupações como já referimos passam por dar exemplos de generosidade e não para lutar numa atitude de impor o próprio direito, autêntico ou presumido, ao outro.

A verdadeira Paz é, portanto, fruto da justiça, essa virtude moral e garantia legal que assegura o pleno respeito pelos direitos e responsabilidades e a distribuição justa de benefícios e encargos. No entanto a justiça humana é sempre frágil e imperfeita, sujeita às limitações e ao egoísmo que caracteriza os homens, necessitando assim de ser completada pelo perdão que cura e reconstrói as relações humanas conturbadas nas suas fundações, sendo que tal é verdade em qualquer escala, quer a nível pessoal, quer a nível grupal até mesmo a um nível internacional entre diferentes culturas. Há que referir que o perdão não é de forma nenhuma contra a justiça, podendo-se ficar com a ideia errada que perdoar significa ignorar a necessidade de corrigir o que está errado.¹³⁴

Chegamos pois ao momento de referir que uma das funções de EMRC é criar instrumentos que permitam aos alunos compreender a importância das orientações naturais e /ou positivas, e o papel que elas têm na promoção da vida coletiva em harmonia. O contexto educativo deve ser promotor da ideia de que um indivíduo, um adolescente ou jovem, só pode ir até à fronteira da liberdade do outro e que, por tal motivo a sua própria liberdade tem entraves.

A Escola e esta disciplina em particular, procura ajudar os adolescentes a articular os seus desejos com limitações. Não se trata de tentativas de acabar com sonhos e desejos, mas um ajustamento adequado entre os desejos e as interdições que permitam uma progressão moral dos adolescentes.

A justiça emprega a plenitude ao perdão, contribuindo para uma grande tranquilidade que é muito mais do que o fim temporário de hostilidades, envolvendo, então, uma cura muito mais profunda de todas as feridas que inflamam os corações humanos, sendo por isso a justiça e o perdão são essenciais para que os homens encontrem a verdadeira Paz, a Paz de Cristo dentro deles.¹³⁵

¹³⁴ Cf. João Paulo II, *No peace without justice no justice without forgiveness - John Paul II's Message for World Day of Peace* (2002) 1. Acedido a 20 de abril de 2018, disponível em: <https://www.michaeljournal.org/jf02e.pdf>.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*.



1.4. A Paz terrena como imagem de Cristo

A Paz de Cristo é a Paz da humanidade. Como já foi referido anteriormente, antes da sua paixão, Jesus Cristo dirigiu-se aos seus discípulos dizendo “Deixo-vos a Paz; dou-vos a minha Paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração nem se atemorize” (Jo 14, 27). Estas palavras são uma grande alegria para a humanidade ferida, especialmente num mundo conturbado pelos conflitos e pela existência de ódios cegos irracionais. No entanto, também podem ser interpretadas como uma advertência, um aviso, para todos aqueles que procuram aliviar o seu sofrimento por via da pacificação da terra: a Paz que o mundo dá é incompleta, somente a Paz dada por Cristo é que vai satisfazer todas as necessidades e expectativas daqueles que a procura. Podemos dizer que Paz do mundo, a Paz terrena é que aquela que os homens procuram alcançar por si mesmo enquanto que a Paz de Cristo nos é dada como um dom, uma dádiva. A primeira vê o fim dos conflitos como um objetivo em si, sendo esse o mais importante. Já a segunda é muito mais exigente uma vez que parte dentro de cada um, visando um objetivo muito maior do que o fim dos conflitos terrenos. No entanto, é através da Paz de Cristo que brota em cada um dos homens que vai haver a força de espírito para que a Paz terrena seja alcançada.

A Paz terrena só é atingida se houver em cada um de nós a Paz de Cristo. No entanto, a Paz que Jesus dá aos seus discípulos não é o principal objetivo da sua missão na terra, como nos elucida outra frase do Evangelho: “Não penseis que vim trazer Paz à terra; não vim trazer Paz, mas espada” (Mt 10, 34). Aqui parece que são postas de parte as representações reconfortantes de um Cristo pacifista e consensual, sendo um apologista da concórdia universal.

Para Cristo, mais do que a Paz, há um bem ainda mais essencial para a humanidade e das principais ferramentas para que se atinja a Paz terrena, que é a verdade. Esta é a espada de que Cristo fala. Numa sociedade onde se verifica que cada um tem a sua própria verdade, onde as opiniões pessoais são consideradas como ofensa à liberdade do pensamento dos outros, onde é aceite a falta de consenso em determinada matéria e onde a luta pelos valores morais, muitas vezes é mal vista. Anunciar a verdade como única e universal, como Cristo faz, dificilmente pode ter um efeito de pacificação mundial. Neste contexto “a verdade, tal como bem, divide acima de tudo”¹³⁶. Para Cristo

¹³⁶ Vladimir Soloviev, *Trois Entretiens Sur La Guerre* (1916), XCVIII. Acedido a 29 de abril de 2018, disponível em <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/16/troisentretiens00solo/troisentretiens00solo.pdf>.



a verdade deve estar antes da Paz, ou seja, a Paz não será verdadeira até que a Verdade seja proclamada.

Na obra “Três Conversas sobre a Guerra”, Soloviev apresenta uma clara distinção entre a Paz de Jesus e a Paz terrena: “Existe, portanto, uma Paz boa de Cristo, baseada na divisão que Cristo trouxe à terra, nomeadamente a divisão entre o bem e o mal, entre a mentira e a verdade. Existe, também, uma Paz má, negativa, a Paz terrena, que é baseada na confusão ou na união externa do que está internamente em guerra”¹³⁷. A Paz de Cristo integra o facto de que o mal declarou guerra ao bem e que deve ser combatido do modo mais apropriado.

Para os cristãos, a verdadeira Paz é uma luta. As pessoas não procuram aborrecimentos e provações, mas geralmente são estas que os procuram. No entanto, quem vive a Paz de Cristo tem a capacidade de repelir qualquer tipo de insultos e ultrajes provocados pelos outros mal-intencionados, não agindo como covardes que temem a luta, mas retaliando com toda a fortaleza de Deus. Sem a Paz de Cristo era impossível entrar na luta contra o mal.

A Paz no meio da guerra parece um conceito estranho e contraditório, especialmente para quem não desenvolve os Dons do Espírito Santo. Esta é uma noção muito presente na realidade espiritual da abordagem cristã de Paz. É assim mais fácil para o ser humano enfrentar as provações terrenas se estiver imbuído da Paz de Cristo.

A vida cristã é uma vida que poderá ter sofrimentos, conflitos de todos os tipos, mas sempre com a certeza de que Deus está ao nosso lado. A prevenção e términos desses conflitos, uma das mais terríveis feridas do mundo, permanecem entre os principais deveres do homem e mulher cristãos, sendo que todos são chamados a construir a Paz, construindo em primeiro lugar a Paz de Cristo em cada um. Tal como Este lhes ofereceu, sendo que a Paz terrena deve derivar desta Paz interior, no amor ao próximo, na caridade. Para que a Paz terrena siga a imagem de Cristo, todos os cristãos devem participar na busca da sua Paz e da Paz entre os povos, uma vez que foi para os seus discípulos, ou seja, para todos os seres humanos que Cristo deu a sua Paz, devendo agora cada um dar a sua Paz ao mundo. Um mundo que pede mais do que nunca por Paz. Mas a simples busca pela Paz não é suficiente: quando se tenta resolver um conflito com o objetivo único de o terminar sem ter em conta a justiça para todos, é uma Paz instável que, muito provavelmente será quebrada por alguma das partes envolvidas, geralmente, pela parte

¹³⁷ *Ibidem*, 123.



injustiçada. Do mesmo modo, a exigência da verdade não pode ser abandonada, uma vez que a Paz baseada no esquecimento e no falso perdão não irá durar muito, uma vez que a mentira é por natureza, destinada à destruição. A solução para os conflitos terrenos vai bem além da justiça humana, uma vez que “A Paz terrena, nascida do amor do próximo, é imagem e efeito da Paz de Cristo, vinda do Pai. Pois o próprio Filho encarnado, príncipe da Paz reconciliou com Deus, pela cruz, toda a humanidade, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só corpo, extinguiu o ódio e, exaltado na ressurreição, derramou nos corações o Espírito de amor”¹³⁸.

A solidariedade estimula nos homens e mulheres os valores da caridade e da justiça e empurra todos os que se sentem impelidos no amor de Cristo a saírem da indiferença, letargia quase apática, e a contrariarem a norma que prevalece atualmente, que leva indivíduos a pensar que a solidariedade é função exclusiva dos governos. Há uma desresponsabilização individual que atira para os Estados a competência de zelar pelo bem dos pobres e dos mais desprotegidos. Esta tendência de afastamento das causas da solidariedade por parte do cidadão é um entrave à promoção da Paz, pois o estar juntos e o cuidar são armas poderosas. “Quando a Madre Teresa recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1979, declarou claramente qual era a sua ideia de não-violência ativa: Na nossa família, não temos necessidade de bombas e de armas, não precisamos de destruir para edificar a Paz, mas apenas de estar juntos, de nos amarmos uns aos outros (...). E poderemos superar todo o mal que há no mundo”¹³⁹.

Como já foi referido anteriormente, juntamente com a justiça, a Paz é a principal aspiração de toda a humanidade. “Precisamos de lançar, também sobre a cidade onde vivemos este olhar contemplativo, ‘isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças (...), promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça’, por outras palavras, realizando a promessa da Paz.

Irá então reinar a justiça e a felicidade irá preencher e exceder todos os desejos de Paz que surgem no coração do ser humano”¹⁴⁰.

¹³⁸ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição pastoral Gaudium et Spes* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998) n.º 78.

¹³⁹ Papa Francisco, *Mensagem para o 50.º Dia Mundial da Paz*, 2017, n.º 4.

¹⁴⁰ Papa Francisco, *Mensagem para o 51.º Dia Mundial da Paz*, 2018. Acedido a 5 de julho de 2018, disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20171113_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html.



O papel do professor passa por organizar situações de aprendizagem que contribuam para ajudar os alunos a tomarem consciência clara dos valores que possuem e a (re)apropriarem-se de um olhar de fé que descubra Deus que habita nos corações, casas, ruas, praças e natureza, impulsionando-os para a solidariedade.

O docente parte de recursos, os mais relevantes serão o próprio e os alunos, e através de estratégias, entre as quais o diálogo, textos, músicas, imagens e vídeos e trabalhos de grupo, faz transbordar para a turma, comunidade educativa e toda a sociedade um olhar repleto de confiança, como oportunidade para construir um futuro de Paz.

O professor ao utilizar um estilo de resposta caracterizado pela ausência de crítica ou avaliação, pelo estímulo e a persuasão, procura incentivar a responsabilidade dos alunos.

Pela observação e experiência que vamos ganhando chegamos a conclusões que quase sempre, a violência não é um ato gratuito, mas uma reação àquilo que a escola significa ou, ainda pior, àquilo que ela não consegue ser. Há pois este compromisso confiante de trabalhar as relações humanas, aprofundar e explicitar temas relacionados com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e estimular os discentes a participar em estruturas democráticas da Escola e em ações de voluntariado e solidariedade.

A Paz tem que estar presente nas relações comunitárias. O modo de vida baseado numa ética de não-violência e de amor ao próximo é uma exigência para todos aqueles a quem foi anunciada a Boa Nova e a quem recebe de forma plena a Paz de Cristo no seu coração, à sua semelhança e vontade.¹⁴¹

¹⁴¹ A Paz Bíblica na Perspetiva do Messianismo de Jesus (s/d), p.61. Acedido a 29 de abril de 2018, disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3902/3902_3.PDF.



CAPITULO II- PAZ UNIVERSAL: PEDAGOGIA E DIDÁTICA

Neste capítulo vamos apresentar a caracterização da escola Dr. Francisco Sanches (Braga), comunidade educativa e alunos da turma onde é lecionada a unidade correspondente à Prática de Ensino Supervisionada.

1. Caracterização da escola e comunidade educativa

Vamos passar à caracterização da escola, comunidade educativa e alunos da turma, bem como as dimensões pedagógicas que referenciam o programa de EMRC.

1.1. Identificação do local de Estágio

O Estágio decorre na Sede de Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, na cidade de Braga. Este agrupamento é constituído por uma escola básica com 2.º e 3.º ciclos, fundada em 1973, à qual se agregaram em 2001, as escolas Básicas com 1.º ciclo de S. Victor e de D. Pedro V (esta última entretanto encerrada) e em 2007, o Jardim de Infância, JI das Fontes, e quatro Escolas Básicas do 1.º ciclo, três das quais com educação pré-escolar, ou seja, a EB1 da Misericórdia, a EB1/JI da Quinta da Veiga, a EB1/JI Bairro da Alegria e a EB1/JI das Enguardas. Todas as escolas se situam na zona urbana de Braga nas freguesias de S. Víctor e de S. Vicente.¹⁴²

1.2. A escola Dr. Francisco Sanches

A funcionar em instalações modernas, a escola apresenta diferentes espaços, entre outros, salas de aula equipadas com quadros interativos e projetores multimédia, acesso à internet, Pavilhão Gimnodesportivo, laboratórios adequados à prática experimental e de condições para a organização da rede tecnológica, biblioteca e rádio escola que permitem desenvolver projetos pedagógicos consistentes.

¹⁴² Cf. Agrupamento de Escolas DR. Francisco Sanches, Projeto educativo, 2013/2017, Braga 2014, 4.



O projeto educativo revela um contexto económico frágil da maior parte das famílias dos alunos. Um dos indicadores em que se baseia para tirar esta conclusão é a percentagem de alunos que beneficia do apoio da Ação Social Escolar.

Uma parte significativa dos alunos é oriunda de famílias que vivem em bairros sociais, situando-se, do ponto de vista socioeconómico, num estrato de baixos recursos e com fraco acesso a bens culturais. Algumas dessas famílias revelam graves debilidades ao nível da sua estruturação com problemas que vão do desemprego, à toxicoddependência, ao alcoolismo, à baixa escolarização, entre outros.¹⁴³

Quando entramos na Escola Dr. Francisco Sanches, deparamo-nos com uma multiculturalidade, expressa em grupos minoritários para os quais é necessário definir estratégias de integração. Entre os grupos encontramos falantes de Português oriundos do Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Alunos oriundos de territórios onde a língua materna não é o Português como a Roménia, Ucrânia, China, Senegal, Lituânia, Rússia, França Marrocos. Encontramos ainda um grupo de famílias de etnia cigana, na maioria falantes de Romani.

1.3. Caracterização da turma

A turma, 8º5, é composta por 24 alunos, 21 dos quais inscritos em EMRC. Dos inscritos 13 são do sexo feminino e 8 do masculino, com idades entre os 13 e 14 anos. Trata-se de alunos observadores da realidade, motivados e com as normas de sala de aula evidenciadas através das competências altitudinais.

Na turma há alunos da região de Braga e Açores e do estrangeiro, nomeadamente do Brasil e Ucrânia. Trata-se de uma turma muito interessada e participativa.

Num questionamento prévio para melhor compreensão da turma registamos buscas de liberdade aliada à responsabilidade, uma forte ligação ao grupo com sentimentos associados de tranquilidade. Registe-se na turma princípios de escuta e respeito por opiniões divergentes.

No contexto de turma há alguns alunos que evidenciam sentimentos de tristeza/sofrimento com certa regularidade o que nos provoca enquanto educadores. Somos pois solicitados a desenvolver em todos sentimentos de esperança, tranquilidade e Paz.

¹⁴³ *Ibidem*, 14.



Ao longo das aulas foi aumentando a empatia recíproca. No final os alunos verbalizaram e cumprimentaram o docente com sentimentos de apreço pelo trabalho desenvolvido. Um ternurento “volte mais vezes”, ficará para sempre na nossa memória.

1.4. Caracterização psicológica dos alunos do 3º ciclo quanto às Dimensões Pedagógicas que referenciam o programa de EMRC

A turma corresponde à caracterização psicológica que é feita para alunos do 3º Ciclo quanto às Dimensões Pedagógicas que são referenciadas no programa de EMRC.

Nesta turma do 8º5, estamos perante alunos de 13 e 14 anos de idade. Uma faixa etária que apresenta uma complexidade de conflitos de sentimentos e emoções, em que a aprendizagem, numa complexidade de opções, parte em alguns dos casos de modelos de inconsistência e pouco diálogo (em contexto familiar e social) para modelos de consistência, diálogo e responsabilidade.

Nesta turma os alunos relacionam-se bem com os seus pares e com os professores. Colaboram com entusiasmo nas tarefas propostas e realizam com criatividade e empenho as atividades. São curiosos pelo que levantam muitas questões. No global, são curiosos, interessados, empenhados e com bons conhecimentos científicos. No entanto, um aspeto a trabalhar é a questão dos sentimentos pois há alunos com nível de autoestima muito baixo e emoções pouco controladas fruto de histórias de vida onde a dignidade da pessoa foi por vezes desconsiderada.



Dimensão da Experiência Humana	Dimensão da Reflexão Religiosa	Dimensão da Interpretação Ético - moral
Conceção crescentemente abstrata de si mesmo, muitas vezes com declínio da autoestima. Alta sensibilidade ao que os outros pensam de si; crença excessiva de que se é único, com um sentido de invulnerabilidade face ao perigo pessoal. Novas identificações com os pares e figuras liderantes de fora da família. Os amigos são uma família substituta, por vezes muito autoritária e exigente. Interesse nos pensamentos e comportamentos dos outros. Percepção da complexidade e conflito de sentimentos e emoções. Interesse em refletir recorrentemente nos próprios pensamentos e dos outros. É necessário explorar o mundo que fica entre a casa e a escola, também o mundo virtual. O compromisso com um papel serve o comportamento do adolescente e a manutenção da sociedade, mas as escolhas são difíceis porque as opções são ilimitadas e os modelos adultos pobres e inconsistentes.	A redução da onnipotência parental abre ao interesse no religioso. Crescente interesse no relato bíblico e na vida da Igreja. Aprender a fidelizar-se a uma cosmovisão em associação com um papel: ganha <i>satisfação emocional</i> - aumenta a autoestima - através da <i>contribuição para a sociedade</i> , devido ao desempenho desse papel, porque a ideologia está além do self, estimula a procura e a pertença (a oportunidade de descentração). Crise de fé em si mesmo, na família, na sociedade. Necessidade de encontrar outras fontes de devoção, a que entregar as suas forças, e de aprender sobre o que é o mal e o que deve ser repudiado. Experiências violentas de perda (morte, abandono, violação das expectativas por parte de uma pessoa de referência) abrem a uma crise pessoal que pode instalar a dúvida religiosa.	Tendência para pensar nas regras e convenções como padrões que se devem seguir para sua salvaguarda. Desejo de ajudar e agradar aos outros, mas com simplificação do nível de compromisso pessoal. Consegue-se aprovação sendo "simpático" e "bonzinho": o bem moral é fazer o que os outros esperam, ser bom, mostrar o seu interesse pelos outros, ser leal e merecer confiança. O sujeito ensaia colocar-se no lugar dos outros, mas sem considerar um sistema geral de perspectivas. Tomada de consciência das intenções dos outros, dos acordos e dos desacordos. Tendência para acreditar que as pessoas com problemas são inteiramente responsáveis pela sua situação.

Quadro retirado de: Secretariado Nacional de Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014», pag. 165.

1.5. As finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica

Neste ponto vamos explicitar o que se pretende que cada aluno adquira com a frequência da disciplina de EMRC, a partir da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de ensino, se cumprir as várias metas, determinadas para o conjunto dos Ciclos de ensino em que a disciplina é oferecida e pode, portanto, ser frequentada”¹⁴⁴.

¹⁴⁴ Secretariado Nacional de Educação Cristã, "Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014" (Moscavide: Gráfica Almondina, 2014), 71.



As finalidades da disciplina de EMRC são um elemento essencial, na medida em que elas são “as grandes metas a alcançar ou aquisições globais a adquirir por aqueles que frequentem a EMRC com continuidade e longa duração”.¹⁴⁵

Assim sendo, as finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica são¹⁴⁶:

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

2. O enquadramento da Unidade Letiva

A unidade letiva 4 – A Paz Universal - é uma das quatro unidades letivas previstas no programa de EMRC do 7º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico.¹⁴⁷ De acordo com o Despacho que define o calendário escolar, prevê-se a lecionação desta disciplina em trinta e três aulas, cada uma com a duração de quarenta e cinco minutos.¹⁴⁸ Assim, e após uma análise das metas curriculares e conteúdos previstos para as quatro unidades do programa

¹⁴⁵ Secretariado Nacional de Educação Cristã, "Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014", 4.

¹⁴⁶ *Ibidem*, 5.

¹⁴⁷ CF. Secretariado Nacional de Educação Cristã, “Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014”, 4.

¹⁴⁸ CF. Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação, Despacho nº 5458-/2017 de 22 de junho de 2017.



de EMRC do 7º ano, prevêem-se cerca de oito aulas para cada unidade letiva. Para a leção da unidade 4, Paz Universal, optou-se por seis aulas, lecionadas no segundo período letivo. Refira-se que as aulas foram ministradas no 8º ano, pois esta unidade não havia sido lecionada.

A planificação das aulas teve sempre por base incentivar e motivar todos os alunos para o desenvolvimento de competências onde se mobilizem saberes culturais, científicos e tecnológicos tendo em vista compreender a realidade e abordar situações e problemas do quotidiano.

Nas aulas utilizamos estratégias diversificadas tendo presente os interesses dos alunos que compõem a turma, tendo em vista os domínios da religião e experiência religiosa, cultura e visão Cristã e ética e moral.¹⁴⁹

É de salientar que todas as aulas foram planificadas de acordo com a caracterização da turma, promovendo atividades de carácter teórico- prático.

Após a escolha da Unidade Letiva, seguiu-se tentativa de delinear um plano de trabalho para o presente relatório e respetiva prática.

3. Proposta de planificação e descrição da Unidade Letiva

Vamos então apresentar uma opção de leção para a presente unidade letiva.

3.1. Aula n.º 1 – Introdução a conceitos de Paz e sentimentos associados

Na primeira aula desta UL, a meta a trabalhar é: (Q) Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana., tendo como objetivo: Valorizar a Paz como valor orientador do sentido da realidade humana. Os conteúdos trabalhados serão: Paz: sonho da humanidade; mais do que ausência de guerra ou conflito; plenitude da vida e realização plena da pessoa; atitude/comportamento fruto da justiça e do amor; direito e dever.

¹⁴⁹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, “Programa de Educação Moral e Religiosa católica 2014”, 71.



A aula inicia-se com o acolhimento aos alunos (Anexo, Doc1). Após a saudação aos mesmos esperando que o período festivo do Natal tenha sido muito proveitoso e formulando votos de um bom ano de 2018. Este momento é aproveitado para criar empatia com os discentes acentuando a sua motivação para a aula. Nesse seguimento, há uma apresentação do professor e dos alunos e breve explicação do contexto (Prática de Ensino Supervisionada). A apresentação é breve pois já houve um encontro prévio com os alunos (Anexo, Doc. 3).

O Professor faz o registo do sumário no quadro para proporcionar um esquema mental da aula aos discentes.

Recorrendo aos conhecimentos dos alunos, o professor faz uma introdução à Unidade Letiva “Paz universal”, (des)construindo os conceitos com a turma, levantando um pouco o véu dos conteúdos que poderão ser lecionados neste contexto e indicando quais aqueles a que se dará ênfase neste conjunto de seis aulas.

O diálogo começa por uma interpelação sobre o são os sentimentos e respetivos exemplos. Os alunos vão enumerando sentimentos que serão agrupados pelos próprios em bons (amor, alegria) e maus (ódio, tristeza, dor) que o professor vai registando no quadro.

A turma chega a conclusões que os sentimentos são apreendidos pelos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) e tem forte influência na vida física (material), intelectual (cerebral) e moral (normas de conduta/atitudes) da pessoa. Seguidamente dois alunos são convidados a distribuir um caderno pelos membros da turma. O Professor explica que o caderno (Anexo, Doc. 5) serve para haver registo de memórias e organização, princípios para a construção da Paz. Esperamos causar surpresa aos alunos da Ucrânia, quando se apercebem da frase na sua língua.

O docente questiona os alunos, no meio de toda esta vivacidade sobre exemplos de sentimentos contribuem para a Paz e porquê?

Após este momento de Brainstorming motivado pela questão, os alunos são convidados a escreve-los no caderno.

É o “caminho do equilíbrio” dos sentimentos e respetivas emoções que vamos em conjunto descobrir nestas aulas. Seguidamente, os alunos vão formar quatro grupos para fazerem um cartaz com o título “Paz Universal” em Português e Ucrainiano e uma pomba desenhada.

Recorre-se a um ditado popular “é preciso saber o que se procura para saber o que se encontra” com tradução para ucraniano, pois há alunos provenientes da Ucrânia e com



algumas dificuldades no domínio da língua Portuguesa, mas que tal como os restantes alunos da turma trazem memórias culturais que serão também integrados, pois cada um é detentor de contributos para enriquecimento de todos.

O cartaz é preenchido com palavras que os remete para a Paz (Anexo, Doc.2)

No final, com a colaboração dos alunos é feita a síntese da aula, para que fiquem consolidados os conteúdos. A aula termina com o docente a desejar uma boa semana a todos e a relembrar o (re)encontro na próxima aula.

3.2. Aula n.º 2 – Tentativa de definição de Paz e símbolos

Na segunda aula desta UL, as metas a trabalhar são: (Q) Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana e ainda a meta (O) Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

Nesta aula os objetivos são Valorizar a Paz como valor orientador do sentido da realidade humano e interpretar criticamente episódios e factos sociais relacionados com a falência da Paz.

A aula inicia-se com o acolhimento aos alunos. Após a saudação e questionamento sobre algum momento que tenha marcado algum dos presentes ao longo da semana, inicia-se um diálogo que nos permite alicerçar a aula. Seguidamente questiona-se um aluno sobre o que mais o marcou na aula da semana transata.

Os alunos são convidados a terminar o cartaz que começaram a fazer na aula anterior. Terminada esta tarefa, os grupos vão colocar os cartazes em exposição na sala de aula (Anexo, Doc. 6).

Segue-se um momento em que o professor lança a questão: O que se quer dizer com Paz? Após várias intervenções e registo no quadro, os alunos são convidados a visualizar o que nos diz o dicionário a este propósito. “Paz é um nome feminino, poderá significar ausência de guerra; fim de uma situação de conflito armado; relação de concórdia ou harmonia entre pessoas ou grupos; tranquilidade; serenidade; ausência de ruído ou agitação em certo lugar ou momento. Há também a designada Paz de espírito cujo significado é ausência de inquietações (calma); Paz eterna remete-nos para a morte e em religião para o repouso que, segundo os cristãos gozam os falecidos que, à hora da morte, se encontram na graça divina. Finalmente a Paz interior, que significa ausência de inquietações.



O docente esclarece ainda o sentido de Paz de espírito (espírito no dicionário Porto Editora é a parte imaterial e inteligente do ser humano)¹⁵⁰. Os alunos são convidados a fazer o registo no caderno, da projeção do dicionário da Infopédia.

Segue-se a apresentação de uma nova palavra, que é apresentada com entusiasmo. Esta será várias vezes usada nas nossas vidas, trata-se de Homeostasia. Os alunos são estimulados a descobrir o que significa e por fim o docente clarifica a ideia. Processo de regulação através do qual um organismo consegue manter o seu equilíbrio.¹⁵¹

A aula prossegue acrescentando definição de Santo Agostinho que nos diz que “ A Paz é a tranquilidade da ordem de todas as coisas”¹⁵². O Professor acrescenta que neste caso a ordem é disposição das coisas segundo o fim para a qual foram criadas. Na sala de aula há uma finalidade; o caderno diário tem outra finalidade... se houver ordem tendo em conta as diferentes finalidades, há mais tranquilidade, logo maior aproximação da Paz.

O professor questiona se conhecem algum símbolo da Paz. Estes enunciam alguns e com auxílio de alunos distribui uma ficha (Anexo Doc. 8) com alguns símbolos e seus significados, que são lidos e destinados a ser colocados no caderno diário.

No final, com a colaboração dos alunos é feita a síntese da aula (Anexo Doc.9), para que fiquem consolidados os conteúdos. A aula termina com o docente a desejar uma boa semana a todos.

3.3. Aula n.º 3 – Saber ver e escutar. Promoção do Bem comum (diálogo, perdão e reconciliação)

Na terceira aula as metas a trabalhar são: (O). Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo e (L) Promover o bem comum e o cuidado com o outro., tendo como objetivos: a Paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa; a Paz como atitude / comportamento fruto de justiça e amor e a falência de Paz: - a rutura das relações e do cuidar.

¹⁵⁰ Cf. *Paz* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, Porto, Porto Editora, 2003-2017. consultado a 26 de dezembro, disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Paz>.

¹⁵¹ Cf. António Damásio, *A Estranha Ordem das Coisas A Estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*, (Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2017), 31.

¹⁵² São Tomás de Aquino. *Suma Teológica II-II, q. 29, a. 2.*



A aula começa com o acolhimento aos alunos e diálogo sobre situações da semana passada. Segue-se o registro do sumário no caderno dos alunos que é projetado no quadro (Anexo, Doc. 10).

No momento seguinte promove-se o diálogo que serve para fazer a síntese da aula anterior. Após esta proposta, o professor projeta imagens e solicita a análise das mesmas e sentimentos que estas sugerem (Anexo, Doc. 12)



Fig 1 Pôr-do-sol



Fig 2 Poluição

O docente continua diálogo, projetando no quadro a seguinte questão: o que poderá provocar conflitos?

O professor escreve no quadro as palavras que os alunos vão referindo para que fiquem algumas ideias consensuais do que poderá provocar conflitos.

Passamos para outro momento, em que o professor com a ajuda dos alunos faz a distribuição de uma ficha de trabalho.

No momento seguinte, o docente projeta um videoclip para ver e escutar uma canção.

Segue-se a análise da letra da canção e do vídeo “A Nossa Vez”¹⁵³ (Anexo, Doc12).

A aula apresenta seguidamente mais um momento de diálogo sobre o perdão e a reconciliação. Chegamos à conclusão que perdoar significa querer restaurar a relação com o outro. O perdão depende de quem o oferece. A reconciliação é uma consequência do perdão e só existe quando duas pessoas querem. Todos temos direito à Paz, pois todos temos igual dignidade.

Mas afinal o que é a dignidade da pessoa?

O docente leva os alunos à reflexão sobre a questão, e apresenta uma singela explicitação referindo que se trata da “excelência própria da pessoa humana, dada a sua natureza espiritual e destino eterno, cujo respeito é a base de toda a sã convivência social”.

¹⁵³ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=3-uPAP30NuU&list=RDEM95re2z7XPPe3E1seXrXhCA>.



Como uma força quanto mais silenciosa mais poderosa é, o amor e o perdão são forças capazes de transformar o inimigo em amigo e nas Sagradas Escrituras diz “O que quiseres que os outros vos façam fazei-o vós a eles” (Mt 7, 12).

Segue-se uma atividade onde o aluno apresenta e explica situações onde o ver o e escutar contribuem para a Paz.

A aula termina com a consolidação de conteúdos e com o docente a desejar uma boa semana a todos.

3.4. Aula n.º 4 – Instituições de promoção do bem comum. O Perfume da Paz.

Nesta aula vamos trabalhar a meta (N) Promover o bem comum e o cuidado com o outro. O objetivo é Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.

A aula começa com o acolhimento aos alunos e diálogo sobre situações da semana passada (Anexo, Doc. 13). Segue-se o registo do sumário no caderno dos alunos que é projetado no quadro.

Na sequência da aula, o docente distribui com auxílio de alunos uma vela de cheiro a cada um (Anexo, Doc. 14). Os discentes são questionados sobre o seu significado e os sentidos que provoca. A vela ilumina e poderá ser comparada à vida de cada quando ajudamos os outros. Esta vela tem cheiro que percorre o ar e cria um novo ambiente. O que lembra o cheiro?

O professor refere que na Igreja Católica se utiliza o incenso, que significa oferta e o seu perfume, alegria, satisfação e beleza. Assim as orações/ ofertas elevam-se como perfume suave e agradável, como se Deus “aspirasse tal odor” com suas narinas (cf. Gn 8, 21).

Há instituições que contribuem para a manutenção da Paz, tal como um perfume que une fronteiras e povos. Os alunos são pois convidados a visualizar um vídeo sobre o nascimento da União Europeia.¹⁵⁴

Segue-se um conjunto de questões que são projetadas: Quantos europeus terão morrido na segunda Guerra mundial? Quais os países fundadores da agora



Fig 3 Origem da União Europeia

¹⁵⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Qv82zpw0Z4I>.



chamada União Europeia? Qual o principal objetivo da criação da União Europeia?

Em que ano entrou Portugal?

Com esta união os problemas seriam resolvidos através do diálogo e não com armas.

Outra instituição que vamos abordar é a Organização das Nações Unidas, para



Fig 4 ONU

problemas globais há que encontrar soluções globais. Finda a visualização de um curto vídeo¹⁵⁵ são feitas questões sobre o mesmo (Anexo, Doc. 15).

Quais os problemas globais que o vídeo

apresenta, que são o aquecimento global, epidemias, guerra e miséria. Quantos países fazem parte da ONU, que são 193 países

Qual o ano da Declaração Universal dos Direitos Humanos é de que ano? Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), existem 193 países. Mas há algumas ausências nessa lista. As duas mais famosas são Taiwan, cuja independência não é reconhecida pela China, e o Vaticano, que, apesar de ficar de fora do cadastro da ONU, é “observador permanente” da entidade, estatuto que dá direito a voto nas conferências. A Palestina também é um Estado observador. Além disso, a ONU não contabiliza possessões e territórios. A Groenlândia, por exemplo, fica de fora porque é território da Dinamarca. Para ser membro da ONU o país deve ter fronteiras definidas, sustentação económica – uma moeda ajuda bastante – e soberania nacional. E ainda deve ser reconhecido pelos outros membros. Mas a lista da ONU não é a única. Algumas associações esportivas também têm as suas. Territórios como Aruba e Ilhas Cayman, não reconhecidos pela ONU porque pertencem, respetivamente, à Holanda e ao Reino Unido.

No início do século XX, havia apenas 57 países. “Após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), o fim dos impérios austro-húngaro, na Europa, e turco-otomano, no Médio Oriente, fez com que surgissem novos países, como a Áustria e o Iraque”. Décadas depois, a independência de ex-colônias da Ásia e da África dividiu mais o mapa. Nessa época surgiram Índia e Paquistão (1947) e Moçambique (1975), entre outros países.

Na década de 1990, com o fim da União Soviética, o mundo ficou com mais países, como a Ucrânia e o Uzbequistão. E novas divisões são traçadas em zonas de conflito. A Caxemira, na fronteira entre Índia e Paquistão e a Chechénia, na Rússia,

¹⁵⁵ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=SomD6r_a5ac.



reivindicam a independência. Os mais novos países reconhecidos pela ONU são Montenegro, ex-república Jugoslava, país independente em 2006, e Sudão do Sul, que em 2011 conquistou sua independência do Sudão após uma longa e sanguinária guerra civil¹⁵⁶.

A aula termina com um diálogo síntese e as despedidas do docente.

3.5. Aula n.º 5 – Prémios Nobel da Paz. Saborear a gratidão

Na quinta aula desta UL, a meta a ser trabalhada é: (N) Promover o bem comum e o cuidado com o outro, tendo como objetivo: Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa. Os conteúdos trabalhados são: Prémios Nobel da Paz.

Nesta aula vamos “saborear” a gratidão.

A aula começa como habitualmente com o acolhimento aos alunos e diálogo sobre situações da semana passada. Segue-se o registo do sumário no caderno dos alunos que é projetado no quadro (Anexo, Doc. 16).

A questão inicial lançada à turma é: o que poderá significar saborear a gratidão (agradecimento)? Esta serve para que cada um relate situações de agradecimento que partilhe com a turma.

Segue-se um vídeo que pretende mostrar como surgiu o prémio Nobel.¹⁵⁷ Findo este vídeo, questiona-se sobre o que surpreendeu (Anexo, Doc. 18).

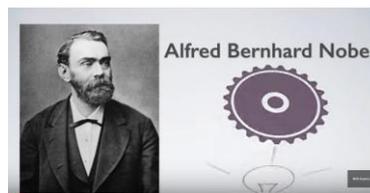


Fig. 5 Alfred Nobel



Fig. 6 Madre Teresa de Calcutá

Há pessoas que são distinguidas entre elas, apresentamos Madre Teresa de Calcutá¹⁵⁸. Segue-se um diálogo acerca da pessoa e do vídeo.

Mas, nem só pessoas são distinguidas, também Instituições, entre elas encontramos a União Europeia (Anexo, Doc.19).

Em 2017 foi premiada a Campanha Internacional para abolição de armas nucleares.

¹⁵⁶ Cf. <https://profes.com.br/flaviolopev/blog/quantos-paises-existem-no-mundo>

¹⁵⁷ Cf. Como surgiu o prémio Nobel Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=QHSeHBowVbU>

¹⁵⁸ Madre Teresa de Calcutá Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=-IGOIFCZyak>



A aula termina com uma síntese e com o reconhecimento da dignidade de cada um e o cuidado pelo outro com a atribuição de um chocolate (Anexo, Doc.17) a cada aluno, como pessoa única com um valor incalculável.

3.6. Aula n.º 6 – Educar para uma sociedade pacífica. O tato do cuidar do outro

A sexta aula desta UL, as metas a serem trabalhadas são: (N) Promover o bem comum e o cuidado do outro, (E). Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo, (D). Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da Paz e a colaboração entre os povos, tendo como objetivos: Promover o bem comum e apresentar contributos que os cidadãos podem dar para a construção da Paz.

A aula começa com acolhimento e registo do sumário (Anexo, Doc. 20). Segue-se a distribuição de ficha (Anexo, Doc. 21) onde os alunos são convidados a fazer a leitura do texto: “Era uma vez os dedos de uma mão que se zangaram uns com os outros”¹⁵⁹. Este texto será promotor de uma reflexão. Todos diferentes mas valiosos.

Os alunos são convidados a colocar a mão dentro de um saco e tentar adivinhar qual o objeto que está no interior. Estamos a trabalhar os sentidos.

Em jeito de consolidação de todo este percurso, propomos a leitura de texto de Isabel Varanda: “a Paz esteja connosco”¹⁶⁰.

A aula continua as suas interpelações. Agora há o questionar sobre o que perguntariam a um astronauta.

Vamos visualizar o que o Santo Padre questionou, quando dialogou com astronautas¹⁶¹ (Anexo, Doc. 21). O que vos chamou à atenção?

Finalmente, e para que fique na memória de todos o docente oferece um azulejo para colar no frigorífico na casa de cada aluno (Anexo, Doc.22). O azulejo é frágil como a Paz e ajuda a ter em ordem as necessidades, fixando um papel com os “lembretes”. O frigorífico poderá muito bem refletir o bem comum e o cuidar do outro. Se não der atenção ou cuidar, um dia não há bens no seu interior.

¹⁵⁹ Rui Santiago, Cf. <http://derrotarmontanhas.blogspot.pt/2006/09/era-uma-vez.html>.

¹⁶⁰ Cf. Isabel Varanda, *Na noite mora a promessa, uma espiritualidade para a vida comum* (Prior Velho: Paulinas, 2014),31.

¹⁶¹ Papa Francisco conversa com astronautas, Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=UtzniTc4y5I>



Para terminar faz-se um Kahoot (Anexo Doc. 23) para avaliação final (Anexo Doc. 24)

A aula termina com a autoavaliação e as despedidas do docente.

4. Avaliação e reflexão da Unidade Letiva

A avaliação é indispensável à ação pedagógica do docente. É através da avaliação que os vários elementos do currículo se correlacionam. A prática da avaliação é uma atividade bastante complexa, onde importa considerar as competências como objetivo principal da ação educativa e entender a avaliação como um elemento de regulação de grande relevo.

Finalizado o processo de lecionação da Unidade Letiva - Paz Universal, é fundamental proceder a uma reflexão crítica sobre todo o trabalho desenvolvido.

Torna-se fulcral refletirmos sobre as nossas escolhas e ações, percebermos as nossas potencialidades e constrangimentos, procurando realizar sempre um trabalho melhor.

A lecionação desta unidade letiva, Paz Universal, ocorreu em seis tempos letivos, à quinta-feira, pelas 11:45horas. Considero que foi um excelente princípio para pensar em propostas de lecionação de uma unidade que não havia sido lecionada no ano transato (sétimo ano) e que seria incluída no segundo período letivo, não no sétimo, mas sim no oitavo ano de escolaridade.

Os alunos entram sempre de forma ordenada e sentam-se nos lugares definidos pelo Conselho de Turma.

A primeira aula iniciou-se sem grandes apresentações, uma vez que previamente houve um encontro com a turma onde se fez um registo de opinião através de uma aplicação para telemóvel designada Kahoot (Anexo Doc.3). Através desta estratégia, ficamos a conhecer os nomes dos alunos e a sua posição face a alguns temas, como a liberdade, música, sentimentos, locais onde se sentem melhor. Após este registo, avançamos na primeira aula com uma melhor preparação.

Começamos por falar da interrupção letiva e das atividades que realizaram e encontros que tiveram, tendo em vista a criação de laços de afetividade e aproximação.

A primeira aula teve pois vários momentos que decorreram de forma muito positiva, verificando-se que as estratégias e os recursos utilizados estavam adequados. Os

alunos demonstraram, ao longo da aula, bastantes motivados, interessados, curiosos e com intervenções bastantes oportunas. Na aula, o docente fez uma articulação interdisciplinar (Português, História, Geografia; Ciências), (re)construindo o conceito de Paz, e posteriormente analisando sentidos e sentimentos que poderão contribuir para a Paz conforme a planificação (Anexo, Doc.1).

Outros momentos de grande destaque na aula foram a entrega de um caderno para que os alunos verifiquem a importância da ordem. Outro momento foi a construção de cartazes sobre sentimentos que contribuem para a Paz.

Os alunos mostraram-se bastante entusiasmados e empenhados. Verificou-se, ao longo da aula, um fio condutor, permitindo o desenvolvimento de um diálogo construtivo com uma participação muito boa.

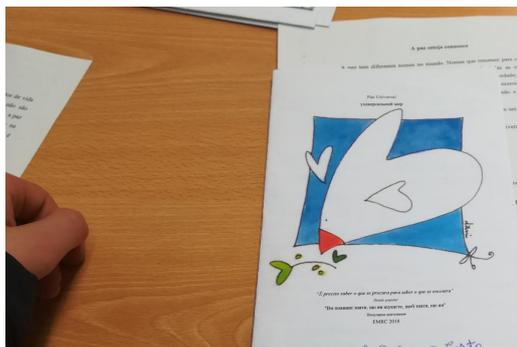


Fig. 7 Caderno do aluno

Na segunda aula, trabalhamos mais a visão.

No início desta aula com a ajuda dos alunos procedeu-se à síntese da aula anterior. A aula



Fig 8 Cartazes expostos na sala de aula

seu cartaz, ponto alto da aula, os alunos foram convidados a refletir sobre homeostasia, conceito de Ciências e que poderá ser útil para a ordem e para a Paz.

No momento seguinte estimulou-se o diálogo sobre a Paz, projetaram-se definições do dicionário, que foram registadas no caderno. Foi evidenciada a ordem segundo a finalidade das coisas o que levará a uma maior aproximação da Paz.

Os recursos utilizados e preparados foram os adequados, constatado pelo *feedback* demonstrado por parte dos alunos. Toda a planificação foi cumprida (Anexo, Doc. 7).

prosseguiu com a conclusão do cartaz onde estão expressos sentimentos de Paz. Cada grupo expõe o cartaz na parede da sala de aula.

Após a visualização e explicação de cada grupo do



A terceira aula teve como tema central o saber ver e escutar. A promoção do bem comum com diálogo, perdão e reconciliação. A aula tem como objetivo reconhecer que a Paz é um direito universal.

No início desta aula como habitualmente há a promoção de um diálogo ordenado, fazendo-se a síntese da aula anterior cuja finalidade é relembrar conteúdos e fazer o elo de ligação com a presente aula. Após a realização da síntese, fez-se o registo de situações que originam conflitos. Segue-se uma ficha de trabalho (Anexo, Doc. 6) com a letra de uma música que os alunos vão escutar e visualizar um vídeo. Este momento é aproveitado para refletir sobre o crescimento, as mudanças, as memórias que permanecem. O desafio foi que os sentidos provocassem sentimentos que penetrassem o coração e estimulassem mudanças de atitudes.

Este foi o ponto alto da aula, pois os alunos começaram a cantar e a juntar as suas vozes, formando um coro belíssimo e evidenciando as suas emoções. Chega-se à conclusão que perdoar significa restaurar a relação com o outro. A força mais poderosa é pois silenciosa (o amor, perdão e reconciliação) que são próprios da dignidade da pessoa. Os materiais utilizados revelaram-se apropriados. E toda a planificação foi cumprida (Anexo, Doc. 10).

A quarta aula teve como tema central o perfume da Paz, ou seja, instituições de promoção do bem comum, que se sobrepõem a fronteiras.

No início desta aula, realizou-se a síntese da aula anterior cuja finalidade foi relembrar os conteúdos trabalhados e fazer o elo de ligação para a presente aula. De seguida, fez-se uma breve reflexão e diálogo sobre instituições que contribuem para a Paz.

Seguidamente o professor faz a distribuição de uma vela de cheiro por cada aluno.



Fig 9- Vela distribuída a alunos

Com esta vela pretende-se levar os alunos a refletir sobre a importância do iluminar, ou seja, cuidar dos outros. O Cheiro percorre o ar e cria novos ambientes. Há instituições que ajudam a criar novos ambientes, como a União Europeia. Assim, visualiza-se um pequeno vídeo sobre esta instituição que será acompanhado por uma ficha de trabalho (Anexo, Doc. 8) para se reforçar o objetivo da sua criação. Seguiu-se a projeção e reflexão sobre a Organização das Nações Unidas e o surgimento de novos países. Apesar de haver novos países torna-se indispensável a defesa da dignidade da pessoa.



Mais uma vez, a planificação foi cumprida e todos os materiais preparados revelaram-se adequados (Anexos, Doc. 13).

A quinta aula (Anexo, Doc. 16) teve como tema central a apresentação dos prémios Nobel, sua origem e alguns contemplados, que saborearam a gratidão. A aula iniciou-se com o habitual acolhimento e a síntese da aula anterior cuja finalidade era relembrar os conteúdos trabalhados e fazer o elo de ligação com a presente aula. Os alunos agradeceram publicamente uns aos outros algo que os tem marcado. Foi realçada a importância da gratidão. De seguida foi projetado um vídeo com uma das contempladas com o prémio Nobel: Madre Teresa de Calcutá. Seguiu-se a exploração do vídeo. Também há instituições que foram premiadas entre elas a união Europeia e em 2017 a Campanha para abolição das armas nucleares, um tema bem atual e que provocou diversas reações contra o uso destes armamentos (Anexo, Doc. 19).

As aulas tiveram sempre um bom fio condutor. Os sentidos (visão, audição, o cheiro, o tacto...) foram o mote e o fio condutor no desenvolvimento dos conteúdos. É de salientar que os conteúdos são bastante complexos. Nesta unidade foram utilizados diversos recursos de forma a clarificar a mensagem a transmitir. O recurso a músicas atuais, imagens, vídeos, símbolos, aromas, documentários, exemplos da vida quotidiana, a apresentação de personalidades e instituições promotoras da Paz facilitaram a clarificação da comunicação. As orientações para as tarefas foram dadas de forma inequívoca e os alunos perceberem com facilidade o que lhes era pedido. Como se pode comprovar pela análise das planificações foram pedidas muitas tarefas aos alunos e todas foram concretizadas com sucesso.

A sexta e última aula teve como tema central o tato do cuidar do outro para a promoção do bem comum. Foi distribuída uma ficha de trabalho (Anexo, Doc. 21). No primeiro texto reflete-se sobre a importância de ser um singelo dedo de uma mão. Todos contribuem para o bem comum. Um saco preto leva-nos a apalpar um objeto, que é um azulejo. Este é muito frágil. Tem que ser tratado com cuidado. Estes sentidos levam-nos a questionar como tratamos os outros?

Segue-se a leitura e análise de conteúdo de outro texto intitulado: A Paz esteja convosco. Neste texto há um caminhar progressivo do mundo visível para o invisível, ou seja, do natural para o sobrenatural. Que caminho maravilhoso percorremos lado-a-lado.

Não ficamos na superfície terrestre, fomos para o espaço. Questionamos: o que perguntariam a um astronauta?



O que perguntaria o Santo Padre?

É projetado o vídeo com este diálogo e feita a sua análise.

Afinal há diálogo entre a ciência e a fé?

Iniciamos as aulas a olhar para a Terra e terminamos com os “olhos do intelecto” a mirar os céus.

Os azulejos são dados a cada aluno para que leve para casa e coloque no frigorífico. Um lugar que conserva bens

essenciais materiais, mas a memória deverá transformar sempre o coração de cada um para que a humanidade se afirme sempre.

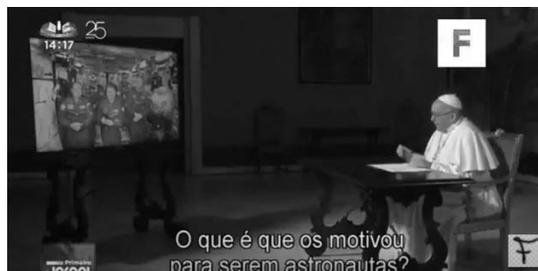


Fig 10 Papa Francisco em diálogo com astronautas.

Conclui-se a aula com o apoio de um a aplicação para telemóvel, o Kahoot, que é um elemento de avaliação.

Terminada a leção e feita uma retrospectiva verificamos que há ainda um longo caminho a percorrer.

A planificação de cada aula desempenha um papel preponderante pois permite não só estruturar a aula mas também permite prever algumas dificuldades e antecipar soluções.

Todo o processo de ensino-aprendizagem foi centrado no aluno, nas suas necessidades e potencialidades.

O docente utilizou linguagem clara e um tom de voz adequado. Finalmente refira-se que foi possível gerir o tempo e o espaço disponíveis para o desenvolvimento harmonioso de cada uma das aulas com a permanência de um entusiasmo que alimenta a Esperança.



CONCLUSÃO

Este relatório representa uma oportunidade para refletir e avaliar o que fizemos. É também uma oportunidade de formular anseios.

Começamos por fazer um longo e penoso percurso de investigação bibliográfica onde se aclararam conceitos considerados fundamentais para a compreensão da temática proposta. Depois foi outra caminhada silenciosa, em solidão na tentativa de organização de tantas ideias. Chegados aqui, uma das conclusões a que chegamos é a importância que a educação assume para o desenvolvimento da humanidade, onde são imprescindíveis a liberdade, justiça, respeito e a dignidade da pessoa.

À disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica cumpre um papel integrador por excelência ao formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé. Permite também desenvolver competências que desvelam o significado do património artístico-religioso e da simbólica. A (re)descoberta deste património, mobiliza saberes culturais, científicos e tecnológicos que permitem obter outras perspectivas de compreensão do visível e do invisível.

A transmissão de valores como os da vida, solidariedade, liberdade, justiça, amor, respeito pela dignidade, cuidar do outro, valorização da diferença são rumos para a Paz.

Na adolescência há a tomada de autoconsciência e introspeção. Valoriza-se mais a diferença que a semelhança. Este é portanto um momento para se compreender que as diferenças são a evidência que todos temos diferentes qualidades, daí necessitamos uns dos outros. As pessoas com problemas não são inteiramente responsáveis pela sua situação pois estão inseridas numa comunidade que cuida.

Começamos o trabalho indo às raízes clássicas, com Homero para um enquadramento do ponto de vista social, onde estão presentes princípios de uma sociedade democrática. Em vez de ser um a pensar por todos, pensam todos por si mesmos. É uma excelente oportunidade para considerar os contributos de cada um para a melhoria do bem comum. Foi aqui que começamos uma verdadeira Odisseia. Ao longo do trabalho verificamos que tantas vezes usamos o conceito justiça, mas não nos questionamos muito sobre o que é pois damos-lo como adquirido. Serão estas aulas também um local de reflexão sobre a mesma.

Atualmente é muito importante o reforço da humanidade perante uma crescente desumanidade. A Educação Moral Religiosa Católica além de ajudar a conhecer e a interpretar a nossa cultura, marcada nas suas expressões literárias e artísticas pelo cristianismo, torna-se também uma disciplina de grande importância para aprender a



viver juntos. Entre os seus princípios estão a educação para a transcendência, comum a todas as civilizações e culturas, que dota os seres humanos da possibilidade de entender o outro e “ver” a bondade, verdade, beleza e os mistérios da fé. Não se trata tanto de propor ideias, mas sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo. Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma vontade interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e por consequência comunitária. Neste contexto somos impelidos a estabelecer uma relação entre a vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. Este é por excelência o local de apresentar valores éticos e morais de defesa da vida, fraternidade, igualdade de essência e de direitos e deveres, dignidade e tantos outros que, embora consagrados universalmente tendem a ser esquecidos ou ignorados.

Neste percurso fomos surpreendidos por um contexto urbano de uma cidade de média dimensão onde há contextos desfavoráveis. Os efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a fragmentação social são registos de algumas formas de violência. Estes são apenas alguns sinais, que mostram como o crescimento urbano não significou, em todos os seus aspetos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns destes indícios serão mesmo sintomas de alguma degradação social, ou seja, uma silenciosa rutura dos vínculos de integração e comunhão social.

O caminho da Paz passa por suprimir as causas e não apenas os efeitos dos males, para que se assista à libertação de cada um, manifestando-se esta nas relações comunitárias.

Este foi um relatório que procurou recuperar a consciência do amor ao próximo já que somos todos unidos por um mesmo destino, sendo possível a avaliação das possíveis diferenças culturais e históricas, procurando sempre a cooperação e a coordenação em vez da oposição relativamente ao outro. Só assim a Paz terrena é alcançada, fundamentando-se em princípios de ética de não-violência e de amor ao próximo. Uma exigência para todos.

Esta mensagem está muito adequada para alunos do oitavo ano de escolaridade. A valorização dos sentidos e emoções vai-se alojando no coração humano, onde é sempre um convite a mobiliza-se em ações.



BIBLIOGRAFIA

Fonte

Bíblia Sagrada, Tradução mediante a versão dos Monges de Maredsous, revista por Frei José Pereira de Castro, Cucujães: Editorial Missões, 2009.

Documentos do Magistério da Igreja

Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad Gentes Divinitus*, Braga: Editorial A. O, 1983.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.

Papa Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*. Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral da Episcopado, 29 de junho 2009.

Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*. Prior Velho: Paulinas. Secretariado Geral da Episcopado, 24 de maio 2015.

Papa Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. Braga: Diário do Minho, Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março 2016.

Papa Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*. Paulinas: Secretariado Geral do Episcopado, 19 de março 2018.

Bibliografia Geral

Altamir (D. Rafael) Francisco Silva, A em Tomás de Aquino, *Revista Duc In Altum Cadernos de Direito* 8, 2016.

ARENDET, Hannah, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, Lisboa: Instituto Piaget, 1997.



- AYLLÓN, José Ramón, *Desfile de Modelos: Análise de la conducta ética*, Madrid: Editions RIALP, SA, 2010.
- CALVERT, Sandra, “Children as consumers: advertising and marketing” *The Future of Children* 18, 2008.
- CASTILHO, Gerardo, *La Educacion de la amistad en la familia*, Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1999.
- Comissão Episcopal da Educação Cristã. «Competências Essenciais e Metodologia da EMRC na Educação Básica». *Fundação do Secretariado Nacional da Educação Cristã*. Torres Novas, 2003.
- DAMÁSIO, António, *A Estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*, Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2017.
- David Buckingham, “Repensando a Criança-Consumidora: Novas Práticas, Novos Paradigmas” *Comunicação, Mídia e Consumo* , 2012.
- Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. "Constitutio pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis «Gaudium et spes»." *AAS* 58 (1966): 1025-1120.
- Grande Dicionário Enciclopédico*, Volume 1, Madrid: S.A.P.E, 1998.
- Jacalyn Post and Mary Hohmann, “Educação de Bebés em Infantários” , Lisboa: Gulbenkian, 2011.
- MATTOS, José Roberto de Abreu, O Conceito de em Santo Agostinho: Algumas Reflexões”, *COLETÂNEA* 29 , 2016.
- MENÉSES, Maria Alberta, *Ulisses*, Porto: Porto Editora, 2016.
- Moita, Fernando Augusto Teixeira, António José Melo Cordeiro, José Luís Pinto Dias, Maria Rocha, e Maria Margarida Antunes Santos Portugal. *Desafios - Manual do aluno- 7.o ano- Educação Moral e Religiosa Católica*. Editado por Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã. Moscavide: Gráfica Almondina, 2008.



- NOVAIS, Jorge Reis, *A dignidade da pessoa humana*, Lisboa: Almedina, 2015.
- NUNES, Cláudio Pedrosa, *Uma Reflexão Conceitual-Jurídico-Cristã de em Tomás de Aquino*, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2011.
- Santo Agostinho, *A Trindade (De Trinitate)*, São Paulo: Paulus, 1994.
- Santo Agostinho, *O Se Excdio Vrbis e Outros Sermões sobre a Queda de Roma*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- Santo Agostinho, *Confissões*, Livro X, 28.
- Santo Agostinho, *De Civitei Dei*, 1, XIX, c. 11.
- São Tomás de Aquino. *Suma Teológica II-II, q. 29, a. 2.*
- Secretariado Nacional de Educação Cristã. «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014». Moscavide: Gráfica Almondina, 2014.
- VARANDA, Isabel, *Na noite mora a promessa, uma espiritualidade para a vida comum*, Prior Velho: Paulinas, 2014.
- WOLKMER, António Carlo, O Pensamento Político Medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, *Revista Crítica Jurídica*, 19, 2001.

SitioGrafia

- (S/A), *El Espíritu Santo y el Fruto del Espíritu* (2017) 50. Acedido a 2 de maio de 2018, disponível em: <http://www.delanceysda.com/sabbathschool/es07.pdf>.
- Agostinho de Hippona* (s/d). Acedido a 27 de abril de 2018, disponível em: <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/25510-25512-1-PB.pdf>.



Almeida da Silva, Eunice. «A diversidade humana Saúde Coletiva». *saúde coletiva*. São Paulo: Editorial Bolina, 2010. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84215105001>.

Bento XVI, *XLIV Mensagem para dia mundial da Paz*, 8 de dezembro de 2010, 16, disponível em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20101208_xliv-world-day-peace.html, consultado a 11 de maio de 2018.

Carta Pastoral sobre a Educação: “Direito e Dever – Missão nobre ao serviço de todos” (2002), EDUCRIS, acessado a 3 de julho de 2018. Disponível em <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>.

Conferencia Episcopal Española, *La Caridad en la Vida de la Iglesia* (s/d) 2. Acessado a 24 de abril de 2018, disponível em: <http://www.conferenciaepiscopal.es/documentos/Conferencia/pdf/LIBRO17.PDF>.

Constituição da República Portuguesa, artigo 24, acessado em 10 de abril de 2018. Disponível em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>.

Vital Moreira e Carla de Marcelino Gomes (coordenação), *Compreender os Direitos Humanos: Manual de Educação para os Direitos Humanos*, versão original de WOLFGANG BENEDEK (Graz:2012), disponível em <http://www.igc.fd.uc.pt/manual/pdfs/Indices.pdf>.

COMPARATO, Fábio Konder, *A afirmação Histórica dos Direitos Humanos* (São Paulo: Câmara Brasileira do Livro:2003) 10. Disponível em https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/42943139/A_Afirmacao_Historica_Dos_Direitos_Humanos_-_.

Cristiane Santos and Daniel Fernandes “Socialização de consumo e a formação do materialismo entre os adolescentes”, *Revista de Administração Mackenzie* 12, 2001.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, acessado em 3 de abril de 2018. Disponível em <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.



Douglas McGregor, “A Teoria X e a Teoria Y, de Douglas McGregor”. Acedido a 7 de março de 2018, disponível em <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-teoria-x-e-a-teoria-y-de-douglas-mcgregor/51506/>.

DUQUE, João Manuel, *Pós-modernidade e religião*, disponível em http://www.academia.edu/10575730/P%C3%B3s-modernidade_e_religi%C3%A3o

EINSTEIN, Evelyn . Adolescência, *definições, conceitos e critérios* . Adolesc Saude. 2005, 6-7. Acedido em 10 de abril de 2018. Disponível em http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167.

Emir Maluf, *A coerência entre o sentido cristão de e o proposto por Erasto Fortes Mendonça*, Educação, Pobreza e Desigualdade Social, acedido a 10 de abril de 2018. Disponível em <http://sgmd.nute.ufsc.br/content/secadi-formacao-continuada-pbf/mod-2/capitulo2-1.html>.

Flávio Maria Leite Pinheiro, *THEMIS - Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará*, A Teoria dos Direitos Humanos V6, nº2 (Ceará: 2016), 111-120. Disponível em <http://revistathemis.tjce.jus.br/index.php/THEMIS/article/viewFile/198/188>.

Frederic Munné and Núria Codina, *El tiempo libre en el ámbito de la infancia* , Madrid: Ministerio de Asuntos sociales, 1992.

Homero, *Odisseia*, capítulo 7, 45. acedido em 12 de janeiro de 2018, disponível em <https://www.livros-digitais.com/homero/odisseia/45> .

Infopédia da Língua Portuguesa (Porto: Porto Editora, 2003-2018) ,Disponível em : <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Paz>.

Ivone Maria dos Santos “A cultura do consumo e a erotização na infância” *Extraprensa – Cultura e Comunicação na América Latina* 2, 2009.

Jardim-de-Infância” (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal, 2013.

Jean Leduc, *La Paix de Jésus-Christ* (s/d). Acedido a 30 de abril de 2018, disponível em: http://levigilant.com/paix_de_jesus_christ/paix_de_jesus_christ.html.



João Paulo II, *Discurso ao Corpo Diplomático Acreditado junto da Santa Sé* (1997)
Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/january/documents/hf_jp-ii_spe_19970113_corpo-diplomatico.html.

João Paulo II, *Discurso aos Membros da Pontifícia Academia das Ciências* (1983)
Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/november/documents/hf_jp-ii_spe_19831112_pont-accademia-scienze.html.

João Paulo II, *Mensagem para a Jornada Mundial da Paz* (1999), 9. Acedido a 27 de abril de 28, disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_14121998_xxxii-world-day-for-peace.html.

João Paulo II, *Mensagem para a XV Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, 31-V-1981. https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_10051981_world-communications-day.html.

João Paulo II, *No peace without justice no justice without forgiveness - John Paul II's Message for World Day of Peace* (2002) 1. Acedido a 20 de abril de 2018, disponível em: <https://www.michaeljournal.org/jf02e.pdf>.

João Paulo II, *Santa Missa na Cidade de Drogheda, Irlanda* (1979). Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790929_irlanda-dublino-drogheda.html.

LOPES, Filipe, *Os conceitos de Paz e violência cultural: Contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos* Athenea Digital, Universidade de São Paulo, 16 de março de 2013, 169-177. Acedido a 5 de março de 2018, disponível em www.raco.cat/index.php/Athenea/article/download/291660/38014.6.



Lucas Mateus Dalsotto in *Theoria*, Revista Eletrônica de Filosofia da Faculdade Católica de Porto Alegre, Volume V, nº14, 2013, 129-141. Disponível em: http://www.theoria.com.br/edicao14/dignidade_humana_em_kant.pdf.

Lucia Rabello de Castro, *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo* (1998) 10. Acedido a 5 de março de 2018, disponível em https://kupdf.com/download/infancia-e-adolescencia-na-cultura-do-consumo_59ab29bedc0d60c364568ede_pdf.

Márcio Looz, “Fraternidade e segurança pública”, *Encontros Teológicos*, 24 (2009), 11-20. Acedido a 27 de abril, disponível em: <https://revista.facasc.edu.br/ret/article/view/316/303>.

Maria João Figueiredo, “A Relação Escola-Família no Pré-Escolar: Contributos para uma compreensão”, Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, 2011.

Marisa Ferreira “A Relação entre a Equipa Pedagógica e as Famílias em Creche e, Léa, Michaan *Psicóloga Responde: como lidar com o adolescente*, acedido a 12 de abril de 2018. Disponível em <https://psicologaresponde.wordpress.com/2010/04/15/como-lidar-com-o-adolescente/>.

Michel Schooyans, *La paix, don de Dieu confié aux hommes* (1982). Acedido em 23 de abril de 2018, disponível em: <http://www.nrt.be/docs/articles/1982/104-3/942-La+paix%2C+don+de+Dieu+confi%C3%A9+aux+hommes.+En+marge+du+message+de+Jean-Paul+II%0Bsur+la+paix%0B.pdf>.

Paulo VI, Mensagem para a celebração do V Dia Mundial da Paz (1972). Acedido a 29 de abril de 2018, disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19711208_v-world-day-for-peace.html.

Philip Potter, *Peace: The Fruit of Justice* (s/d), 499. Acedido em 23 de abril de 2018, disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/004057368003600403>.

SANTOS, Boaventura Sousa, *Para uma Concepção Multicultural dos Direitos Humanos* (Editora PUC Rio, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2001) 16. Acedido a 3 de julho de 2018. Acedido a 3 de julho de 2018. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/44219/1/Para%20uma%20Concep%C3%A7%C3%A3o%20Multicultural%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>.



René Padilla, *The Fruit of Justice will be Peace* (1985). Acedido a 28 de abril de 2018, disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/026537888500200103>.

Ricardo Torques, *Convenções específicas da ONU*, 2016, acedido a 10 de abril de 2018. Disponível em <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/convencoesespecificasp2/>.

SILVA, Jorge Viera, *A Verdadeira Paz: Desafio do Estado Democrático* (São Paulo: Sielo, 2002) acedido a 5 de março de 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000200005.

Sínodo dos Bispos, *a vocação e a missão da família no mundo contemporâneo*, 2015. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazi-one-finale-xiv-assemblea_po.html.

Sínodo dos Bispos, XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo RELATÓRIO FINAL DO SÍNODO DOS BISPOS O SANTO PADRE FRANCISCO, 24 de outubro de 2015,p.66. Acedido a 10 de abril, disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazi-one-finale-xiv-assemblea_po.html.

Soloviev, Vladimir, *Trois Entretiens Sur La Guerre* (1916), XCVIII. Acedido a 29 de abril de 2018, disponível em: <http://scans.library.utoronto.ca/pdf/7/16/troisentretienss00solo/troisentretienss00solo.pdf>.

Tamara Mangleburg, Patricia Doney and Terry Bristol “Shopping with friends and teens’ susceptibility to peer influence” *Journal of Retailing* 80 ,2004.

Terezinha Oliveira, *O Ensino da Caridade: Uma Virtude para o Bem Comum sob o Olhar de Tomás de Aquino* (s/d). Acedido a 24 de abril de 2018, disponível em: <http://www.hottopos.com/notand18/ensincarid.pdf> .



Tomás de Aquino, *Le précepte que le Seigneur donne, c'est celui de la Charité*. Acedido a 27 de abril de 2018, disponível em: <http://site-catholique.fr/index.php?post/Meditation-Saint-Thomas-d-Aquin-sur-la-Charite>.

Willie Krischke, *The Fruit of Spirit: Peace* (2015). Acedido a 21 de abril, 2018, disponível em: <https://intiversity.org/blog/fruit-spirit-peace>.

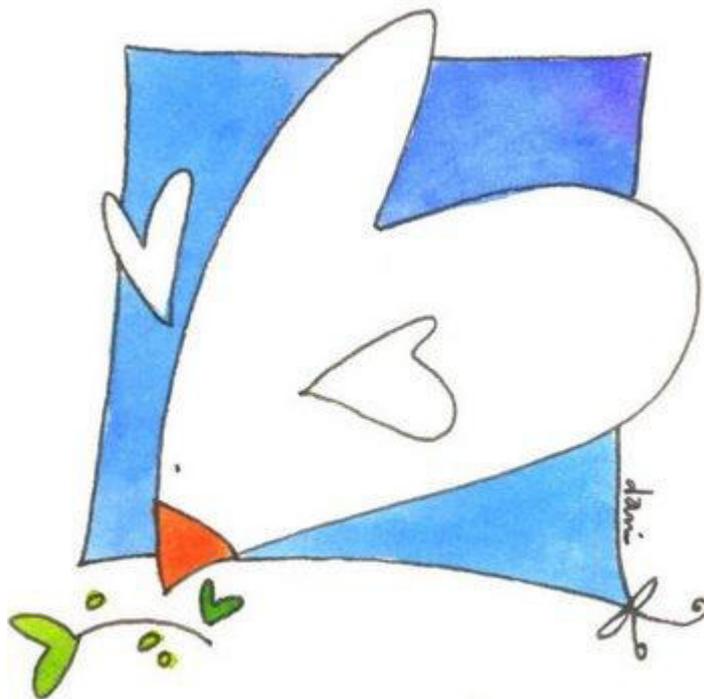


ANEXOS



MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

			<p>para o caderno</p> <p>Os sentimentos contribuem para a Paz? Porquê?</p> <p>O docente solicita a cada aluno para dizer a sua resposta em voz alta.</p> <p>Chegamos a exemplos de sentimentos que podem ser bons ou maus. Os alunos são convidados a distinguir os sentimentos.</p> <p>Formar 4 grupos para fazerem um cartaz.</p> <p>O cartaz tem o título “Paz Universal” em Português e Ucrainiano e uma pomba desenhada.</p> <p>Os alunos são convidados a preencherem o cartaz com sentimentos de Paz.</p>	<p>Marcadores Cartaz</p> <p>Caderno diário</p>	<p>5</p> <p>5</p> <p>10</p>	
--	--	--	--	--	-----------------------------	--



“É preciso saber o que se procura para saber o que se encontra”

Ditado popular

"Ви повинні знати, що ви шукаєте, щоб знати, що ви"

Популярне диктування



Kahoot! Find Kahoots My Kahoots My results FAQs Support New K! Duarte1970

Questions (8) Show answers

Q1: A imagem, o que te lembra? 20 sec

Q2: Qual o local onde sinto mais tranquilidade? 20 sec

Q3: A imagem remete para que sentido do corpo humano? 20 sec

Q4: A música provoca-te...? 20 sec

Opinião de aula
A public survey for schools

Play Challenge ☆ ⋮

Aula

Recolha de opinião
Kahoot

Copy and share this playable link
<https://play.kahoot.it/#/?quizId=c6e1c255-ae0d-41c2->

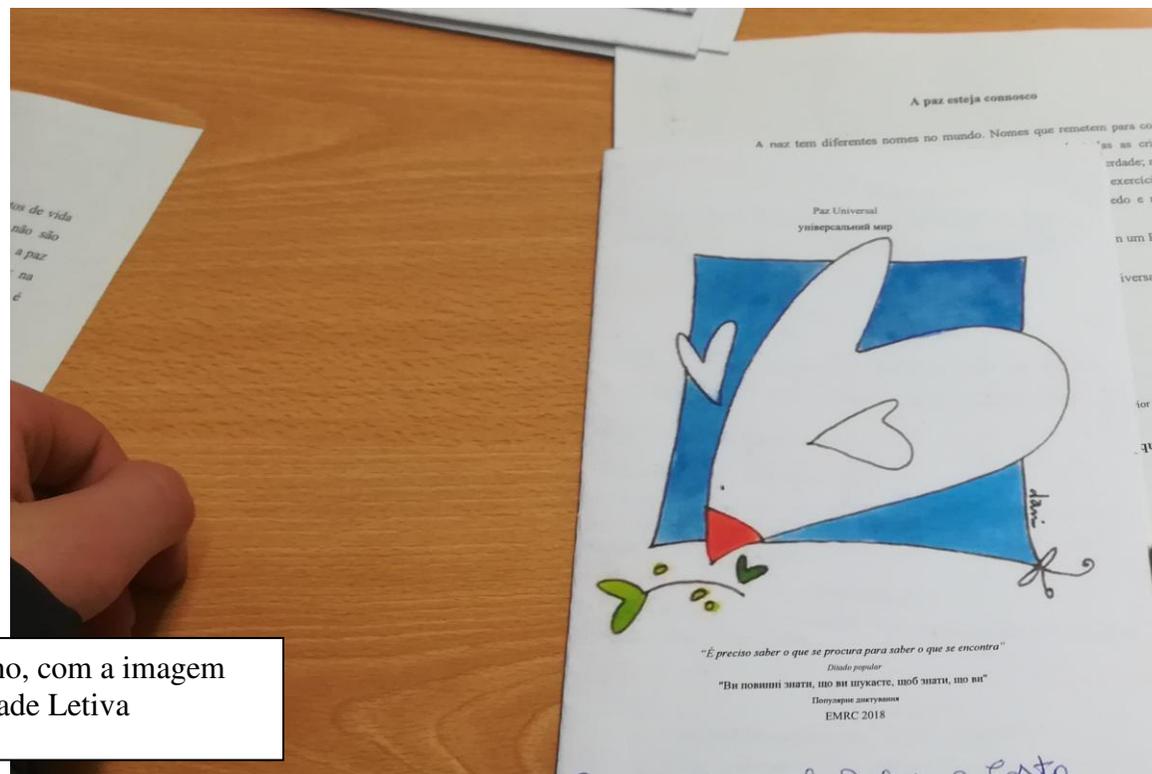


	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	Opinião de aula									
2	Q2	Qual o local onde sinto mais tranquilidade?								
3	Question duration	20 seconds								
4										
5	Answer Summary									
6	Answer options	▲ "Casa"	◆ "Escola"	● "Grupo de amigos"	■ "outro"					
7	Number of answers received	6			0		7		3	
8	Average time taken to answer (seconds)	11,44			0,00		10,08		10,14	
9										
10	Answer Details									

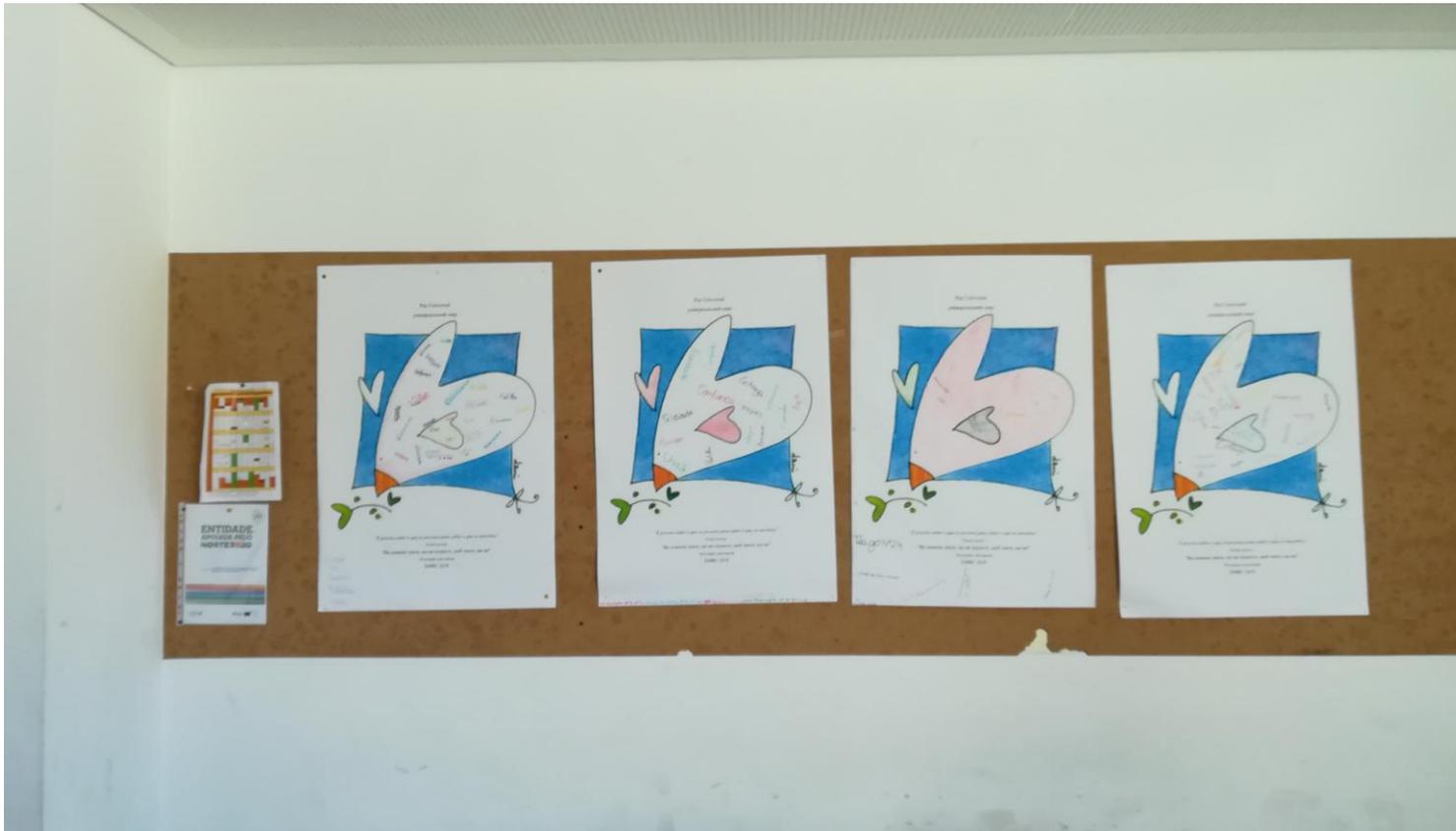
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
1	Opinião de aula										
2	Q4	A música provoca-te...									
3	Question duration	20 seconds									
4											
5	Answer Summary										
6	Answer options	▲ "maus momentos"	◆ "tristeza"	● "bons momentos"	■ "alegria"						
7	Number of answers received	0			1		5		10		
8	Average time taken to answer (seconds)	0,00			4,50		10,51		9,15		
9											

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
1	Opinião de aula										
2	Q5	o que mais desejas para a tua vida?									
3	Question duration	20 seconds									
4											
5	Answer Summary										
6	Answer options	▲ "mais conhecimentos"	◆ "mais paz"	● "mais atenção"	■ "mais tranquilidade"						
7	Number of answers received	8			9		0		0		
8	Average time taken to answer (seconds)	9,01			8,05		0,00		0,00		
9											

Exemplo de resposta dos alunos, em recolha de opinião através de aplicação para telemóvel (Kahoot)



Caderno diário distribuído a cada aluno, com a imagem que vai permanecer ao longo da Unidade Letiva



Cartazes expostos na sala de aulas



Unidade Letiva: 4 – A Paz Universal

Ano: | Turma:

Doc. 7

Data: 11 de janeiro de 2018

Tempo previsto: 45 min

Aula n.º 2/6

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: A Paz; tentativa de definição do termo e sentimentos que lhe estão associados. Os símbolos da Paz – significado.			Acolhimento aos alunos. - Registo do sumário.	Caderno diário Quadro e caneta	.5 min	Assiduidade Pontualidade Empenho
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>Valorizar a Paz como valor orientador do sentido da realidade humano.</p> <p>Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência de Paz.</p>	<p>•A Paz, o grande sonho da humanidade;</p> <p>•A Paz, mais do que ausência de guerra ou conflito;</p> <p>•A Paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa;</p> <p>• A Paz como atitude / comportamento fruto de justiça e amor.</p> <p>A falência de Paz: - a rutura das relações e do cuidar.</p>	<p>Síntese da aula anterior</p> <p>Os alunos são convidados a concluir o cartaz com sentimentos de Paz.</p> <p>Os cartazes são afixados na sala de aula.</p> <p>Seguidamente o professor questiona os alunos que quer dizer Paz?</p> <p>Após este diálogo o professor apresenta definições de Paz retiradas do dicionário.</p> <p>Registo no caderno.</p> <p>O professor apresenta a palavra Homeostasia, e questiona os alunos.</p> <p>Constrói-se a definição.</p> <p>Definição de Santo Agostinho de Paz.</p>	<p>Manual</p> <p>Marcadores Cartaz</p> <p>Computador e Projetor multimédia Quadro e caneta</p>	10	<p>. Atenção, empenho e participação na aula</p> <p>Cumprimentos das regras de sala de aula .</p> <p>Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.</p> <p>Respeito pelo grupo</p> <p>Cumprimento das tarefas propostas</p> <p>Grelhas de observação</p>
		5				
		5				
				Quadro/projetor		



MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

			<p>Distribuição por cada aluno de símbolos da Paz, para estes colarem no caderno.</p> <p>Projeção de imagens</p> <p>A aula termina com síntese final e despedida.</p>	<p>Caderno</p> <p>Projektor</p>	<p>5</p> <p>15</p>	
--	--	--	---	---------------------------------	--------------------	--



EMRC
2018



Definição de Paz

Paz – nome feminino

- 1.ausência de guerra
- 2.fim de uma situação de conflito armado
- 3.relação de concórdia ou harmonia entre pessoas ou grupos
- 4.tranquilidade; serenidade
- 5.ausência de ruído ou agitação em certo lugar ou momento

Paz de espírito

Ausência de inquietações (calma)

Paz eterna

- 1.morte
- 2.RELIGIÃO- repouso que, segundo os cristãos gozam os falecidos que à hora da morte, se encontram na graça divina.

Paz interior

Ausência de inquietações; Paz de espírito (espírito no dicionário Porto Editora é a parte imaterial e inteligente do ser humano)

Paz in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-12-26 21:58:14]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Paz>

Homeostasia - Processo de regulação através do qual um organismo consegue manter o seu equilíbrio.

Para **Santo Agostinho** “A Paz é a tranquilidade da ordem de todas as coisas” (d.C 354 a 430 d.C.)

Alguns símbolos da Paz



Antigo Testamento

Depois do dilúvio, Noé soltou uma pomba que regressou com um ramo de oliveira no bico mostrando que a água estava a regredir e que “tinha sido feita a Paz com Deus (Gn 8,8)



Durante a Idade Média, quando um povo se colocava fora de uma guerra ou batalha, hasteava a bandeira branca em sinal de trégua (pausa) e de Paz.



A vela (luz) significa a presença de Deus no interior do ser humano, como Paz e esperança de uma vida plena e justa.



Arco-íris une o céu e a terra e significa harmonia e a Paz com Deus e com o universo. A narrativa bíblica do dilúvio (grande inundação) descreve-o como símbolo da aliança de Paz entre Deus e toda a criação (Gn9,8-17)

Altruísmo – procurar o bem para o próximo.

“Nada se perde com a Paz, mas tudo pode ser perdido com a guerra”

Papa João XXIII, Pacem in Terris

Ecologia integral é uma proposta de ; uma ecologia que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o circunda.

Pode-se necessitar de pouco e viver muito.



Fig. 11

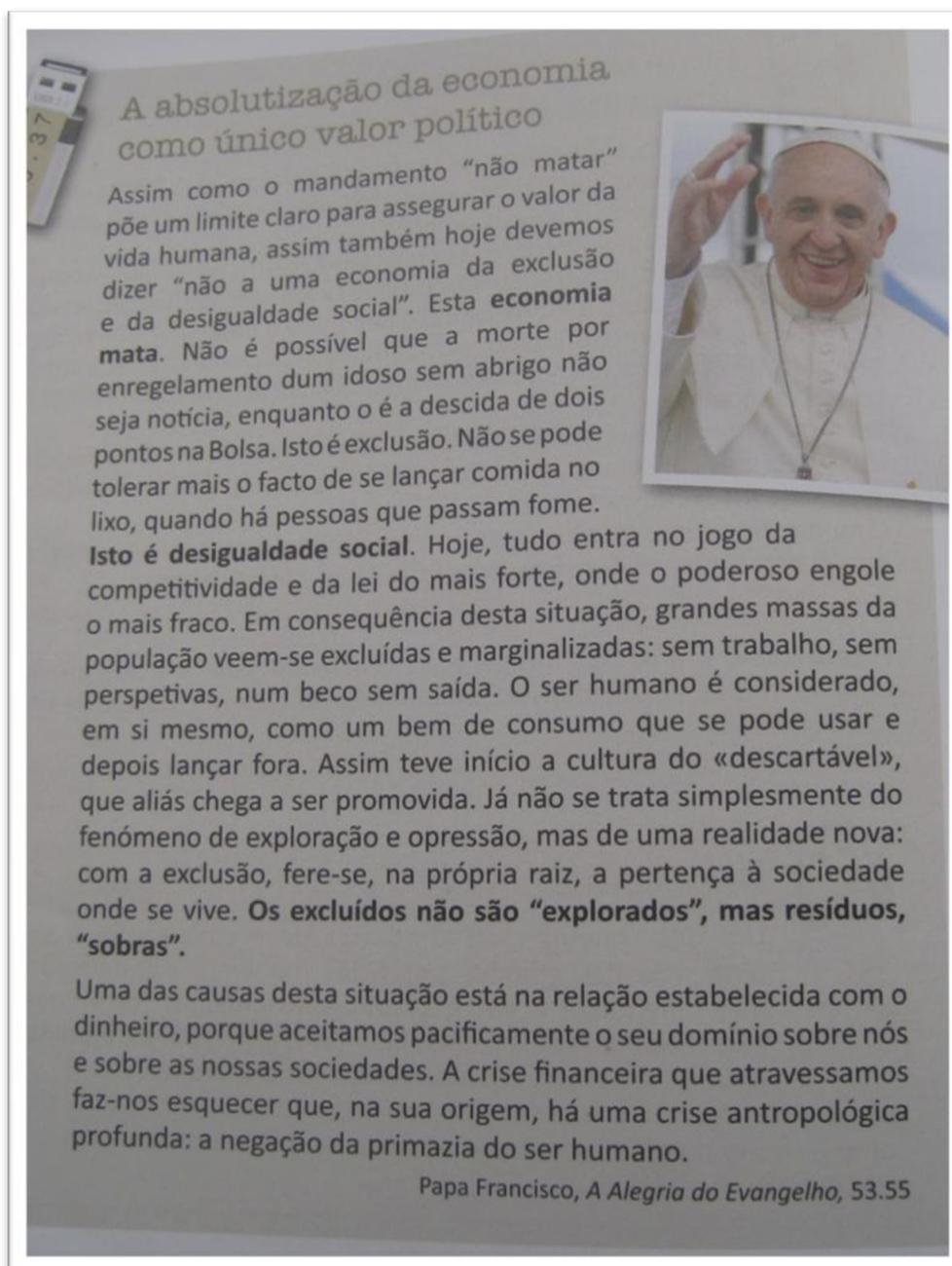


Fig. 12

Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si*, 24 de maio de 2015



Unidade Letiva: 4 – A Paz Universal

Aula n.º 3/6

Ano: | Turma: 8.º5

Data: 18 de janeiro de 2018

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>Acolhimento e Sumário</p> <p>SUMÁRIO:</p> <p>Continuação da aula anterior</p> <p>O direito à Paz. O saber ver e escutar.</p> <p>Promoção do bem comum (diálogo, perdão e reconciliação).</p>			<p>Acolhimento aos alunos.</p> <p>- Registo do sumário.</p>	<p>Caderno diário Quadro e caneta</p>	<p>.5 min</p>	<p>Assiduidade</p> <p>Pontualidade</p> <p>Empenho</p>
<p>O..Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>L. Promover o bem comum e o cuidado com o outro.</p>	<p>Valorizar a Paz como valor orientador do sentido da realidade humana.</p> <p>Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência de Paz.</p> <p>Reconhecer que o direito à Paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.</p> <p>Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de</p>	<ul style="list-style-type: none"> •A Paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa; • A Paz como atitude / comportamento fruto de justiça e amor. <p>A falência de Paz:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a rutura das relações e do cuidar. 	<p>Síntese da aula anterior</p> <p>O professor projeta a imagens e promove a análise e sentimentos que sugerem.</p> <p>Diálogo: o que poderá provocar conflitos?</p> <p>Distribuição de ficha de trabalho</p> <p>Escutar uma canção</p> <p>Análise da letra da canção</p> <p>Consolidação de conteúdos</p>	<p>Ficha informativa</p> <p>Computador e Projetor multimédia</p> <p>Quadro e caneta</p> <p>Registo no quadro</p> <p>Projetor</p> <p>Quadro/projetor</p>	<p>10</p> <p>10</p> <p>10</p>	<p>. Atenção, empenho e participação na aula</p> <p>Cumprimentos das regras de sala de aula .</p> <p>Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas.</p> <p>Respeito pelo grupo</p> <p>Cumprimento das tarefas propostas</p> <p>Grelhas de observação</p>



MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

	valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.				10	
--	--	--	--	--	----	--



EMRC

A Nossa Vez

Eu quero estar mais próximo do teu olhar
E viajar nesse mundo que só nos teus olhos eu posso ver
Eu quero gritar e ainda que me falte a voz
Ou te dizer bem baixinho no ouvido "agora é a nossa vez"
Vou marcar no meu corpo
a frase mais bela que existe de amor
E prometer nos meus beijos
que só nos teus beijos eu quero viver
E quando acordares eu quero lá estar
E vais perceber que o céu que tu procuras sempre foi teu

Eu quero estar ao teu lado pra sempre
Relaxa e deixa-me fazer-te sorrir
É ao teu lado que eu me sinto diferente
É ao teu, só teu

Quero-te levar a onde mais ninguém levou
Onde o ar cheira flores
E as flores são espelho de quem eu sou
Eu quero gritar ainda que me falte a voz
Aceita, agora é a nossa vez
E quando acordares eu quero lá estar
E vais perceber que o céu que tu procuras sempre foi teu

Eu quero estar ao teu lado pra sempre
Relaxa e deixa-me fazer-te sorrir
É ao teu lado que eu me sinto diferente
É ao teu, só teu

E quando eu te tocar, vais ver
Que este sonho é real, podes crer
E quando luz se apagar, vais ver
Que o nosso amor vai brilhar

E quando acordares eu quero lá estar
E vais perceber que o céu que tu procuras sempre foi teu

Eu quero estar ao teu lado pra sempre
Relaxa e deixa-me fazer-te sorrir
É ao teu lado que eu me sinto diferente
É ao teu, só teu

Eu quero estar ao pé de ti
Pra sempre ficar e nunca mais fugir



Perdão, o que é?

Perdoar significa querer restaurar a relação com o outro.

O perdão depende de quem o oferece.

Reconciliação é uma consequência do perdão. Só existe quando duas pessoas querem.

Todos temos direito à Paz, pois todos temos igual dignidade.

O que é a dignidade da pessoa?

Dignidade da pessoa - É a excelência própria da pessoa humana, dada a sua natureza espiritual e destino eterno, cujo respeito é a base de toda a sã convivência social.

Uma força quanto mais silenciosa mais poderosa é.

O amor e o perdão são forças capazes de transformar o inimigo em amigo.

O que quiseres que os outros vos façam fazei-o vós a eles (Mt 7,12)

Atividade

Apresenta e explica situações onde o ver o e escutar contribuem para a Paz.



Fig 14 Vídeo com canção “a nossa vez”

[https://www.youtube.com/watch?v=3-](https://www.youtube.com/watch?v=3-uPAP30NuU&list=RDEM95re2z7XPPe3E1seXrXhCA)

[uPAP30NuU&list=RDEM95re2z7XPPe3E1seXrXhCA](https://www.youtube.com/watch?v=3-uPAP30NuU&list=RDEM95re2z7XPPe3E1seXrXhCA)

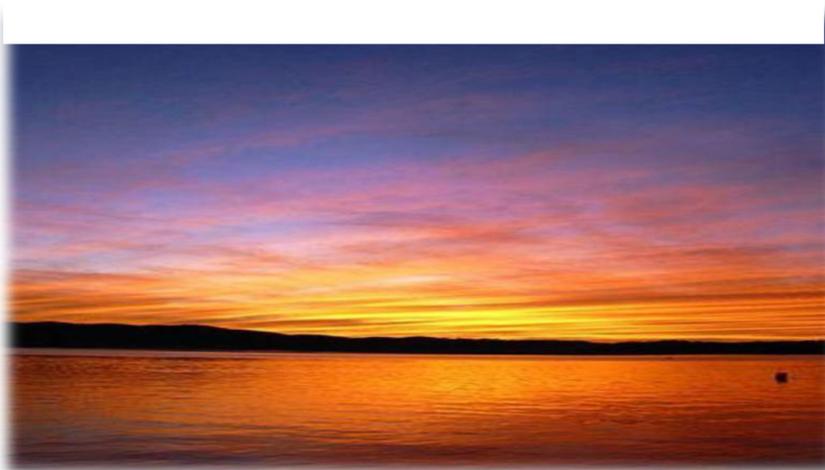


Fig. 15 Imagem com por do sol



Fig. 16 Poluição



Unidade Letiva: 4 – A Paz Universal

Ano: | Turma: 8.º5

Data: 1 de fevereiro de 2018

Tempo previsto: 45 min

Aula n.º 4/6

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: Instituições de promoção da Paz no mundo. Perfume para a Paz.			Acolhimento aos alunos. - Registo do sumário.	Caderno diário Quadro e caneta	.5 min	Assiduidade Pontualidade Empenho
Promover o bem comum e o cuidado com o outro.	Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	Instituições de promoção de Paz no mundo: - União Europeia ; - Organização das Nações Unidas;	Síntese da aula anterior O professor distribui um vela de cheiro na sala. Questiona os alunos sobre a vela. Que sentidos provocam? A partir de conhecimentos dos alunos apontar Instituições que contribuem para a manutenção da Paz. Analogia com um perfume que une fronteiras e povos. Distribuição de ficha de	Vela Computador e Projetor multimédia Quadro e caneta Registo no quadro Projetor Quadro/projetor Ficha de acompanhamento	10 10 10	. Atenção, empenho e participação na aula Cumprimentos das regras de sala de aula . Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas e fundamentadas. Respeito pelo grupo Cumprimento das tarefas propostas Grelhas de observação



MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

			acompanhamento Vídeos sobre nascimento da União Europeia.e ONU. Questões sobre os vídeos.		10	
--	--	--	---	--	----	--



Fig. 17 Vela de cheiro distribuída na aula a cada aluno



Fig. 18 Vídeo sobre o nascimento da União Europeia
<https://www.youtube.com/watch?v=Qv82zpw0Z4I>



Fig. 19 Vídeo sobre a ONU
https://www.youtube.com/watch?v=SomD6r_a5ac



EMRC



Atividade

Vê o vídeo sobre a União Europeia e responde às seguintes questões:

- 1- Quantos europeus terão morrido na segunda Guerra mundial?**

- 2- Quais os países fundadores da agora chamada União Europeia?**

- 3- Qual o principal objetivo da criação da União Europeia?**

- 4- Em que ano entrou Portugal?**

Vídeo 2- ONU

- 1- Quais os problemas globais que o vídeo apresenta?**

- 2- Quantos países fazem parte da ONU?**

- 3- A declaração Universal dos Direitos Humanos é de que ano?**

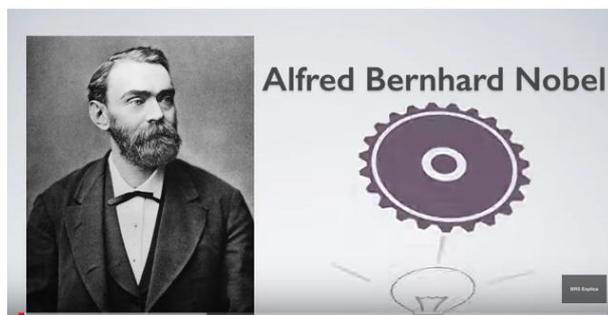


Fig. 20 Como surgiu o prémio Nobel?
<https://www.youtube.com/watch?v=QHSeHBowVbU>



Fig. 21 Madre Teresa de Calcutá
<https://www.youtube.com/watch?v=-IGOIFCZyak>



Fig. 22 Chocolate que foi distribuído aos alunos



Exercícios projetados no quadro

Vídeo sobre a União Europeia

Como é que a União Europeia nasceu?

Exercício

Quantos europeus terão morrido na segunda Guerra mundial?

R: Terão morrido cerca de 55 milhões de pessoas.

Quais os países fundadores da agora chamada União Europeia?

R: França, Alemanha, Países Baixos, Bélgica, Itália, Luxemburgo.

Qual o principal objetivo da criação da União Europeia?

R: Os problemas seriam resolvidos através do diálogo e não com armas.

Em que ano entrou Portugal?

1986

Vídeo sobre ONU

1- Quais os problemas globais que o vídeo apresenta?

R: Os problemas são: aquecimento global, epidemias, guerra e miséria.

2- Quantos países fazem parte da ONU?

R: Fazem parte 193 países

3- A declaração Universal dos Direitos Humanos é de que ano?

R: Ano de 1948. **Informação projetada no quadro**



Informação projetada no quadro

Doc. 19

Madre Teresa de Calcutá (1979/1997) canonizada em 2016

União Europeia porque contribuiu, "durante as últimas seis décadas, a promover a Paz e a reconciliação, a democracia e os direitos do Homem na Europa".

Saber+

Em 2012, a UE recebeu o Prémio Nobel da Paz pelos seus esforços em prol da paz, da reconciliação, da democracia e dos direitos humanos na Europa. A UE decidiu doar o prémio monetário (930000 euros) às crianças que não tiveram a sorte de crescer num país em paz. Além disso, decidiu complementar o montante do prémio, totalizando dois milhões de euros, que foram atribuídos a quatro projetos educativos destinados a crianças vítimas de conflitos.

2017	131	Campanha Internacional para a Abolição de Armas Nucleares	Austrália	"por seu trabalho em chamar a atenção para as consequências humanitárias catastróficas de qualquer uso de armas nucleares e por seus esforços inovadores para conseguir um tratado baseado na proibição de tais armas". ^[10]
------	-----	---	-----------	---



de reconhecer que a solução para as situações de conflito exige o reconhecimento da dignidade da pessoa, e de compreender a urgência de promover o bem comum e o cuidado do outro.



			<p>Varanda:: a Paz esteja connosco.</p> <p>Questionar os alunos sobre o que perguntariam a um astronauta</p> <p>.</p> <p>O Santo Padre e os astronautas.</p> <p>Dar um azulejo para colar no frigorífico a cada aluno. O azulejo é frágil como a Paz e ajuda a ter em ordem as necessidades, fixando um papel com os “lembretes”. O frigorífico poderá muito bem refletir o bem comum e o cuidar do outro. Se não der atenção ou cuidar, um dia não há bens no seu interior.</p> <p>Kahoot para avaliação final</p>	<p>Vídeo</p> <p>Computador e projetor multimédia</p>	<p>5</p> <p>10</p>	
--	--	--	---	--	--------------------	--

**EMRC****Lê o texto com atenção**

Era uma vez os dedos de uma mão que se zangaram uns com os outros.
Eram dedos da mesma mão,
mas estava cada um mais preocupado em ser dedo,
do que todos em ser mão!

Por isso, cada um começou a querer arranjar-se por si próprio.
Atiraram-se àquilo que podiam agarrar...
O polegar que pouco conseguia agarrar,
o mindinho que tinha pouca força,
o anelar que não tinha jeitinho nenhum,
o indicador que era ajeitadinho mas se cansava depressa
e o médio que era bastante forte mas muito desajeitado!

Cada um queria agarrar as suas coisinhas e construir o seu mundinho,
e ainda hoje não perceberam
que todos juntos agarrariam muito mais
do que cada um por si.

Era uma vez os dedos de uma mão que se zangaram uns com os outros.
Eram dedos da mesma mão,
mas estava cada um mais preocupado em ser dedo,
do que todos em ser mão!

Era uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes, cinco vezes...
Já são vezes demais!!!

Rui Santiago



A Paz esteja connosco

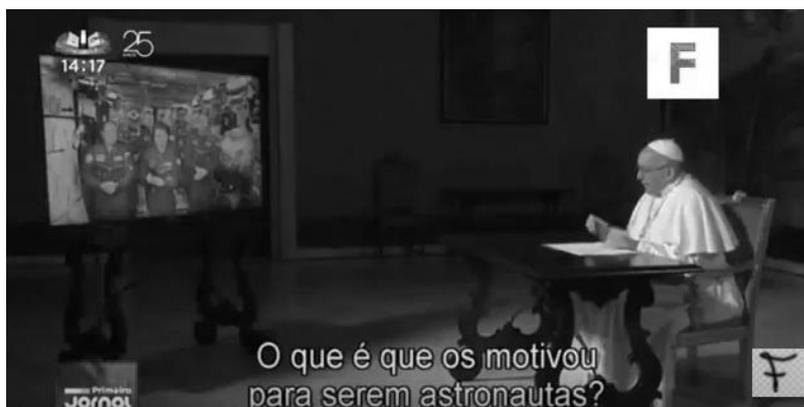
A Paz tem diferentes nomes no mundo. Nomes que remetem para contextos de vida em que os direitos fundamentais dos seres humanos, e de todas as criaturas, não são respeitados. Na violência, a Paz é doçura; na dominação, a Paz é liberdade; na ditadura, a Paz é autodeterminação e democracia; no silêncio imposto, a Paz é exercício da palavra; na miséria, a Paz é prosperidade; na doença, a Paz é saúde; no medo e no terror, a Paz é confiança, serenidade e segurança.

Para o cristão, a Paz não é um “apeadeiro da guerra”. Ela tem um Rosto. Jesus Cristo é a nossa Paz.

Esta é a boa-nova cristã, que é uma notícia de alcance universal: plenitude e alegria para toda a criação.

Isabel Varanda, *Na noite mora a promessa, uma espiritualidade para a vida comum* (Prior Velho: Paulinas, 2014),31.

Se tivesses oportunidade de conversar com um astronauta o que lhe perguntarias?





Doc.22



Fig. 23 Azulejos que foram entregues a cada aluno.



kahoot

The screenshot shows a Kahoot! quiz interface. At the top, the navigation bar includes 'Find Kahoots', 'My Kahoots', 'My results', 'FAQs', 'Support', and a 'New K!' button. The quiz title is 'Paz universal' (Universal Peace), described as 'A public quiz for schools'. It has 0 favorites, 1 play, and 19 players. The creator is 'anonioduarte', created 4 months ago. The quiz contains 10 questions, each with a 20-second timer. The questions are:

- Q1: A paz é um grande sonho da humanidade?
- Q2: Há só uma definição de paz?
- Q3: Santo Agostinho diz que a paz é... (Image: Quote by Santo Agostinho: "ORAÇÃO ATRIBULADO, O CORAÇÃO CHEIO DE ORGULHO É DERRUBADO")
- Q4: Qual das seguintes opções não é símbolo da paz? (Image: A lit candle)
- Q5: Supera-se o egoísmo com...
- Q6: Ecologia integral é uma proposta de justiça porque... (Image: A man and a tree)
- Q7: A reconciliação existe... (Image: Two hands holding a broken red heart)
- Q8: A resolução de um conflito exige...
- Q9: Qual das seguintes opções não promove a paz?
- Q10: Para um Cristão a paz tem um rosto que é... (Image: Jesus Christ)

Exemplo de questões utilizando Kahoot



Avaliação

Doc.24

Paz universal			
Played on	22 Feb 2018		
Hosted by	anonioduarte		
Played with	19 players		
Played	10 of 10 questions		
Overall Performance			
Total correct answers (%)	84,21%		
Total incorrect answers (%)	15,79%		
Average score (points)	7892,58 points		
Feedback			
How fun was it? (out of 5)	0,00 out of 5		
Did you learn something?	0,00% Yes	0,00% No	
Do you recommend it?	0,00% Yes	0,00% No	
How do you feel?	0,00% Positive	0,00% Neutral	0,00% Negative

Apresento apenas a média geral da turma devido à confidencialidade de dados.